ESFERA

REVISTA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

EDIÇÕES ELP

NÚMERO 7 — NOV-DEZEMBRO — 1938

REDAÇÃO:
Edifício Ouvidor
R. Uruguaiana, 86 — S. 805
Caixa Postal, 1.219
Rio de Janeiro
TELEFONE: 42-8835

Brasil .... 2$000
Estrangeiro .... 3$000

ADMINISTRAÇÃO
DIRETOR:
Maria Jacintha
REDATOR CHEFE:
Sílvia de Leon Chalréo
GERENTE:
Aureo Ottoni
SECRETÁRIO:
Frederico R. Coutinho

ÍNDICE

I N D I C A D O R

Era uma vez
uma menina sádica...

◆

A menina picou com o alfinete a face do professor de piano das irmãs de sua tataravó;

e as flores murchas que ha cem anos dormiam entre as folhas dos livros,

ressuscitaram transformando a bibliotéca num jardim.

As lagrimas de tres gerações de solitários

em que houve um inquisidor e um judeu

e varios centenarios,

e alguns fetos saidos da escuridão dos ventres para a escuridão do Limbo,

regaram aquelas caras esmaecidas no tempo.

A menina continuou a picar os ascendentes culpados

e até ao velho avô de longinqua duração

que por parecer-se com Noé e ter a cara patusca,

pagou pela culpa deste primeiro nauta

que recomeçou a creação podendo afundar o barco.

E ia picar o primeiro par responsavel por tudo,

quando á frente dos dois miseraveis desterrados e aflitos,

viu uma face dolorosa e estranha

em que não havia um logar siquer para sangrar.

J O R G E D E L I M A

Especial para ESFERA

Do pêso dos Ídolos na Evolução Histórica

CARLOS RELVAS

(Especial para ESFERA)

No fluir da historia, o endeusamento do homem, agitado como um símbolo, encarnação de qualquer principio superior à sua própria humanidade, representa uma regressão aos moldes duma mentalidade primitiva. Todo o trabalho de crescimento e elaboração das civilizações se define por uma luta do Homem contra os idolos. Primeiramente contra os externos, objectivados e definidos, que, nessa fase, recebem a sua fôrça de principios sobrenaturais; depois contra aqueles que internamente as tendências misticas, inconscientes e fantasistas criam, sob a forma de terrores e supertições.

Os ídolos, quer religiosos quer sociais, são símbolos de carácter subjectivo mas generalizado a uma colectividade e daí tiram a sua fôrça. Diferem assim essencialmtnte dos simbolos objectivos de cultura a que vão cedendo lugar e que se definem pelo carácter impessoal de superestruturas, caminhando a par e, de certo modo, como consequência de relações materiais.

Assim aconteceu na evolução da civilização grega onde os primitivos ídolos — divindades, realeza, herois — progressivamente se apagaram, ante a definição das fórmulas em que devia cristalizar a mentalidade da Grécia — "cité", diferenciado de classes, escolas filosoficas e artisticas — antes de entrar em desagregação. Em Roma, os símbolos que se definiram com a evolução social foram sobretudo administrativos e jurídicos. Com a Europa, os ídolos originais foram os das populações bárbaras — elemento renovador, no velho mundo romano — e os da lenda cristã inicial, factores que, parecendo antagónicos, acabaram por se fundir e assimilar, embora incompletamente. E assim foi na mentalidade primitiva e idealista dos germanos — por razões temperamentais e de momento histórico — e nas classes inferiorizadas de Roma decadente — por razões sociais de reivindicação de direitos — que o cristianismo encontrou o melhor terreno para se desenvolver e prosperar. Sôbre um mundo na infância, ainda ingénuo e pronto a receber tôdas as miragens sedutoras, e um mundo em decadência, desagregado e moribundo, alicerçou as suas bases o cristianismo oriental, adaptando-se ao clima para que foi transpôsto.

Durante a Idade Média assiste-se a uma libertação progressiva dos ídolos religiosos e místicos — fadas e duendes, lendas heroicas de cavalaria, divinização do clero — que se apagam ante a elaboração de estruturas gerais de carácter metafísico ou social com que a civilização europeia se definiu desde a Renascença ao século XIX.

Em tôdas as épocas, nos períodos de crescimento, o Homem se encaminhou dos terrores simplistas de que a sua imaginação rodeava os fenómenos que não sabia explicar, atribuindo-os ao "mistério" que personificava sob a forma mágica de ídolos, até à elaboração de fórmulas impessoais, psiquicamente controladas — metafísicas materialistas e espiritualistas — e à formação de superestruturas condicionadas pela evolução material — família, estado, direito, moral, etc. Quando esta evolução se cumpriu e os símbolos cristalizaram, a sociedade encontrou finalmente a sua razão de ser, o equilíbrio entre o seu desenvolvimento material e estrutural. Em breve porém êste equilibrio se rompe, porque novas condições materiais surgem, tornando desadaptadas as superestruturas anteriormente definidas que entram em dissolução, acarretando a decadência da civilização a que pertencem. Assim se explica a afirmação de que "o esteio duma sociedade reside na ausência das suas razões fundamentais", porque, se as encontrou, começa desde então a decompôr-se. Esta decomposição e decadência nao significa porém, como poderia julgar-se, um rebaixamento de bem estar material (na fase de decadência actual verifica-se até o contrário) mas uma perda das características essenciais da evolução histórica duma civilização. E' sobretudo no campo espiritual que se traduz, por um retôrno à mística e ao cáos — negação do direito, apologia da fôrça, racismo, desregramento de formas artísticas...

Os ídolos de que a sociedade, no campo religioso, se tinha libertado, durante a fase de crescimento, renascem agora sobre o terreno social. A mística reúne-se em volta deles, proclama-os "fuherers", "duces", "messias", "senhores dos povos" e as multidões agitam-nos como estandartes, expressões símbólicas das fôrças colectivas da animalidade primitiva que, com o revolver do cáos, voltaram á superficie do Homem.

Vila Verde — Portugal.

Na doce paz da noite um velho chora

ROSSINE CAMARGO GUARNIERI

A cadeira de rodas parou diante da janela. O céu escuro, cheio de manchas pardas, encheu os olhos do velho paralítico.

As crianças de D. Malvina continuaram gritando na casa visinha e o latoeiro parou de bater as suas latas.

O velho espiou o céu com os grandes olhos oleosos. Uma enorme tristeza invadiu seu coração. Eis o que era afinal a sua vida. Entrevado, velho, posto como um boneco sobre a cadeira de rodas, o seu destino tinha um muro pela frente. Tudo desfeito, tudo morto. Recordava a longinqua mocidade, quando ele, têso e lampeiro, fisgava cabrochas no largo da matriz de Pedra Branca. Que longe andava tudo isso! Lembrava-se de sua mãe, seu pai, suas irmãs. Mortos, sombras que não saiam de seu coração, figuras amigas que não morriam nos seus olhos doentes. Tereza... Tudo morto. Agora, era a vez dele. Estava na hora de curvar tambem a cabeça para um lado, fechar os olhos e deixar que tudo se acabasse, que tudo ficasse como o céu da noite — escuro, escuro — sem uma estrela, sem um brilho. Tudo parado, tudo morto. Precisava morrer. Quando não fosse pela molestia que o atormentava naquela prisão de rodas, seria pela filha que via nele um trambolho, um velho traste imprestavel tomando lugar num canto sujo da casa. Precisava, precisava morrer! Não podia, não tinha mais jeito para continuar suportando tudo aquilo, dando trabalho ao genro, á filha, ás netas. Era demais. Depois, o que poderia mais esperar, agora que a sua vida se resumia naquela coisa de todos os dias — xingos, xingos, xingos? Não. Não tinha razão nenhuma para continuar como um preso cumprindo penitencia. Nem ler podia mais. Nem isso, nem essa pequena alegria a vida lhe dera para o fim. Os olhos não ajudavam. Uma nevoa cor de cinza deixava tudo meio apagado, sem cor, sem brilho, sem vida. A força dos grandes olhos azuis ficára na redação dos jornais em que trabalhára durante quarenta anos, e naquelas leituras noturnas de que tanto gostava. Para que viver, então? Não. Era preciso morrer.

O tropel cadenciado dos cavalos cantava na lage da rua. Os cães uivavam longe, em longos lamentos abafados. Da janela do fundo, onde a sombra negra das arvores se espichava na terra, ele ouvia o triste rumor das cousas que se recolhem ao cair da noite. Vozes chamando crianças; ladridos; portas se fechando; talheres batendo nos pratos; carroças rodando sobre as pedras. Havia luzes se acendendo e ele ali, quieto, largado, sem movimento nenhum no corpo quase morto, ouvindo os rumores da visinhança, os gritos das crianças brincando de "pegador", de "cabra-céga", de "roda"...

O vento manso da noite brincava nos seus cabelos brancos e finos como paina. O velho espiava o céu pensando no seu destino, recordando passagens da sua vida, relembrando coisas mortas. Era êsse o destino da velhice.

Cinira chegou falando forte:

— Tá na hora de jantar. Querendo é só mandar que as "criadas" atendem, ouviu?...

A ironia o feriu como um punhal de ponta fina. Não havia criadas na casa. O que Cinira chamava de criadas era ela e as duas filhas. O velho balançou a cabeça tristemente. Vida pôdre!

Olhou a primeira estrela que vinha furando o negrume do céu. Olhou e sentiu vontade de chorar. A garganta sêca, apertada, uma dôr enorme no peito. Vida pôdre! Passou o lenço pardo pela cara enrugada, enxugou os olhos, assoou o nariz e suspirou fundo. Lá das profundezas dele mesmo vinha renascendo a ideia de todos os instantes: "E' preciso morrer". Ficou longo tempo enlevado, com os olhos fechados, escutando os segredos do proprio coração.

A voz de Cinira soou de novo:

— Si quer comer é bom que chegue logo porque aqui não é hospedaria... — falava de longe, sem olhar para ninguem, disfarçando a maldade.

A cadeira de rodas veio chegando, sem rumor, sobre os áros de borracha branca. Parou diante da mesa. As duas meninas olharam o avô e gritaram para a mãe que estava na cosinha:

— O bercinho já chegou, mamãe!...

O velho tossiu timidamente, escondendo a emoção. O vento entrando pelas janelas abertas balançou a lampada da sala, enfeitada com papel de sêda. A folhinha cerrilhou no enfeite de cartolina colorida. O velho desdobrou em silencio o guardanapo numerado. Tomou a colher e mergulhou-a no prato quente de sôpa. Remecheu lentamente o liquido cheio de bolas de azeite amarelo-esverdeado, curvou a cabeça para a frente e sorveu a primeira colherada de caldo.

Cinira puxou uma cadeira e sentou-se. Olhou o marido com o canto dos olhos. Estava ali outro traste. A barba grande, o mato brabo do cabelo cobrindo a beira do colarinho sujo e amarfanhado. Manuel tomava sôpa, assoprando-o, dando engulhos de afogado.

Cinira resmungou:

— Nesta casa só dá mesmo tiririca... Cré-

do! Parece praga... Menina, tire a mão do prato! — Dora encolheu a mão e ageitou o pequeno corpo na cadeira de pano trançado. Nilse estalou os dedos chamando o gato.

Manuel partiu o pão sem erguer os olhos da sôpa. Eram com ele agora aqueles xingos indiretos. Tiririca era ele. Já sabia. Espiou o sogro de relance, como querendo advinhar o que pensava o companheiro de infortunio. O velho, a mão esquerda apoiada na borda branca da mesa, tinha a cabeça curvada sobre o prato. Cinira continuou:

—... D. Marocas mandou cobrar o vestido da Nilse. E' melhor ir tratando de deixar o dinheiro porque não quero aturar prosa de ninguem, ouviu?

O marido balançou a cabeça molemente. Pensou, com raiva: o vestido da Nilse. Doze mil réis. Sim, senhor... Um dia de serviço. Tinha graça!... As cifras ficaram brincando nos seus olhos. 12.12$.$$$$.000.12$000... Enguliu um palavrão.

A folha da janela bateu com força na parede.

— Vai chover hoje. — murmurou Dora.

O velho espiou o céu atravez da janela aberta em frente. Nuvens pretas passavam correndo diante da lua. Longe, lá para traz dos morros, grandes clarões anunciavam chuva. As laranjeiras farfalhavam no quintal anoitecido. O vento soprou forte furando o ninho das folhas. Gravetos, pedaços de papel enscorregavam raspando no cimento, lá fóra. As folhas de zinco da coberta do tanque rangeram seus gemidos de lata.

—... vai chover.

— E' melhor recolher a roupa do quaradouro — arriscou Manuel, sem tirar os olhos da mesa.

— Já sei, patrão... E' bom que vá dando jeito nos quartos, botando a cara de banda... Não estou pelas medidas, hoje. — respondeu Cinira.

As crianças riram alto, esfregando as pernas arrepiadas.

— Que bom... vai chover.

O gato cinzento levou seu costumeiro pontapé.

Longe, um trovão gemeu na escuridão da noite.

— Vem agua, seu mano... — disse Manuel, espiando para o sogro. O velho não disse nada. Dobrou o guardanapo. Olhou de novo a noite atravez da janela, esfregou as mãos ossudas, pigarreou num gemido e tocou lentamente a cadeira para o lugar em que antes se achava.

Parou os olhos no céu agora sem uma estrela. Tudo negro.

Aquele prenuncio de chuva, aquele céu carregado de nuvens ameaçadoras, riscado pelos relampagos, povoado de trovões que pareciam vir de longe trazendo no misterio das guelas o gemido soturno da propria terra, aquele prenuncio era como a vespera tragica de um fim que se aproxima, era a misteriosa preparação para o "grande repouso", a grande paz ha tanto ambicionada. Ele assistia aquele espetaculo como se presenciasse ás cenas precedentes de sua propria morte. Como era belo o céu!... Nuvens em tropelia corriam assustadas para o norte. As casuarinas assoviavam vergando as pontas negras. Cada vez mais fortemente seu coração respondia ao apêlo de sempre: "E' preciso morrer. E' preciso morrer". Ah! como ia longe o tempo em que ele ambicionava viver! Aquele tempo quase apagado no cinema quieto da sua memoria cansada. Quantos castelos! Quantas esperanças! Viver!...

Fechou os olhos para o sonho das recordações felizes.

Cinira, menina ainda, doce e bôa como um presente de Deus, brincando num canto da casa de Pedra Branca. As trancinhas louras caídas para a frente, os olhos azuis embebidos no brinquedo. Tempo feliz, tempo feliz! E que silencio envolvia a velha casa! Somente o canario do alpendre acompanhando o barulho da agua caindo no tanque. Tereza, ali no canto da sala, sentada na cadeira de balanço, com o cestinho de crochet sobre as pernas, cantarolava uma velha canção que ele tantas vezes ouvira. A cantiga varava docemente o silencio na cadencia monotona do rangir da cadeira:

"Meu amor, olha pro céu,
teu bem-amado está distante..."

Tereza! Tereza! Tudo parecia um sonho desfeito, um grande sonho de paz que a vida destruira. Tereza! Boa Tereza...

As recordações, as doces lembranças de seu passado morto, estavam ali, desfeitas em lagrimas naquela triste noite que ameaçava tempestade.

De repente pensou em Deus.

Onde estaria o Deus de bondade que presenciava indiferente aquele fim de uma existencia cheia de humilhações e miserias? Onde? Onde estaria aquele Deus justo e perfeito, pai dos desamparados, de que sua velha mãe tanto falava? Onde estaria êsse Deus?

Viu-se menino, na sombra mansa do alpendre coberto de trepadeiras, ouvindo a mãe falar de coisas santas. Nossa Senhora, o Menino Jesus

entre burros e cabras na pobre estrebaria de Betlém...

A mãe, de fala cansada, ia dizendo os milagres, as virtudes dos santos:

—... Deus é bom, meu filho. O mundo é que não presta, os homens é que são máus. Deus, quando fez o mundo, desejou o bem para toda gente. Os homens, depois, é que estragaram tudo pela ambição, pelos vicios. Homens máus, sem virtude nenhuma...

— Chico Benevides, mamãe?

— Sim, meu filho. Homens como Chico Benevides é que fizeram o mundo máu e botaram os outros no caminho da perdição.

Ele sentia, então, um grande medo de Chico Benevides que ficou sendo para sempre a imagem do homem máu.

Chico Benevides era tanoeiro e morava na parte alta da vila, no velho Tanque do Moinho. Todas as noites, depois de ter bebido como um louco, vinha fazer arruaças na vila. Provocava todo mundo. Mal a tarde descambava, lá vinha Chico Benevides beirando a cerca da chacara de Teotonio Mendonça. Lá vinha ele balançando as pernas moles, com os olhos vermelhos como duas pintas de sangue coagulado, falando, falando com gente que ninguem via. Só mesmo Chico Benevides sabia com quem vinha conversando em voz alta, xingando, discutindo preços. De repente, estacava no meio da estrada, enveredava para um lado, e gritava, gesticulando como se estivesse agarrado ao pescoço de alguem:

—... ah! não póde? Toma, cabra safado! Toma! Tá pensando que sou femea de mosquito, seu frouxo? Toma, quadrado... — e bracejava, dava sôcos no ar, apoiava as mãos no chão, dando golpes de capoeira. Depois, serenava e continuava caminhando, olhando para traz, mostrando os punhos fechados, ameaçando voltar.

Ninguem sabia explicar o que era aquilo. Quando Chico Benevides vinha descendo do Tanque do Moinho, as crianças se escondiam, gritando pelas mães.

Ele tambem, quantas vezes se escondera cheio de pavor ao vislumbrar o bebado que vinha gritando o seu odio, prometendo, irado, a sua vingança!

Chico Benevides...

"Homens máus, sem virtude nenhuma..."

Histórias...

Hoje, até ele não podia mais acreditar naquelas coisas que sua mãe falava com tanta fé. Ele havia aprendido, aos trancos e pontapés, que a vida ruim é que endurece o coração dos homens e que Deus, a ideia de Deus nada resolve. Um mundo cheio de injustiças e miserias, um mundo pôdre, capenga, como um côxo, como poderia ser governado por um Deus? Não. Eram potócas, mentiras tôlas em que sua mãe, ingenua, acreditava. A miseria da sua velhice desamparada e atormentada era bem um atestado de inexistencia ou da crueldade de Deus. Bobagens... Historias... De nada adiantam as rezas interminaveis, as súplicas para despertar a clemencia de Deus! Ele tinha compreendido, tarde embora, que o mundo só poderia ser salvo pelas mãos do proprio homem, a vítima imediata do desconcerto das cousas.

Ah! tempo feliz...

A chuva caia batendo no zinco da coberta do tanque. A agua marulhava nas biqueiras, assoviava na bôca do rálo.

O velho não se moveu. Continuou ali revivendo o seu passado.

Cinira recolheu as crianças, resmungando contra a moleza de Manuel. Bateu portas. Xingou.

O choro de Dora chegou até a sala escurecida.

— Cala a bôca, peste ruim! Tá querendo é couro, sua bisca sem vergonha!

A menina ficou fungando no travesseiro. Nilse ria.

Longe, muito longe os cães continuavam latindo sob a chuva. Vinham vozes da casa de D. Malvina:

— Deixa o gato, menino! Vá deitar!

O relogio de cuco assinalou dez horas.

●

Quando acordou, o céu estava coberto de estrelas e os galos cantavam longe na madrugada em silencio.

Estremunhou num longo bocejo. O corpo doia. Olhou para fóra. Da copa da laranjeira as gotas caiam sobre um pedaço de lata. A enxurrada marulhava no rálo. Dora choramingou, dormindo. A cama de Cinira rangeu, estalando nas tabuas. Que horas seriam? Não tinha mais noção do tempo decorrido. Na esquina proxima, uma carroça passou num rumor de correntes sacudidas. Cerrou os olhos de novo. Que moleza no corpo! Apalpou as pernas inertes. Pensou na molestia. Teria cura? Qual!... Dr. Gregorio é que vivia falando essas bobagens. Onde já se viu velho paralitico ficar bom? Besteiras. Estava era no fim. Não tinha mais jeito, não. Apalpou os joelhos. Sentiu nas mãos a sensação de tácos de madeira. Sim, eram de páu as suas pernas. Carnes duras, sêcas, sem governo, sem vontade como páu. Antes tivesse perdido as pernas. Arrumaria duas muletas de madeira e tudo estaria arranjado. Desgraça era ter pernas de carne, aparentemente perfeitas, sem poder sair daquela cadeira de rodas. An-

tes a morte. E o que adeantou todo aquele dinheiro gasto em remedios? Nada. A prova estava ali, naquelas pernas sem vida.

Mansamente começou a rever os dias anteriores ao aparecimento da molestia.

Trabalhara muito naquele fim chuvoso de novembro. Chegava em casa sempre derreado, sem animo nenhum para coisa alguma. Queria descansar, nada mais. Jantava, calçava os chinelos, pegava um livro da estante e tocava para o quarto. Mal começava a leitura e já os olhos se cobriam de uma nevoa cor de cinza, muito tenue a principio. Depois apagava a luz de cabeceira, pensava um pouco no trabalho do dia seguinte e pegava no sono.

Naquela noite chegara em casa mais cedo. Passara muito mal durante o dia. Dor de cabeça violenta, uma ansia, uma ansia esquisita que nunca sentira na vida. Quando falava, tinha a impressão de que a lingua estava presa, inchada dentro da bôca. Queria cuspir e sentia a sensação de uma coisa prendendo a saliva grossa e gosmenta. Por volta das seis horas, pediu licença e saiu. Na passagem do Bêco do Costa, proximo de casa, sentiu as pernas moles, um escurecimento nos olhos e as mãos tremendo. Suava como se tivesse tomado chá de sabugueiro. A cabeça parecia estalar. Quiz chamar alguem, mas não pôde. Caiu de joelhos na calçada. Tentou erguer-se. Caiu de novo. Não viu mais nada. Sentiu apenas que desapertavam suas roupas e que falavam em seu nome. As vozes iam sumindo, sumindo, ficando cada vez mais longe, apagadas, se esgarçando como um bolo de fumaça.

Muitas horas depois foi recuperando a consciencia. Ouvia muito longe um barulho de canos martelados. Vinha chegando, cada vez mais forte. Depois foi se afastando de novo. Gritos longos vinham de alguma parte. Depois o silencio. Parecia que tudo tinha morrido. Só o seu coração pulsava cadenciado, latejando dentro da sua cabeça. Abriu os olhos. Havia uma lamparina tremelicando no copo de azeite. Cinira estava ali, parada, com uma caneca na mão. D. Malvina, sentada numa tripeça, olhava a cara dele com os dois olhos de espanto. Não compreendeu o que significava aquilo. Teria acontecido alguma coisa? Não. Decerto estava sonhando. Apalpou a cara. Sentiu a mão espinhada pelos fios da barba grossa. Engraçado! Nunca deixara a barba crescer assim a ponto de senti-la nos dedos. Era extranho! Olhou para os pés lá na outra ponta da cama. Quiz encolher as pernas, mas não pôde. As pernas pareciam de borracha, inertes, pesadas, sem vida. Não compreendeu. Sentiu sêde. A lingua pastosa parecia uma bola de palha. Tentou falar. As palavras se enrolavam na bôca, pesadas como chumbo. Ouviu Cinira dizer:

— Está voltando...

Voltando o que? Seria com ele que Cinira falava? Não. Decerto era com D. Malvina. Ergueu a mão direita e quiz apontar a bôca para dizer que estava com sêde e queria um pouco de agua. O braço mole antendeu, lerdo, depois de um longo esforço. Que coisa mais esquisita! Sentiu agua escorrendo no peito, molhando a camisa. Vozes, vozes, vozes, numa confusão absurda. Cerrou os olhos, cansado.

•

Depois, foi aquilo que todo o mundo sabia. O desemprego, a cadeira de rodas, os gritos de Cinira. E os anos foram passando. Vida pôdre!

Arrastava a cangalha do corpo como quem cumpre um castigo: sem vontade, sem animo nenhum.

Agora estava ali, taréco velho, entrevado, tomba daqui, tomba delá.

Parou no céu os olhos angustiados.

— Até quando?...

Ninguem lhe respondeu. Nem a sombra da laranjeira que se espichava na terra, nem os cães que ladravam na doce paz da noite, nem as estrelas que cintilavam no céu da madrugada.

Escondeu o rosto nas mãos.

— Tudo perdido!

Longe, um galo cantou anunciando a alvorada.

(Inédito para "Esfera")

Depoimento pessoal

EDISON CARNEIRO

A reedição das *obras completas* de Castro Alves — na "edição critica" do sr. Afranio Peixoto — vem trazer novamente a figura do Poeta para o tablado das discussões literarias.

A proposito, lembro-me que publiquei, ha um ano, um estudo sobre Castro Alves, onde cometi varios erros, que vou enumerar.

Ora, escrevendo sobre o Poeta, fiz um livro pequeno, de menos de 150 paginas. Francamente, eu imaginava estar escrevendo para um publico alfabetizado — e não julguei necessario entrar em minucias. Isso me desagradaria pessoalmente, porque me faria tomar a posição de quem repete, com imponencia, simples lugares-comuns... Não escrevo sob medida. Foi um mal para o livro eu ter traçado apenas as linhas principais. O livro saiu pequeno — e quem, por aqui, acha bom um livro pequeno?

O que eu não podia imaginar era que o velho Eça de Queiróz (no *Egito*, me parece) tivesse razão tambem no Brasil: aqui, como em Portugal, é preciso explicar tudo...

Mas, si eu tivesse de publicá-lo hoje, um ano após a sua publicação pela Livraria José Olimpio Editora, suponho que o meu ensaio sobre Castro Alves seria ainda menor.

Nunca me passou pela idéa fazer uma biografia do Poeta. Eu fiz uma interpretação *politica* da obra de Castro Alves, citando exemplos em meu favor. Envolvi-o nos conflitos da éra moderna. De nada adiantou, apezar de eu ter escrito em lingua portuguêsa, simples e claramente. O sr. Otavio Tarquinio de Souza, por exemplo, disse, a proposito, que em Castro Alves "cada um podia achar aquilo de que necessitasse". Nem mesmo uma leitura superficial da obra do Poeta autoriza uma afirmação tão oportunista. Quando o sr. Plinio Salgado, no curso da sua demagogia, quiz fazer de Castro Alves um integralista, escrevendo-lhe uma carta-aberta cheia de adjetivos, — Aydano do Couto Ferraz pôde, sem grande esfôrço, desmascarar a mistificação, citando os versos do Poeta:

Maldição sobre vós, tribuno falso!
Bardo que a lira prostitu'es na orgia
— Eunuco incensador da tirania—
Sobre ti maldição!

que melhor se ajustavam á ocasião — e ao individuo. De fato, é inutil procurar em Castro Alves qualquer apoio á tirania. O leitor encontrará, milhares de vêzes, as palavras "liberdade", "democracia"... Ele tambem fala em tirania, mas só para execrá-la.

Mas o erro não foi só do sr. Otavio Tarquinio. O prof. Renato Mendonça descobriu que Castro Alves não podia ter conhecido Karl Marx, porque "Karl Marx só veiu a publicar o primeiro volume de *o Capital* em 1867", e afirmou que eu "sacrificava a cronologia" aos interesses de meu ponto de vista. Mas quem, por ai, não sabe que o *Manifesto Comunista*, foi publicado em 1847? Eu até podia, si quizesse, enxergar ai uma estranha coincidencia, pois foi exatamente neste ano que nasceu o Poeta...

Um ponto, entretanto, em que ninguem fez reparo foi a terceira parte do ensaio, em que eu digo que Castro Alves é o maior Poeta da America. Foi um erro meu. A poesia tem tambem os seus alicerces geograficos — e os poetas de diversos países não pódem ser medidos com uma regua... nem com um fio a prumo. Isto, naturalmente, não diminue Castro Alves. Sem duvida' êle é o poeta americano em que o tema da America é mais constante, quasi um *refrain*. Mas que póde um brasileiro saber, com o coração, da importancia de poetas estrangeiros, Walt Whitman, Amado Nervo, Asunción Silva?

Sómente Aydano do Couto Ferraz lembrou que eu devia ter tratado da atual poesia negra dos Estados Unidos, de que Castro Alves foi, de algum modo, o pioneiro na America. Apezar de ser um tema muito vasto, seria interessante estudar a poesia realmente de negros da America — Claude Mc Kay, Langston Hughes, James Weldon Johnson, Countee Cullen, — em relação á poesia de Castro Alves. Que fazer, neste setor, num país que quasi nem — um intercambio cultural tem com os demais paises do mundo?

Eu podia, tambem, ter dito mais coisas a proposito dos amores de Castro Alves. Humberto Bastos, de Alagôas, ha tempos escreveu um artigo muito interessante sobre a preocupação dos seios na obra o Poeta,citando, mesdo estes versos:

...a folha que treme,
como um seio que pulou...

inteiramente significativos. Ainda outro dia, o poeta Sosigenes Costa me escreveu: "Você

mais Mario de Andrade elogiam Castro Alves por ser *homem* quando fazia versos. Ele só podia mesmo sê-lo tanto... na harpa eólea. Um homem que vivia eternamente inspirado como Castro Alves não podia ter a vida sexual intensa que vocês querem, por motivos indiscretos de adoração falica. Não era sem motivo que dona Eugenia Camara recorria ás potencias alheias..." São observações que merecem maior estudo. Mas, em geral, os amores do Poeta só me interessavam como *um aspeto* da sua figura humana. Não sou literato: sou apenas um pobre ensaista.

Suponho que fui o primeiro a fazer restrições a Castro Alves. Falo de, sem partidarismo, negar valor a alguns dos seus poemas, achar deficiente a sua interpretação dos fatos do mundo. Disse eu que *a Mãe do Cativo* era uma "poesia a ignorar" e que a *Mater Dolorosa* era uma poesia reacionaria. Disse que êle não chegara a compreender todo o mal que a escravidão poderia fazer ao povo brasileiro. Não posso, portanto, levar o titulo de "admirador" de Castro Alves, pelo menos no sentido pejorativo (tal como si eu fôsse um "admirador" cégo) que lhe emprestaram certos criticos. Nem fui tão simplista como pareceu ao sr. Otavio Tarquinio de Souza, que me atribuiu uma interpretação *estatistica* da poesia, apenas porque eu acredito, como os homens do meu tempo, no papel *ativo* da arte e afirmei que "o valor de um poêma está na soma de individuos por êle realmente influenciados, de modo simples e direto". Nem fiquei "afobado" perto de Castro Alves, como disse o meu amigo Rubem Braga. Acho que a minha "afobação" foi perto do publico nacional. Eu devia ter me lembrado de Eça de Queiróz...

Não caí no erro de verberar o Poeta por amar Eugenia Camara, atriz de segunda ou de terceira classe, de acôrdo com o sr. Agripino Grieco. O amor não se discute. Não quis dizer, mais, que Castro Alves não sabia escrever — e que o sr. Afranio Peixoto conservou todos os erros do Poeta na sua "edição critica" de 1921 e nesta reedição de 1938. Por exemplo, no *Vidente*:

Em toda a fronte ha luz, em todo o peito amores
em todo o céu estrelas, em todo o campo flôres...

versos onde está claro o sentido indefinido, geral. Não falei nas traduções do Poeta, nem na tal "Juvenilia", e só rapidamente me refiro á sua correspondencia e á sua obra em prosa. O Castro Alves que pertence ao povo, era o que me interessava —e não o que pertence á Historia literaria. Rejeitei uma calamidade dramatica chamada "A prole dos Saturnos" e estudei, em relação ao nosso tempo, o drama "Gonzaga", um drama em que o Poeta "dialoga a Imortalidade". Pude mostrar, assim, que Castro Alves estava vivo, humano, que a sua vóz ainda ecoava no Brasil, que Euclydes não estava certo em considerá-lo apenas o poeta da mocidade, porque Castro Alves, com sua extraordinaria vitalidade, com a sua assombrosa resistencia ao tempo, não cabe em definições restritivas. Poeta de todo o Brasil, êle fala a todo o Brasil. Está sempre atual e presente. Prova-o o fato de ter esse Poeta, numa terra onde se lê tão pouco, mais de 60 edições, todas esgotadas tão rapidamente surgem. Penso, emfim, que restituí, com o meu ensaio, todo o tamanho á figura de Castro Alves.

Não pensou assim o sr. Otavio Tarquinio de Souza, que escreveu: "Não encerra, pois, o livro do sr. Edison Carneiro nem uma contribuição original, nem uma nova interpretação do poeta..."

Olavo Bilac tinha razão: "Jamais vereis país como este..."

Não quero terminar esta nota sem lembrar uma piada de Pinheiro Viegas, em certo dia de bom humor:

— As melhores obras de Afranio Peixoto são as *obras completas* de Castro Alves, menos o prefacio e as notas.

(*Especial para ESFERA*)
(*Baía*)

Quatro ideias e quatro pontos cardiais

A SERGIO SOARES

Quatro idéias eu terei depois do meu aniquilamento;
e quatro gestos terão as minhas mãos inértes;
e quatro visões gloriosas terão os meus olhos cegos;
e quatro sentimentos harmoniosos terá o meu coração paralisado;
e quatro palavras fundamentais partirão como acenos,
da minha bôca emudecida.
E então o meu cérebro renascerá como uma flôr que tivesse emurchecido
sob as exhalações cáusticas dos pensamentos pecadores.
E então o meu coração pulsará com um ritmo novo,
e as suas palpitações serão ouvidas a milhares de quilômetros,
como o éco longínquo de uma mensagem de paz e de amor.
E então as minhas mãos se desfraldarão
e recolherão toda a aura dos quatro pontos cardiais,
e espargirão sôbre as chagas de todos os que sofrem,
as bênçãos do confôrto e o polen milagroso.
E então os meus olhos fugirão das órbitas e ganharão o espaço,
como dois pirilampos que fugissem ás alucinações do mundo.
E então na minha bôca se desencadearão vendavais equatoriais
e rugirão ciclones polares, o sirôco, o simun,
ventos de todos os quadrantes,
que os pássaros interpretarão como uma fanfarra ruidosa
festejando a chegada do Rei dos Ornitorincos;
e que os répteis julgarão como o nascimento do Dragão Redentor;
e que os quadrúpedes interpretarão como um prenúncio de sua Libertação.

RUI DE CARVALHO

(Especial para "ESFERA")

Strauss, cerveja e sonho

(Especial para ESFERA)

ATHOS DAMASCENO

— Certa noite, em Viena...

Nós vinhamos do colorido barulho do Parque de Diversões e caimos de chôfre núm bar tirolez da rua Z.

O cansaço teria sido uma razão para entrarmos e sentarmos. E a sêde outra razão, mais poderosa ainda, para bebermos uma botija da amavel cerveja austriaca.

Não foi, porem, nenhum dos dois motivos.

As nossas pernas, ás vezes, nos carregam para o céo ou para o inferno, sem consultar-nos e, naquela noite, foi o que sucedeu.

Entramos. Não falarei do cheiro de arenque, que andava no ar. Nem do aquario redondo, onde vagos peixinhos amarelos moviam, lentas, as barbatanas transparentes. E muito menos do bávaro bojudo, que, atráz do balcão alto, se atarantava com copos e garrafas.

Direi, para começar, que, em poucos minutos, fiquei só e o culpado de haver-me separado dos amigos foi Strauss.

Que valsas!

Na casa grande dos avós, a tia tocava citara. Eu tinha seis anos de idade e uma cara diluida, de onde escorriam dois olhos de uma tristeza idiota demais para uma criança.

A velha dizia assim:

— Lentz, tóca aquela, a "Sobre as ondas"...

A tia botava o busto magro por cima dos braços de aranha, fazia um esforço para frente, como quem vae empurrar um movel pesado, e arrancava (arrancava, sim!) da citara as primeiras notas.

Já era tarde? A hora era de recolher-se?

De certo. Mas eu ficava. E ficava, irresistivelmente preso áquelas melodias que dali por deante se sucediam, fuchicavam até noite alta.

Da tirânica influencia que tem sobre mim a musica resultam-me estas orelhas impertinentes, curiosissimas, que andam sempre á procura de qualquer coisa, no ar.

Repare. Eu agora estou falando, parece que me despreocupo de tudo quanto não seja o meu assunto. Não é verdade. Neste instante, estou controlando o volume da minha voz, tonaliso, ao meu gosto, os sons que articulo, ora agudos, ora graves, depois baixos.

Ha pouquinho estava em Viena. Dei um salto — e transferi-me para aqui. Sabe por que? Certos ruidos familiares me entraram na alma, como um sopro, me invadiram o mundo interior e me devastam implacavelmente.

Por causa deles deixei o bar tirolez, ponho-me a percorrer velhos corredores conhecidos, chego até á sala grande — e fico deste tamanhinho.

Ali está, por exemplo, o senhor José Felicio, batendo com os dedos grossos e curtos no prato de borco.

A janéla, que abre sobre o pateo largo, emoldura a paineira enórme, verde, folhuda.

Da cosinha vem um cheiro... um cheiro de... Não tenho memoria para os cheiros e isto não tem importancia.

Ia me esquecendo do relogio. Era um cúco. Tinham trazido da Alemanha. Naturalisou-se brasileiro atravéz de uma oficina, onde lhe mudaram as córdas, o que vale dizer que lhe alteraram o carater.

O meu maior encanto era recompôr-lhe a fisionomia sonora, restituir-lhe os tic-tac de origem, reintegra-lo, enfim, na sua personalidade perdida.

Apanharam-me, um dia, a inqueri-lo.

— Mas não é que essa criança está ficando maluca?!

Afirmei que não. Que era brinquedo. Bobagem.

Eu sabia, porem, que tudo aquilo estava certo. E o relogio tambem, porque me respondeu com um movimento muito expressivo da pendula.

Em Viena, a coisa se deu por causa de Strauss.

Ora ,as valsas têm essa virtude: — se acamaradam depressa com a gente, fazem-se intimas e quasi sempre amantes. Acessiveis, modestas, economicas não exigem nenhum esforço de compreensão e não pedem mais do que o tempo que se gasta fumando um cigarro.

Das musicas remediadas é a única que pertence ao sexo feminino — e isto já é uma gentileza.

As outras, ou são aristocraticas e pre-

HAI-KAÏS

Para Mario Souto Maior

ALVARO YUNQUE

INTRUSO

Imsomne, el odio
es un grano de arena
que está en tu ojo.

LA TÉCNICA

Si el andamiaje
cuesta más que tu casa,
tu arte no es arte.

IDOLO

Eres un ídolo,
orgullo, estatua - en yeso -
del egoismo.

SOL Y LUNA

Fe y sugestión:
El sol es evidente
la luna, no.

NINO ENFERMO

Existe nada
más triste en este mundo
que agua estagnada?

BUENOS AIRES

Especial para
ESFERA

tenciosas, como as gavotas, por exemplo, ou mesquinhas e reles como as modinhas.

Peço-lhe que não leve a serio o fato de estar aquí a confundir música, dansa e canto.

Para mim tudo isto é uma coisa única: — sons, notas, escalas.

Se aturdem ou acalentam, irritam, ou abrandam — não discuto: — é música.

Quando entrei no bar, um demonio ruivo deixava o saxofone a um canto e um outro passou a tocar piano.

Com a segunda botija de cerveja, renunciei ao resto do mundo, senti nascerem-me á altura das axilas duas azas tenues e, como a gente é leve quando sonha, em pouco estava voando.

Não sou dono de uma grande imaginação. Ha momentos até em que considero esta pobreza uma indignidade.

Mas, como ando sempre com sono, durmo e, dormindo, estranhas paisagens me decoram o vasio interior.

Naquela noite fiz assim: — levantei a gola do casacão, distendi bem as pernas, fechei os olhos...

As minhas orelhas, atentas e sabias como são, acusaram o Danubio Azul.

Amanheci em Budapest, depois de ouvir valsas durante toda noite, rio afóra num desses *gaiolas* que trazem cortinas brancas e rendados nas vidraças...

●

Nesta altura da conversa, pretextei assunto urgente e retirei-me. Desejaria embarcar para Budapest tambem mas a hora era impropria e, finalmente, ir a fim de linha de arrabalde, para quem tem imaginação, não deixa de ser uma viagem.

A' saida, quem me falava, concluiu:

— Em Viena, até os grandes compositores têm ouvido...

Como um velho tapete

Especial para ESFERA

ABELARDO ROMERO

Apezar da memoria estragada eu ficava com certas palavras dependuradas no ouvido. Acordava tarde e ficava no quarto. Entretanto havia sol na area, no telhado e a vidraça ainda estava molhada de lua. Na rua as creanças chutavam bola, deslizavam bicicletas e os pardais passeavam no muro. Pela calçada passavam creaturas alegres, e eu ali, murcho e mole, completamente inativo. Acordava tarde para não ter que passar o dia todo na rua á procura de emprego, escutando o estribilho: Que é que sabe fazer? Eu sabia algumas linguas e escrevia para os jornais. Tambem era só o que sabia. A resposta era sempre a mesma. Não servia para o logar. Estava se vendo — diziam — que eu era um rapaz culto, educado, etc. E eu tinha que dar as costas, saíndo desenganado. As mulheres bonitas passavam pela calçada e eu não me empregava porque era um moço que sabia alguma coisa. Uns queriam saber se era o primeiro emprego, e eu tinha que contar o motivo daquela via crucis. Contava que tinha um parente e que este parente arranjara com um ministro um logarzinho que dava par ir passando... Trabalhei, dizia eu, mais ou menos quatro anos. Ao cabo dos quatro anos o parente brigou com o ministro e o ministro vingou-se, atirando-me fóra, como se se tratasse de um velho tapete. Meu parente era rico e o ministro era rico. Eu... eu era um tapete. Por mais caro que tenha sido, um velho tapete não pode gritar. Tem que ser mudo, e não ha peior castigo no mundo do que a gente ser mudo. Foi daí que me veio a neurose, esta neurose horrivel. Nunca mais consegui ter socego, ao passo que o ministro, que não sabia linguas nem escrevia para os jornais, passou a comer do bom e a vestir do melhor, tomando a sua Veuve Cliquot, no Casino, cercado de boas mulheres. Enquanto ele gozava eu me via obrigado a largar os estudos, a vender os livros, a empenhar o relogio, a capa de gabardine e os aneis do noivado. Uma miséria! A's vezes procurava um consolo nos livros santos.

Lia Job, o Eclesiastes, do começo até o fim. Mas, oh! aquilo me desfibrava. Depois perguntava a mim mesmo para que trabalhar. Job tinha não sei quantos camelos, não sei quantas jumentas, não sei quantas ovelhas, e de repente ficou pobre como Job. Para que trabalhar, para vir Deus e tomar todos os bens de Job? Para que trabalhar, para vir um ministro e tomar nosso pão? Já não havia pomares, nem lagos de leite, nem rios de mel. Tudo isso era fabula. O que havia era a grande cidade vestida de pedra e cal, calçada de bitume, com o seu colar luminoso de janelas acesas. O que havia era a grande cidade, a Babilonia de automovel onde tudo se vende e onde tudo se compra, até mesmo o ar atmosférico. E eu tinha que trabalhar. Ficava no ponto dos bondes, chocando.

Quando vinha uma idéia elevada eu afastava esta idéia porque via que era elevada demais para o meio. Dia a dia eu ficava mais magro, mais triste, mais tapete. Cheguei ao extremo de não ter confiança em ninguem, nem em mim mesmo. Era muito difícil recuperar a confiança.

E eu não queria pensar no futuro. Houve tempo em que eu só pensava em morrer. Pensava continuamente. Era tão constante a idéia que eu já estava acostumado com ela. Muitas vezes almocei conversando com a morte. Conversava em voz baixa, em tom serio, porque nesse tempo não se via um sorriso em minha boca. Eu queria ser triste, queria que todos, velhos e crianças, fossem tristes como eu. Para que alegria? Não pensavam na morte? — indagava. Amanhã ou depois você sente uma dôr de lado, isto pela manhã, e no dia seguinte está morto. Ou você vai pela calçada, e resolve atravessar, justamente ao passar um automovel — talvez um automovel que vem de Petropolis, carregado de flores. "Onde mora a família?" Por falar em automovel, uma vez foi defronte de uma agencia de automoveis. Chegou um cidadão alinhado, de braço com uma moça. Vinha alegre, cheiroso, escorregando nos sapatões de borracha. Entrou com a mulher e eu fiquei de fóra espiando. Um rapaz de macacão empurrou docemente um dos carros, abriu-lhe a caixa do motor e mostrou um coração de aço. O motor! De-

O poeta repousará durante sete seculos

Para MURILLO MENDES

Poeta,
deixa que eu cante aquela nuvem que repousa na floresta,
deixa que eu cante aquela gaivota que dorme na ponta do mastro do velho
navio negreiro que repousa na enseada que nenhum marinheiro conhece,
que somente eu possa ouvir a tempestade que trouxe a tona os tesouros
que Vulcano escondeu pensondo em Venus,
somente os meus olhos devem contemplar as batalhas que a hisotria jamais
contará aos que virão depois,
eu saberei sentir a tristeza dos idos de Março,
o desespero dos que dormiram sete dias e sete noites no seio de Netuno,
a insaciedade dos que beberam nas sete fontes da vida,
depois de atravessarem as sete montanhas geladas,
eu serei o éco dos que gritam perdidos nas sete florestas do Sudão,
e o mensageiro que levará os sete pães e os sete peixes para os que
foram levados ao cume do Everest,
e souberam resistir a todas as tentações e ofertas.

Poeta,
eu serei o vingador dos que não comeram as sobras do grande festim,
eu fulminarei o que entrou no templo e não descobriu a cabeça,
eu serei a luz para o que não soube distinguir o Justo da moeda.

E depois,
eu entoarei um hino a Jeová pela grandeza das coisas executadas dentro
de sete dias,
agradecerei os vossos benefícios,
e irei repousar depois de todas as fadigas durante sete seculos.

DEOLINDO TAVARES

(Especial para ESFERA)

via ser formidavel mesmo, porque todos se curvaram com um ah de admiração. Enquanto isso eu scismava lá fora. O velho estava de costas, voltado para o automovel. Quando ele voltou-se para o meu lado vi então que era um amigo de minha família. Não pude escapar. Apesar de surrado ele me reconheceu e indagou, com aquele ar de homem rico, o que era que eu andava fazendo. Ora, ora, eu andava na rua á procura de um emprego. O homem convidou-me a entrar no automovel, e eu entrei no automovel com muito cuidado, com medo de manchar o tapete, porque os carros de luxo tambem teem seu tapete. Consegui um emprego. Mas trabalho sem gosto porque me falta a confiança. Sempre vejo o ministro em minha frente. Daqui a uns anos — quem sabe? — espero ser um novo tapete outra vez. Porque ser tapete é o destino de alguns...

Madame Curie

EDGARD CAVALHEIRO

Nesta vida de leitor impenitente e insaciavel, de leitor que se atira tanto ao bom como ao ruím, disposto mais a aplaudir do que apupar, poucos livros nos vieram surpreender com a intensidade deste MADAME CURIE, excelentemente traduzido por Monteiro Lobato, e, incluido pela Editora Nacional na sua coleção, BIBLIOTECA DO ESPIRITO MODERNO.

Destinada, sem a menor duvida, a ser um dos "best sellers" do ano, esta biografia rehabilita o genero, ultimamente tão explorado. Não se trata, a rigor, de uma vida romanceada, como essas habilmente construidas por um Zweig ou Maurois. E' antes, um retrato moral, ou melhor, o catecismo de uma vida que foi uma fonte permanente de energia e de fé, de saber e de virtude. Contando a historia miraculosa de Marie Curie, sua filha Eva pode se orgulhar de ter reduzido (ou ampliado?) uma existencia de sacrificios e abnegações sem conta, na mais bela lenda de desprendimento humano, no mais comovente espetaculo de dedicação á humanidade. Se lembramos que esse desprendimento e essa dedicação partiram de uma pobre mulher, fragil de fisico, marcada pela pobreza e privações, criada e educada num ambiente de horror e opressões, as mais infames, outra não póde ser a nossa atitude, senão a da mais intensa admiração, do mais entusiastico culto á sua memoria. Marie Curie foi, na verdade, uma criatura excepcional e sua passagem pela terra, constitúe um dos mais belos momentos da humanidade.

Ha certos livros que, mal lidos, a gente se põe a indicar aos amigos, conhecidos e parentes, insistindo para que leiam, muitas vezes arriscando a emprestar o volume que temos em mãos, apesar do conselho de Maritm Francisco. Em compensação, outros ha, que não se empresta, não se indica senão a determinados leitores. Nada mais irritante do que ouvir de um leitor de poucas letras, ou da visinha metida a erudita, uma opinião banal sobre Knut Hansum ou Stendhal, para citar dois nomes, entre centenas deles. Mas um livro como MADAME CURIE pertence, evidentemente, ao primeiro caso. Apesar de uma obra de arte, uma das mais impressionantes biografias já escritas, está ao alcance de qualquer leitor, comoverá e entusiasmará quem quer que tenha a felicidade de le-lo. E' simples e diréto, objetivo e claro. Acredito que nesta simplicidade com que uma filha conta a vida de sua mãe, sem decer á apologia adjetivosa, antes limitando-se a narrar os fátos tais como se passaram, documentando-os quasi sempre por trechos de cartas, documentos dos mais seguros, uma vez que escritos sem olhos fitos na posteridade, é que resida o grande merito deste grande livro. Poderia acrecentar ainda a profunda sinceridade, que dimana destas páginas, sem a qual não é possivel qualquer coisa de perduravel, numa obra de arte, seja de que natureza fôr. Essas qualidades que, está claro, não são as unicas exigidas, não abandonam Eva Curie por um momento siquér.

Não é facil falar de um livro como MADAME CURIE. Para sermos justos, teriamos que nos demorar no trabalho da autora, realmente notavel. Não sei se Eva Curie está estreando nas letras com este volume. Se assim fôr, que esplendida estréia! Sómente uma grande envergadura de escritor poderia dar esta intensidade dramatica, botar tanto "humano" nestas páginas. A morte de Pierre Curie, é um desses capitulos antologicos, inesqueciveis. Trechos equivalentes não escasseiam, porém, no volume, de uma harmonia raramente igualada em obras do genero. Mas se formos falar da autora, não restaria espaço para a biografia, e ela está vivissima grande, muito grande, mais uma figura lendaria do que a pobre viuva Marie Curie-Sklodowska, enterrada, numa sexta-feira, 6 de julho de 1934", sem discursos, sem cortejo, sem um político, sem um personagem oficial", em modesto tumulo, no cemiterio de Sceaux, "pelos parentes, amigos e colaboradores que a amavam." Na lousa limpa, nada mais que uma inscrição: "Marie Curie Sklodowska, 1867 - 1934".

Recordar, mesmo ligeiramente, as principais fases dessa vida, encerrada tão modestamente, sem alaridos e pompas oficiais, não constitúe tarefa para um simples artigo nem mesmo para um ensaio. Não se recordaria, é verdade, grandes peripecias, aventuras estranhas, como as de uma Isadora Duncan, por exemplo, mas sim a existencia interiorisada de uma vocação que se cumpriu, de um genio que persistiu, de uma celebridade que detestava a gloria, porque esta lhe tirava o socego indis-

pensavel ao trabalho. Trabalho!... Eis o vocabulo exato, onde cabe inteiramente esta vida! Numa carta da mocidade, Marie Curie, então ainda a pequena Mania da intimidade, escreveu: "Tua Mania será, até o último dia, um fosforo em cima dos outros fosforos". Esse fosforo ardeu, em pról da ciência, até o fim, sem que sua chama tivesse um momento de amortecimento. Despida de qualquer feminilidade, no que isto tem de vaidade, de mundanismo, era tambem a mais ferrenha inimiga da fórma pessoal. O "eu" era-lhe odioso, insuportavel.

Sacrificar-se, foi o seu lema. Dela, Einstein disse, certo dia: "Madame Curie é, de todas as celebridades, a única que a glória não corrompeu". Nem a glória, nem a vida. Eva Curie nos fala da sua única infidelidade á ciência. Foi quando aderiu á Liga das Nações, depois de tanto ter feito em pról dos feridos na guerra. O mais foi um permanente "dar-se". A tudo e a todos. Bastava que percebesse uma parcella, por mínima que fosse, de interesse pela ciência. Já mocinha, sacrifica quatro ou cinco anos, sujeitando-se aos mistéres mais deprimentes á sua altivez, para que a irmã possa ir á Paris, concluir um curso. Não se apressa. Primeiro a mais velha. Seu dia chegará. Embora a sofreguidão pelos estudos, a ancia de aprender, de ser alguma coisa, a possuisse inteiramente, sacrifica-se, alegremente, pois acredita na irmã, sabe que ela será util, algum dia. E' o começo de uma existencia de sacrifícios. Depois em Paris, em pobres quartos sem aquecimento, com verbas restritas até para a propria alimentação, é a sucessão de dias e noites em cima dos livros, até o encontro providencial com Pierre Curie, que vai permitir a união de dois genios, união que perdurará como um dos mais belos exemplos de felicidade conjugal, até a morte brutal e estupida de Pierre, sob as rodas de um caminhão. Esses anos, nada menos de oito, de sacrifícios e pesquizas estafantes, como Eva Curie nos resume milagrosamente!

Hoje que se fala tão calmamente no radium e se combate com armas tão seguras uma das mais terríveis molestias que afligem a humanidade, não se póde, em todos os seus detalhes, calcular a luta necessaria para atingir ao resultado obtido. Todos aqueles longos dias e aquelas infindaveis noites (curtos para eles, que não sabiam a hora das refeições nem do descanço necessario), enfiados naquele barracão abandonado, "hangar cavernoso", sem o minimo conforto, sem a minima segurança, sem a minima certeza do amanhã, completamente desamparados de auxilio oficial, até o momento emocionante dos dois "rostos imobilisados", fixos na "luminosidade azul", na grande noite dos "vagalumes féericos", Eva Curie nos reconstitúe numa riqueza de detalhes raras vezes igualada. E pensar que, num largo e nobre gesto de desprendimento, abrem as mãos, a todos dando o segredo sem a minima recompensa, quando tão facil seria apurarem milhões.

Sem dificuldade alguma se enumeraria casos e mais casos sobre o desprendimento de Madame Curie, tanto na epoca em que Pierre Curie era ainda vivo, como quando, depois, em plena viuvez, com o fardo todo nas costas, o conduziu, sósinha, sem um desfalecimento, sem uma unica traição ao ideal comum. Como inumeros seriam tambem os casos anedoticos, ilustrativos de certos periodos da sua vida. Mas Eva Curie tem razão ao desejar que o leitor não cesse nunca de discernir, no anedotico desta existencia, aquilo que vale ainda mais do que a sua obra ou o pitoresco da sua vida, e que é a "imutabilidade de carater, o esforço tenaz, implacavel da inteligencia, a isolação dum ser que sabia tudo dar e nada tomar, nem mesmo receber". Acrecente-se mais a pureza excepcional dessa alma que nem a maior vitória ou a mais forte adversidade poude alterar, e Marie Curie, está, moralmente retratada.

E' verdade que possuindo tal carater, ela, embora sem sacrifícios, "afastou de si todas as vantagens que os genios autenticos podem auferir duma celebridade imensa." Não soube ser celebre a mulher que conquistára 10 premios (2 vezes o premio Nobel), 16 medalhas e 106 titulos honoríficos, de Faculdades e Uuniversidades de todos os cantos do globo. Não soube, tambem, com certeza, ser "mulher" como todas as outras. "Eterna estudante" não lhe sobrou nunca tempo para a escolha de um vestido, de um chapéo ou da última marca de perfume. Dois ou tres vestidos dos mais simples e práticos, duram-lhe cinco, seis e mais anos. Nem pintura, nem enfeites de especie alguma. Daí seu assombro ao assistir os preparativos da filha. "Oh! minha cara, que horríveis saltos! Não, você não me convencerá de que as mulheres foram feitas para andar em cima desses pilares. "Ou então, é o vestido decotado, que acha feio e perigoso. " "Uma corrente de ar, uma pleuriz...". "E' ainda a maquilagem, o "barreamento", que "suja os labios sem nenhuma utilidade". Tendo sido

Versos para musica

Ao ilustre maestro Hernani Torres

I. ÁS VEZES

Ás vezes... gosto de ti
não sei porquê...
— Não sei porquê!...
Foi assim dês que te vi,
nos teus olhos me perdi,
sei lá porquê!...

Não se me dava... beijar-te,
creio que não...
— Talvez que não!...
Beijar-te, só?... Abraçar-te,
nos meus braços estreitar-te,
juntinho do coracão!

Não sei porque,
talvez que não...
— Sei lá porquê!...
— Que tentação!...

Ah, quem me dera — esmagar-te
de encontro ao meu coração!

II. CANTIGA

Que pena! assim acabar
o pobre amor — por começar!...
— Eu tinha tanta coisa para lhe contar!

— Eu tinha tanta coisa para lhe dizer,
àquela — a quem vou perder,
para não mais a ver!...

Áquela — a quem vou deixar,
para não mais voltar,
para não mais, nunca mais! lhe falar...

E tinha tanta coisa para lhe dizer!...
E tinha tanta coisa para lhe contar!...

LUIS CARDIM

a esposa ideal, aquela que todos sonham e raros encontram, soube tambem ser mãe, dona de casa, preocupada em anotar receitas, em descobrir pratos mais simples e rapidos de serem feitos. A fé de que se achava possuida, dava-lhe forças para os mais duros trabalhos. Com a ameaça de uma tuberculose (a mãe morrera assim) nem assim se amedrontara. Naqueles anos duros do "hangar cavernoso", o caldeamento de residuos da pechblenda, era feito por ela, enquanto Pierre no laboratorio improvisado, nem se lembrava que o serviço bruto estava sendo feito por uma mulher, gravida, mal alimentada, fisicamente fragil.

A leitura de MADAME CURIE nos traz uma porção de problemas, infelizmente a exigirem, cada um, comentarios especiais, que a natureza destas linhas, não comporta. O feminismo, seria um deles. Que figura feminina a humanidade apresentará que supere Madame Curie? Nenhuma, evidentemente. No entanto, não foi atravéz das estéreis conquistas políticas ou sociais que seu nome se aureolou dessa gloria e desse culto que hoje a humanidade lhe consagra.

Nos seus últimos dias de vida, precisamente no último dia que consegue ir ao Instituto, tão sonhado e finalmente conseguido, Marie Curie, na sala de física, sente-se mal. Antes de ir para a casa, dá uma volta pelo jardim "onde flores recem-desabrochadas criam manchas estridentes de côr. Súbito, pára deante de uma roseira raquítica; chama o mecanico:

— Georges, veja esta roseira. Precisa ocupar-se dela, sem demora.

Um dicipulo aproxima-se e pede-lhe não fique alí exposta, vá logo para casa. Maria cede mas antes de entrar no auto ainda recomenda ao mecanico:

— Não esqueça a roseira, Georges..."

Esse rápido quadro, para mim, que lí tão apaixonadamente este livro, tem um profundo significado simbolico, revelando nitidamente, que a vida exterior que nos rodea, não esteve nunca fóra do pensamento e da sensibilidade de Madame Curie, que nem por ter sido a mais celebre mulher do seu tempo, ou um dos maiores cerebros de todos os tempos, se comovia menos com o riso de uma criança ou a vida de uma roseira.

(*Especial para ESFERA*)

S. Paulo.

9 histórias tranquilas

MARIA JACINTHA

O conto é um gênero literário muito dificil e quasi sempre mal atingido. Exige amplitude, não admite superficialismo, impõe o traço de vida — mas, amplitude, profundeza e vida, em caráter de sintese. Não pode ser, tambem, simplesmente crônica, como se vem fazendo ultimamente: precisa ter principio e ter fim. E, ao contrário de outra qualquer manifestação na literatura, não dispensa o *enredo*.

Isso não quer dizer seja qualidade primordial, no contista, forjar acontecimentos. Mas tem que acontecer alguma coisa em conto — quanto a isso não há dúvidas. No sentido moral, ou no sentido concreto, não importa.

Telmo Vergara realiza bem o tipo do contista: seus contos têm a leveza, que não é nunca superficialismo; a amplitude, na emoção; o traço de vida que faz de seus personagens gente de todos os dias — gente que estamos habituados a ver perto de nós.

Em "9 histórias tranquilas" está ainda o autor de "Cadeiras na calçada" — no que êle tem de essencial. Mais aperfeiçoado, porem, mais dentro da vida, mais seguro nos seus traços.

Construido todo êle com material que é, principalmente, emoção e eternecimento lírico, o livro de Telmo Vergara caracterisa-se, ainda, pela deliciosa singeleza com que foram criadas suas histórias — histórias tranquilas, na realidade, sereníssimas e encantadoras, melancólicas, na maioria das vezes, nas quais a vida está nitidamente impressa, no que tem de mais simples, de menos rebuscado.

"Romance da ovelhinha", que tão promissoramente abre o livro, é menos um conto do que, já, uma novela, que nos anuncia o romancista em preparação. Telmo Vergara soube captar bem a vibração interior de sua personagem — e, dessa acuidade com que a captou, resultou um tipo moral harmoniosamente completado.

Mas, se o romancista está aí, esboçado, nos outros contos do livro vamos encontrar o poeta. Não digo isso como uma verdade número 3 ou número 4, mas porque, após a leitura de um livro, são curiosíssimas as conclusões a que se chega sôbre a personalidade de seu autor. Num romance como "Mar Morto", vamos encontrar o maior poeta do Brasil contemporâneo — se é que poeta continua a ser colher tôda a harmonia e toda a luminosidade das coisas. Não poeta no sentido de desvirtuar a realidade da vida — mas poeta no sentido alto e glorioso de perpetuador da beleza. Em Telmo Vergara, em lugar de só fixarmos o contista, vamos descobrindo outras qualidades — que são ponto de partida, impulso criador em sua obra.

Porque, se tem o sentido humano da vida, o tem sob essa forma de sentido de lirismo, que a embeleza e musicaliza. Daí o ambiente harmonioso em que vivem seus contos, sem que o real seja sacrificado a uma falsa poesia.

O esencial é que as histórias que criou possam ter acontecido. E, quanto a isso, penso que não haverá divergencias: aquilo tudo são fatos triviais da vida. Agora: o ambiente harmonioso em que vivem isso é questão de bom ou mau gôsto do autor.

Telmo Vergara tem bom gôsto. Muita gente repelirá sua tendencia para as coisas claras e bonitas, como um insulto ou uma provocação. Não será essa, no entanto, uma razão para que êle as abandone. Mesmo porque seria, então, admitir *minorias*, no Brasil literário.

Decerto que há, em seus livros, certo exagêro de simplicidade, certo abuso de detalhes, certa insistencia na singeleza dos ritmos utilizados. Mas isso, sendo uma restrição a fazer, não lhe é, no entanto, uma falha. Pelos menos não é falha suficientemente grande para obscurecer seu brilho ou abafar suas qualidades, que são realmente grandes e foram esplendidamente aproveitadas.

Trem perdido

MARIO SETTE

Por mais que puxassem nos últimos quilómetros, numa carreira adoidada, espantando os matutos, dispersando os cavalos carregados de algodão, mal o automovel encarára do alto a brancura da cidade, a locomotiva apitou e eles viram, dali mesmo, o trem atravessar rápido um boeiro e sumir-se de chôfre num córte.

— Esta agora!!!

Aécio de Lacerda mirou ainda uma vez o relogio, numa grande expressão de aborrecimento. Parando o carro, o chofér ponderou:

— Eu não disse ao dr. que a gente vinha atrazada!...

— Foi aquéla danada de camara de ar, ao sairmos de Altinho.

— Vosmecê viu que eu mudei depressa...

— Sim... sim... Você não teve culpa, não... A minha caipóra somente. Tenho de esperar o trem da madrugada...

E, num tom resolutivo:

— Vamos para o hotel, vamos.

Desceram por uma aguda ladeira, já ladeada de casinholas, com as ruas espalhadas lá em baixo. A'quéla hora de sol alto e forte, o rio fazia dôer a vista com os seus reflexos metalicos.

O banho frio e o almoço no hotel aplacaram um pouco a decepção de Aécio. Tratou de dar umas voltas pelo centro e, de repente, lembrou-se que era promotor, ali, o seu antigo colége de ano — Edinaldo Queiroga. Excelente oportunidade de revê-lo, de cumprimentá-lo pelo recente enlace e de matar as horas numa bôa convivencia.

Facil foi descobrir-lhe a morada: — uma casa de fachada moderna, numa praça ajardinada onde os galhos floridos de um "bougainville" se enrolavam voluptuosamente pelas colunas de uma pérgola.

— Você por aqui!

— Que quer? Perdi o trem... Vinha de Altinho e o auto se atrazou...

— Abençoado automovel!...

Apesar da presença de d. Elina, que lhe era extranha, Aécio perdeu depressa a ceremonia. A conversa tornou-se expansiva e sem estiadas que denotassem enfado. Teve de explicar melhor a sua vinda ao interior para tratar de assuntos de advocacia. Lembraram os anos da Faculdade; viéram a tona episodios em que d. Elina achou muita graça. Na salêta de estudos do promotor serviu-se de café com beijús e bolachinhas. Edinaldo falou no seu casamento recente.

— E você, Acácio, quando me imitará, hein?...

— Não posso fazê-lo...

— Porque?... Com uma banca de advocacia rendosa... já perto dos 30... precisa de uma companheira, sim. Porque não?

— O dr. Aécio sabe dos seus segredos. Edinaldo, Você ensinando padre-nosso a vigario!... Quando chegar a hora... virá o convite...

D. Elina sorria num quê de malícia. Porém, o advogado, querendo tambem iluminar o semblante subitamente entristecido com um sorriso declarou:

— A minha hora não chegará mais... Os ponteiros se desencontraram para sempre...

Edinaldo mudou de conversa, não querendo ser indiscreto. E d. Elina, pouco depois, teve um alvitre:

— O dr. Aécio poderá ir conosco ao "Casino", hoje á noite, não acha Edinaldo?

— Sem dúvida. Vai, sim.

— Nêste trajo...

— Não é baile, não, dr. Uma festa de intimidade; reunião mensal... Pretexto para se dançar um pouco. Eu vou com um vestido simples.

—E eu de branco. Você irá... Está decidido. Distráe-se e dança.

Vencêra-se a irresolução de Aécio.

E o salão do "Casino" já se movimentava bastante quando os tres deram ali entrada, cousa de 8 da noite. Uma noite em que havia frio, obrigando a agasalhos.

Senhóras pelas cadeiras. Senhorinhas, em grupos, movendo-se.

Rapaziada, de espreita. E os homens mais maduros lá por dentro em roda dos bilhares, ou nas mesinhas do bar.

Afinava-se a orquestra. Escapuliam notas do piano a que os violinos davam resposta, seguidos do saxofone. E o bombo armado em jazz tinha uns ousios de mixordia musical.

As moças fremiam, visivelmente, de ansiedade.

Edinaldo Queiroga apresentava o colége a varios conhecidos, gente fina da terra. O coronel Lucidio Pedroza, prefeito; o dr. Souza Fortes, médico; o dr. Carlos Guedes, ex-chefe do executivo; o major Simplicio Carvalho, farmaceutico...

O primeiro **rag-time** rompeu. Muitos pares começaram a voltear.

— Você precisa dançar, Aécio!

— Não conheço ninguem do elemento feminino... Mais para deante.

— No **fox** que se seguir, você dançará com Elina; depois lhe arranjarei outra dama.

Naquele ambiente cheio de luzes, de perfumes, de sêdas coloridas, Aécio de Lacerda estreiou os seus passos habeis de dançador, cingindo a cintura de d. Elina Queiroga que tambem não fazia ruim figura na arte do volteio.

No mundo das mocinhas havia a curiosidade do sexo!

— Quem é?

— Não sei...

— Nunca vi essa cara por aqui!

— Simpatico...

— E dança!

— Si vier me tirar, eu recuso. Tenho vergonha de dançar com quem sabe... Um abacaxi de minha força!

— Sabem quem ele é? Fui perguntar a papai. Chama-se Aécio de Lacerda, é advogado no Recife e está hospedado em casa do promotor de quem é muito amigo.

Agora, a orquestra iniciava uma valsa em moda.

Como de costume pouca gente se afoitou no meio do salão para valsar, tão afeitos andam os pés ao arrastar norte-americano.

— Você, Aécio, vai dançar desta vez com um pé de ouro...

— Não faça isso!

— Dança, sim. Sempre foi "bicho" na valsa. Vou escolher uma dama condigna... E' uma moça do Recife que se acha aqui invernando... Espere um pouco.

Edinaldo traçou um semi-circulo com o olhar e foi descobrir a um canto do salão, entre outras senhorinhas, a pessoa que buscava. Trouxe-a, com certa familiaridade, e apresentou-lhe o amigo:

— Dr. Aécio de Lacerda. Senhorinha Nelmisia de Brito.

Os dois trocaram ligeiras frases de polidez e dançaram. Dançaram atraindo a atenção de todos, tal a doçura dos volteios.

— Gosto de ver dançar assim.

— Os dois se combinam. Parece um feito para o outro...

— Exímios!

— Aquilo é que é valsar!

E os olhos da assistencia baixavam para os pés de Nelmisia onde a sêda-carne das meias era mordida pela camurça-beije dos sapatos, e para os pés de Aécio cingidos em verniz preto.

Nos últimos compassos, estavam quasi sós no salão porque varios pares haviam estiado o rodopio para admirar a mestria do "par de ouro"...

Mas, a orquestra, numa arcada vigorosa do violino, estacara.

Aécio agradeceu á dama e foi rápido, enxugando a testa, em direção do bar, arrastando pelo braço o amigo.

— Venha cá, Edinaldo, você me fez uma!

— Uma o que?...

Sentaram-se a uma mesa retirada; pediram um guaraná gelado.

Lá fóra tocavam um tango vibratil, nervoso.

— Afinal, que foi que eu lhe fiz?... Você está agitado!

— Não foi você, Edinaldo, foi o diabo do acaso... Nunca dancei na minha vida uma valsa como aquéla... Uma valsa-suplicio!

—Homem, esta!... Com uma moça bonita e com uma dama perfeita!

Que exigência!...

Aécio sorveu dois goles do guaraná:

— Não caçôe, não. Depois, julgará... Quer ouvir uma historia-confidencia? O logar não é proprio, porem desço amanhã cêdo e não desejo deixá-lo com um juizo menos justo a meu respeito...

Olharam em roda. O bar estava quase vasio porque o tango atraia os pares e os curiosos.

— Vamos lá ao "romance"...

— Dava para um romance mesmo. Ouça: aquela moça com quem dancei foi minha companheira de infancia e de adolescencia...

— Ora, banalissimo o seu enredo, meu caro. Namoraram-se, separaram-se e reencontraram-se agora... Quem avalia o resto, hein?...

— Não interrompa. Familias visinhas, não sabe? A de meus pais e a dos dela. Dois sitios em Dois Irmãos... Eu era filho único e ela possuia um irmão, mais velho do que eu tres anos. Viviamos juntos o dia todo, frequentavamos a mesma escola mixta.

Camaradissimos. Depois, fomos crescendo. Eu e Nelson passamos para um colégio na cidade: Nemisia entrou interna no "São José".

Via-a uma vez ao mês e esses intervalos serviam melhor para notar-lhe o desenvolvimento. O busto tomava linhas de mulher, o rosto ganhava outra expressão diversa da de menina, e as suas maneiras já não eram nada iguais ás de dantes. Mais ceremoniosas, mais esquivas, mais retraidas, porém, mais cheias de encanto... A moça ia abotoando... Lembra-me bem de que, uma vez, como o fazia meses antes, fui por detrás dela que se balançava na rêde, e pús-lhe as mãos nos olhos, de surpresa. Julgou fosse o irmão, mas, reconhecendo-me, ficou toda corada e murmurou num tom de censura: "Não faça mais isto, não!".

— Não ha duvida: vocês estavam namorados mesmo...

Levando o copo á boca, Aécio como que sentia deante dos olhos o cenario antigo, o sitio dos pais de Nemisia, a mocinha de cabelos em françа, toda a poesia desse despertar da puberdade em que os sexos se afastam paradoxalmente quando justamente se conhecem mais atraidos.

— Ela era assim uma moça. Eu ainda muito menino, apesar da idade, estava cativado por aquela figura feminina que ia deixando de ser uma quasi-irmã... Ufanava-me de a ter por minha namorada; anciava pelos dias de saida do colégio; guardava-lhe presentes de frutas e de flores... Ousei um dia até, num caramanchão, prender-lhe a cabeça e beijá-la...

— Levou outro carão, hein?

— Não... Nemisia dessa vês côrou, mas sorria... O destino, entretanto, armava-nos uma arapuca como as que eu preparava no sitio, cubiçando passarinhos... E foi por causa de passarinhos mesmo, como hoje talvez fôsse por causa de futebol...

Aécio Lacerda fez demorada pausa, dando voltas no copo vasio, acusando-se-lhe nos olhos os estremeções da alma.

— Embora muito unidos, muito camaradas, cubiçavamos nós dois uma avezinha que frequentava os nossos sitios e se mostrava rebelde aos alçapões. Era um galo de campina cantador, vivaz, brincalhão... Viamo-lo todos os dias, preparavamos o laço para pegá-lo aqui e ali. Mas, nada!...

Caíam outros passaros. Ele, não. Por fim, já sentiamos desesperanças de possui-lo um dia nas gaiolas que traziamos preparadas... Fizeramos apostas. Ele cai é no meu alçapão — dizia eu. Cai é no meu ... afirmava Nelson. E o nosso amor-proprio estava em jogo, e a nossa ambição tambem.

Sempre esses divisores dos homens... Uma tarde, inesperadamente, o galo de campina apareceu cativo no meu alçapão... Chamei Nelson para vê-lo e ele, despeitado, sem que o podesse evitar, abriu a tampa da armadilha, deu liberdade de novo ao passaro... Fiquei!!!...

— Imagino... Quando nos desmancham a felicidade...

— Balbuciei, dentro da minha raiva, umas palavras asperas. Nelson, a começo riu-se, zombou, fez carêtas... Exasperei-me ainda mais; provoquei-o com insultos... Ele agarrou uma pedra e jogou-me; desviei o corpo.

Imitei-o, fui mais certeiro na pontaria. Ouvi um estalo e vi Nelson cair com a cabeça toda ensanguentada... Gritei... Acudiram... Levaram o meu companheiro para casa... para a cama... Tres dias mais, uma febre cerebral matou-o...

Edinaldo não exigiu o resto da historia. Aécio baixara a vista e continuava a revirar o

PARTIR!

(Especial para ESFERA)

TOMAZ KIM

O Sol ia alto e o campo estava deserto, de sombras.

Êle esperava-a, tôdo o seu corpo atento ao menor ruido.

Tinha-se deitado atraz dum talude, na relva quente e áspera.

Êle esperava-a e assobiava baixinho.

Muito ao longe ouviam-se as vozes das mulheres largando o trabalho, a caminho para o almoço.

Um passarito tonto de calor veiu poisar á beira do talude.

●

Meio adormecido ouviu um apressado esvoaçar; abriu os olhos — ela chegava.

Tinha vindo a correr, e os cabelos, sôltos do lenço que os cobria, colavam-se-lhe á testa morena, na qual destoava o escarlate de uma pequena cicatriz, agora mais vivo com o calor.

Êle ficou deitado, rindo-se para ela, convidando-a com os olhos para junto dêle.

●

— "Vieste tarde".

— "Vim tarde?" e sorriu. Depois beijou-o muito ao de leve na testa, e deixou-se ficar assim...

Muito chegada a ela, ouvia-a como quem ouve uma criança.

— "Vieste tarde"... e acaricia-lhe os seios, agora rindo para ela, o nariz enrugando-se e fitando a sua bôca.

Ela chegou-se mais a êle e deixou-se beijar, alagada pelo Sol.

●

Os corpos agora faziam uma única sombra.

O Sol ia a meio da sua descida.

— "Amanhã vem mais cedo, sim? Não venhas tarde" — dizia êle numa voz de criança.

— "Até amanhã, até amanhã. Prometo. Até amanhã", e lá partiu apressada, as saias fustigando as ervas mais altas.

Êle ficou, seguindo-a com o olhar, assobiando baixinho.

Estava triste mas assobiava baixinho.

Sabia muito bem que amanhã não estaria ali, entorpecido pelo calor, esperando por ela.

Era isso que o entristecia. Era o não saber porquê.

●

Quantas vezes tinha feito essa pregunta a si próprio? — E os seus olhos lembravam-se duma figura de mulher, sósinha no meio de tanta gente, no cais, Hirta, os olhos muito abertos, sem lagrimas, fitando a esteira do navio, a sua mão acenando maquinalmente um lenço branco.

Dessa vez tambem nada o tinha obrigado a partir. Contudo êle tinha-as amado, amado a tôdas, e amava-as ainda.

●

O campo agora era um mar; as sombras, abrindo-se, salpicavam de sol a terra sêca, para se juntarem novamente, tornando o solo mais negro.

Amanhã estaria ali uma mulher chorando ao Sol, perante a terra sêca, una de sombras.

Êle lembrava-se com tristeza de tôdos os lenços brancos e de tôdos os olhos, fitos nas grandes distancias, esperando por êle — e assobiava baixinho.

As suas mãos como que esquecidas d'êle próprio, afagavam a relva que ela tinha amachucado, e os seus olhos viam uns dentes muito brancos, sorrindo num sorriso calmo, destoando do escarlate duma pequena cicatriz.

Êle queria partir, mas as suas mãos prendiam-no àquele solo ainda tão cheio do corpo d'ela e do seu sorriso calmo.

....

●

Parou de assobiar; o nariz enrugou-se-lhe num sorriso de criança.

Levantou-se e partiu. — Uma figura estranha áquela imensidão, agora uma unica sombra.

Partiu para onde o Sol se ia esconder.

(Portugal).

---

copo, a esmo... Lá fóra, no salão em borborinho, a orquestra tocava outra valsa.

Por fim, o advogado ainda acrescentou:

A mãe de Nelson, era doida pelo filho... No dia do enterro, na sua grande dôr, rogou-me uma praga... Ficou me odiando... Ha de me odiar ainda hoje...

Não disse mais nada do assunto. Depois, pretextando a partida matinal do trem, fez menção de retirar-se da festa. Levantou-se, pediu o chapéo no vestiario.

D. Elina Queiroga, vindo ao encontro do marido, indagou:

— Tão cedo, dr. Aécio!

— Vou viajar de madrugada... quero vêr si ainda durmo um pouco.

— Ora! Depois do seu triunfo na dança... Todas as moças estão doidas para serem seu par.

Num comento inocente: — E' verdade que a sua dama de indagóra já se retirou. Sentiu-se doente.

Encaminharam-se os tres para a porta de saída do Casino.

Fizeram despedidas.

Edinaldo acompanhou o amigo até a calçada. E, ali, enstendendo-lhe a mão, Aécio acentuou num gracejo acido:

— Eu não disse a você que a minha hora não chegaria mais?

(Inedito — para ESFERA)

Ilustração de AUGUSTO PINHO

O Cortiço

O cortiço é um monumento á miseria á sujeira á febre á tuberculose
Sessenta familias se acotovelam em cubiculos sem ar sem espaço
Milhões de moscas, lixo em toda a parte
Crianças imundas que nunca viram um chuveiro
O proprietario seu Teixeira do armazem
Não faz melhoramento algum
A Saúde Publica não póde pôr o cortiço abaixo
Porque Seu Teixeira contribue com bons impostos para os cofres publicos.
Ele é o proprietario da febre amarela e da tuberculose!

M U R I L O   M E N D E S

A ESTEFANIA

JOÃO FALCO

Quando involuntàriamente fiz a minha incursão naquela casa, teria eu três anos? já ela devia possuir aquele ar, que por mais algum tempo conservou, de tranquilidade meio bondosa, meio senil. Um ar de casa onde seriam catastróficas, difíceis as mais pequenas discussões, onde a vida se arrastava mole e confusa.

Mas a Estefânia, a terrível Estefânia, sêca, ríspida e autoritária, sempre lá conseguiu manter um reinozito falaz. Quem era a Estefânia? A filha de José... O José era um antigo cozinheiro da casa. Também o conheci ainda ao serviço. Morreu no hospital da Arruda, devia eu ter os meus cinco ou seis anos. Lembro-me de o ter ido lá ver cóm a madrinha.

Arruda era para mim um lugar penoso e sombrio. Meu pai votara ódio aos arrudenses e temia-os. Depois de umas renhidas eleições franquistas Arruda desapareceu dos nossos mapas familiares. Lembro-me só de ser uma vila baixa e escura. Desde aquelas tais eleições nunca mais a atravessámos; em lugar de irmos tomar o comboio a Alhandra, que servia Arruda, iamos tomá-lo a Dois Portos, muitíssimo mais longe de Lisboa.

Sim, tornei atravessar Arruda, mas já não em companhia de meu pai, quando saí daqueles sítios para nunca mais lá voltar.

O nosso cozinheiro, José, de quem eu gostava, pelas vagas lembranças que de tudo aquilo conservo, era um homem alegre, barrigudo e borracho... Borracho, como dizia a madrinha com um ar comprometido. O tal hospital da Arruda, em que êle morreu, também me deixou de si uma impressão exquisita. Uma impressão de abóbadas, de corredor alto e abaulado, e de cal...

Coisa curiosa é a memória! Com que lembranças eu havia de ficar de uma casa? Do seu vasio interior e da sua brancura triste. A cal, na verdade, é sempre impressionante.

Como ia dizendo, parece-me que o José era um homem alegre e paciente. Mexia-se com o desmbaraço de certos gordos e era bonacheirão.

Um dia estava eu deitada no corredor, entre os umbrais de uma porta (bem pequena devia ser) e o José passou por cima de mim. Disse-me que eu já não crescia mais... E eu creio que fiquei apreensiva. Ainda me lembro do dito e do sítio.

Ora a filha do José, que se foi criando à sombra da minha madrinha, como a Maria Flôr, a Emília da Azenha e outras raparigas saloias, saíu muito diferente do pai.

Era desassossegada e ambiciosa, magra como uma cana e de caráter desagradável. O meu pai embirrava com ela. Dizia-se que êle a tinha requestado, grosseiro D. Juan como era, nunca poupando nenhuma saloia nova, e que ela o tinha desfeiteado. Que fôsse verdade ou que fôsse mentira, o que era certo era a Estefânia, se sentir contrafeita na presença dêle, e êle a tratar de resto. Mas a madrinha coitada, é que não a dispensava! Ou porque a protegesse, ou porque a estimasse, ou porque se sentisse dependente dela... Parece-me que tudo isto se juntava. A Estefânia tinha grande predomínio em casa. Influia nos atribulados pensamentos da madrinha e azedava-nos a infância. Dentro, embora, de certos limites. A gente pequena arranja sempre escapatórias para as opressões a que é sujeita.

A Estefânia veio a morrer tuberculosa, ai pela altura dos meus onze ou doze anos. Mas ainda me lembro dela, ou a julgo ver tal como ela era. Clara, pálida, com a cara um pouco projectada para a frente, o pescoço alto — mas sempre a ralhar, a murmurar ou a contrariar-nos, a mim e a minha irmã... Devia ser uma mulher fraca e nervosa, já com o cansaço e a irritação de certos doentes. Tinha um cabelo muito preto e muito pesado, liso, fazendo um grande rôlo a descansar no alto da cabeça, como então se usava. Lembro-me do enervamento da Estefânia e dos modos apoquentados da madrinha. Esta pobre, na idade de descançar, ainda vivia aturdida com os desastres surdos que se davam em casa e gasta, também, pela nossa turbulência. Os amores serôdios de meu pai tinham-lhe oferecido ainda êste mimo... Não sei claramente como tinha sido a sua vida anterior: sei só que a sua velhice era penosa, apesar de discreta.

Eu julgo-me desmemoriada, realmente. E muitas vezes disso me lamento. Não tenho de cór senão uma ou duas datas históricas, esqueço facilmente os nomes das terras e das pessoas que vou conhecendo, não sei um soneto completo, e talvez mesmo que nem uma quadra, etc... No entanto, guardo uma impressão tão especial, tão viva, da gente da minha infância, que suponho que por uma carácter ou por outro a era capaz de assinalar! E' uma impressão profundamente intima e arraigada, direi mesmo que quási funcional... Está em mim como um resto de coisa de que própria tivesse saído, ou que me tivesse alimentado... Mas de toda aquela primeira gente só a Estefânia tinha um caracter irritante, ou estigmático. Era árida. E de alma impaciente. A triste, também para mim

ficou a representar a cupidez do dinheiro. Isso tanto ela como meu pai! Mas êste, como era risonho, apesar do seu modo pesadão, tinha um génio contemporizante passadas as suas trovoadas de gritos e de patadas, e passeava horas seguidas conosco de ponta a ponta do corredor ou do jardim, era mau e o ladrão da madrinha, porque outros diziam que o era, e nós ouvíamos... Era rancoroso e avarento porque a madrinha, queixosa, o não calava. Era sempre o dinheiro dela e não o dêle que se gastava em casa! O meu pai nunca nos comprava um brinquedo, o que tarmbém me parecia feio e o comprometia. Já se sabe que eu muito pouco entendia do temperamento e da educação dos homens. Mas a Estefânia era cúpida, francamente, e desconfiada. Vivia como se o mundo lhe fugisse, ambiciosa de tudo e inquieta. Apesar disto a sua casa era para nós um **oásis.** Iamos lá muito poucas vezes, mas ficava-nos sempre o desejo de voltar. Era uma casa muito agradável e muito limpa. Entrava-se naquela porta e parece que logo se descobria um outro mundo.

Porêm, a Estefânia costurava e passava quási todo o seu tempo conosco. Fazia-nos trajes hediondos! Ainda me lembro de certo gesto de rebeldia, consentido pela madrinha, que um dia tive contra o seu mau gôsto. A Estefânia era casada com um pedreiro e vivia em Lisboa. Nós também, menos no verão, em que íamos para a quinta. Por sua vez o meu pai vivia na quinta, e vinha uma ou duas vezes por mês a Lisboa. Era conservador. Cumulava com esta função a de lavrador. Mas penso que a primeira era muito mais rendosa que a segunda, pelo que lhe ouvia. E pelo dito especioso da sua última mulher, um dia, para qualquer pessoa: a conservatória, é que é a quinta...

Meu pai, como ia dizendo, era lavrador, mas um lavrador meio artista, gostando de embelezar as suas terras. Era, com certeza, menos sórdido, menos acanhado no amanho delas, que um pobre camponio dono de umas parcas leiras... E no entanto não era generoso! Mas um espírito é uma coisa bem complicada. Voltemos à Estefânia.

Já eu vivia por internatos e sentia vergonha, muitas vezes, de vestir a roupa que a Estefânia me fazia. Umas estúpidas calças atuniladas, uns coletes grossíssimos, uns vestidos de **reps** compridões e escuros... Naquele tempo em que as meninas andavam vestidas como bailarinas, com as saias pela coxa, com cabeções finos e faixas de seda na cintura... Por mal dos nossos pecados eu e a minha irmã éramos meninas de velhos... e a Estefânia explorava o caso.

Numas férias grandes mandei-lhe da quinta o desenho de umas calças como eu queria. Creio que ainda era capaz de o reproduzir! Mas não sei se tive tais calças. Se as tive, não deixaram de ser de **patente** bem forte, para durar. A Estefânia poupava por sua conta os bens da madrinha, de que esperava, coitada, inda vir a ser em parte usufrunária.

Apesar de tudo isto, da sua ganância, da sua rispidez, foi por intermédio da Estefânia que eu tomei o conhecimento de uma espécie de franganagem alegre e de pé leve de Lisboa, as comadres e as amigas dela. Familias de cauteleiros, de fabricantes de bandarilhos, que moravam para as Escolas Gerais e para a Calçada dos Cavaleiros. A Estefânia tinha também morado na estreitíssima rua do Salvador, onde quando ainda posso, embora rarissimamente e de largo, me parece ir achar alguma coisa dela...

Uma filha de uma das comadres da Estefânia era a Terezinha, menina da idade da minha irmã. O pai vendia cautelas e jornais. A mãe era tôda sacudida e alegre. Moravam num bêco. A Terezinha era trigueira, tinha o cabelo em canudos e sabia cantar e dansar as danças de roda. Na bôca da Estefânia era uma menina ideal. Nós, já se sabe, éramos umas feras... Mas nem por isso nos deixava de levar como uns trofeus ás suas amigas.

Entre as conhecidas da Estefânia havia a Palmira, uma mulher cheia de vivacidade, que chegou a servir em nossa casa. Também morreu tuberculosa. Enviuvou, não sei se antes se depois de estar conosco. Lembro-me dela, no entanto, como de uma criatura agitada e farfalhante. Foram certas conversas dela acerca do marido, creio que ouvidas por acaso, que me elucidaram sôbre a paixão ou o frenesi sexual. Ela tinha sido mulher dêle até quási á hora de sua morte; êle nunca a deixava! E em que desgraça tinha morrido! Por fim, até ela tinha de o puxar para a porta da rua, para apanhar o sol e para lhe darem esmola!

As visitas e as conversas destas pobres mulheres, os seus chales escorridos, as ruas escuras que eu conhecia, faziam-me tomar uma comparticipação involuntária e meio contrafeita com o povo da cidade. Um povo realmente diferente do saloio. Mas quer um, quer outro forformavam em tôrno de mim uma vaga sociedade envolvente, em que os meus sentidos novos se exercitavam sem prazer. As meninas dos colégios também me desiludiam. Eram vaidosas, impertinentes e deprimiam-me inconscientemente. Que importava que uma doce miss Ward, tão grave e tão feia, me achasse inteligente. Não importava nada! As outras meninas é que eram as felizes, tinham o que eu não tinha, que eu nem sabia bem o que era...

Em suma, eu era uma criança efusiva e reservada, turbulenta e recatada. Sensível e um pouco bisonha. A madrinha dizia que eu tinha mau génio e que olhava por baixo. Que me parecia muito com o meu pai.

Mas voltando à Palmira. Falando dela, a madrinha que era sempre moderada, por ser velha, ou por temperamento, fazia um pouco de mistério. O que é certo é que o nome de Palmira começou a ter para nós, gente pequena, um sentido dúbio, meio desqualificado.

Pobre mulher que cantava conosco, tão prazenteira, a andar de roda e a bater as palmas:

Pelo mar abaixo vai uma panela.
Se ela leva caldo vamos atraz dela...
Ai, ai, ai três vezes te eu digo
Se eu fôsse solteira casava contigo...

A Palmira transportava consigo todo um bairro, uma população. Quais é que ainda não sei... Mas a Palmira era Lisboa, as hortas, a pobreza foliona.

Daquele tempo das Palmiras e Estefânias fiquei também com o conhecimento das salgadeiras as portas... A Estefânia era terrorista. Falava dessas coisas alarmada.

Uma **salgadeira** creio que era sal, lançado com rezas e esconjuros à porta da pessoa a quem se queria mal. Ela entrando pisava a salgadeira e sofria-lhe as misteriosas consequencias. As **salgadeiras,** onde finalmente deviam residir com todos os seus maleficios era nos olhos da Estefânia.

Disse já que a Estefânia era casada. O seu homem, o Daniel, que ela muito presava, subia sempre a escada cautelosamente, ai pelo anoitecer. Quando êle morreu já êles viviam no quinto andar do prédio da madrinha.

Mas a Estefânia, não sei porquê, parecia que trazia sempre o pudor afrontado e que odiava os homens. Talvez por isso bem cedo nos ia prevenindo contra êles... Dizia ela que quando se falava com um homem se lhe olhava para os ombros e não para a cara. Mal ela sabia o que eu havia de vir a ouvir no colégio! A conversa que um dia surpreendi entre as meninas crescidas, numa varanda... Para onde elas diziam que olhavam! A moral da Estefânia era só áspera e sêca como ela. No entanto o seu espírito era curioso e frenético, mas sem a mínima tendência mística. O misticismo é luxurioso e ai esta o que a Estefânia fundamentalmente não era, luxuriosa.

A Estefânia devia conhecer a Lisboa velha como os seus dedos. As avenidas novas ainda não tentavam ninguém, eram para os brasileiros e africanistas.

Pelos carnavais andávamos atraz da Estefânia numa sarabanda á procura das **dansas da luta.** Na Páscoa de igreja para igreja para surpreendermos as aleluias.

E uma mulher destas, tão cheia de rebentinas, de apetites, de esperanças e de cálculos, morreu apenas com trinta anos, sem ter chegado a lograr o que tanto tinha cubiçado! Coitada, morreu a tempo. Pelo menos não teve o desgôsto de assistir à derrocada do nosso mundo doméstico, mundo em que ela tanto influia, e que tão bem construído era de antigos e inofensivos usos, de tolerância e de irresistência. A morte poupou-lhe com certeza muitas decepções. A sua vida também já não podia ser muito longa, sendo ela efermiça, como era.

A Estefânia morreu e o Daniel desapareceu com ela das nossas vidas. Aquele fantasma de fato branco, a subir as escadas discretamente — a figura e simbolo do operário que recolhe á tarde a casa — ou então enconstado à janela da sua casinha, que dava para o saguão, sumiu-se, esvaiu-se...

O seu quinto andar, com alguma vista, de telhados, sobretudo, mas cheissimo de sol e muito tranquilo, ainda vive em mim e me é grato. A nossa casa em baixo era muito sombria.

Haver ou não haver sol, ser noite e ser dia são acidentes físicos que eu facilmente retenho. Lembro-me mais deles que dos sons, por exemplo. Evoco muito mal as vozes familiares. Qualquer coisa me faz lembrar o modo de falar da Emília da Azenha, com quem eu, aliás, não vivia, e nada me reconstitui o do pai nem o da madrinha. A imagem que conservo da Estefânia é realmente muito nítida, mas quási só visual. Penso nela e vejo-a com o seu espírito e a sua expressão natural...

Morreria ou não morreria a Estefânia? Talvez não, de todo... Alguma coisa dela, do seu carácter, da sua vibração íntima ainda perduram em mim, e quem sabe se noutros! Vou apanhar a Estefânia aos meus primeiros anos de vida, como se ela ainda vivesse, ou devesse ser eterna e imutável. Vejo-a sempre com certa idade e certa alma. Vejo-a... com a sua grande bôca e a sua cara de cutelo, os seus olhos ramalhudos de pouco brilho, o seu riso desluzido e um pender de cabeça de quem se cala contra a vontade, o corpo espalmado, as saias compridas e escorridas, um ar desgostoso de tudo, um gesto subito de se pôr de pé... Vejo tudo isto e quási que tenho saudades da Estefânia. E' que depois dela o que veio foi muito peior. A Estefânia não era, afinal, nossa inimiga. Nem imoral.

(Trecho de novela)

(Portugal)

ABEL SALAZAR

Negro Fugido

REGINALDO GUIMARÃES

O problema do *negro fugido* era um verdadeiro espantalho para os senhores de escravos que possuiam grande numero de braços mourejando nas suas senzalas. Sobretudo aqueles que tinham os seus negros empregados na lavoura, trabalhando na cana de açucar, no café, no fumo e que possuiam deante dos olhos um mundo selvagem, os imensos sertões, e que não trastejavam com qualquer facilidade do feitor perverso. Qualquer mal-trato excessivo ou qualquer mal-feito que merecesse conversa com o pelourinho e o bacalhau era motivo para fuga.

Não rara era a noticia de um que se embrenhava nos matos, procurando se refugiar em zonas bem afastadas da civilisação aonde os brancos mandavam.

Na Baía, por exemplo, se bem que nunca atingisse os limites de Alagôas, aonde o numero de fugas era tão grande que deu lugar á formação de inumeros quilombos, chegando ao celebre Palmares, a Troia negra que para ser extinta necessitou da intervenção oficial, se bem que não alcançasse, nem de perto, essas cifras, teve tambem os seus casos de *negros fugidos* a dar trabalho aos ferrenhos capitães de mato.

Aqui mesmo vou relatar um celebre caso de fuga de negro que encontrei compilando velhos documentos do principio do seculo passado do então Arraial de Conquista, termo da Vila Nova do Principe de Santa Ana de Caeteté, comarca de Jacobina. Trata-se da aventura do negro Januario Pardo que em 25 de Maio de 1825 foi preso em Morrinhos, hoje vila do municipio de Poções, pelo capitão do Mato Antonio de Jesus.

Levado á presença das autoridades competentes, reza o documento, "do Procurador Menor e tesoreiro comiçario dos defuntos e ausentes o Alferes João José de Souza Fonseca onde eu escrivam do seu cargo ao adiante nomiado me axava aí mandou ele dito Procurador Menor vir na presença o Mulato Forajido por nome Janoario para efeito de ser-lhe feitas as perguntas do estilo para cujo fim nomiou para seu curador José Alvares Barreiros e presente lhe dirigiu o juramento dos Santos Evangelhos em hum livro delles sob cargo do code lhe encarregou que vem verdadeiramente sem dolho odio Malicia Calunia ou afeiçam alguma para errado do referido escravo procurando tudo coanto..."

Entrando em interrogatorio o negro Janoario, ainda fala o processo: "delle fizeram as proguntas seguintes. Como se xamava sua coalidade natalidade se era forro ou captivo quem era seu senhor, aonde morava e coanto tempo andava auzente do seu poder e por onde saiu andando o aviaprendia e se alguma apesçoa o avia conduzido para a sua fugida".

Janoario Pardo não escondeu nada. Nem tãonpouco acusou alguem ou "apesçoa que o avia conduzido para a sua fugida".

Com leadade e com coragem "respondeu o seu nome era Janoario e que era Captivo do Tenente Joaquim Francisco e de D. Maria da Conceiçam Moradores na Sidade da Bahia tendo fogido da mesma sidade e se axava auzente a tres annos tendo andado todo este tempo pellos Sertões do Arraial de Formigas termo de Minas Novas e que veyo parar em Maracás e de lá veyo ser preso nos Morrinhos 9 dista deste Arraial (Conquista) quinze leguas pello Capp. do Matto Antonio de Jesus e o dito Capitam do Mato o conduzio ante Juiso de Auzentes..."

Se olharmos para o mapa vamos vêr a extensão imensa de sertão que êsse negro fugido da cidade do Salvador cruzou, vencendo todo o sul do estado da Baía, entrando em Minas, donde saíu novamente, tomando o rumo do sudoeste baiano indo alcançar Maracás, quasi no centro. Daí ele deceu, outra vez, para ser preso, finalmente, nos Morrinhos.

Atravessando regiões perigosissimas ainda hoje, quanto mais naquela epoca, infestadas de féras, de indios e doenças, para fugir ao labéo da escravidão.

Esse é mais um exemplo de que os negros possuiam e muito bem aquele instinto natural de rebeldia, de ancia de liberdade e de lealdade, comum a todas as raças, desmentindo o conceito daqueles que julgam os negros "humildes, submissos e dóceis" e daí a sua escolha para a escravidão, como, ingenuamente pensa Flausino José Rodrigues, e muitos outros que ainda estão atrasados um seculo.

Mas, voltando ao assunto, a história

TRANSCRIÇÕES

POEMA DE MAYO

AYDANO DO COUTO FERRAZ
Versão de Miguel Bustos-Cerecedo

Luna de Mayo, dónde están las doncellas proletarias?
En qué choza se encuentra Gabriella y Lucia,
en qué patio de fábrica amanecerán por estos dias?

Dónde están las judías Geny y Tatiana
de rublos cabellos cálidos como lenguas de fuego?
Dónde están las desheredadas sonando a esta hora?
Por qué esta noche es clara como los ojos infantiles
y no vienen las mozas, vestidas de percal, coquetear en el mercado?
Dónde están las flores amaneciendo en el rocío
que las ninãs proletarias no las han encontrado?

Gabriella y Lucia sonaban con jardines para todos,
Tatiana e Geny con rubios panes de trigo.

Luna de Mayo, no desilusiones a las doncellas proletarias!
Oh! los silencios cordiales de las noches largas en el Mercado!
Gabriella, Lucia, Tatiana, Geny, todas juntas,
y nosotros, ninõs aventureros, mirando con un dolor casi mecanico
los grandes navios parados en el puerto!

(De "El Nacional" — Mexico)

de Janoario Pardo não termina aí. Sendo mercadoria apreendida, como qualquer outra, foi mandada avaliar e "foi dito ao mesmo Procurador Menor e tesoreiro que lhes avaliaram o Referido escravo Janoario que presente se axava que Representa ter a idade de trinta e dos Annos mais ou menos com profissam de ferreiro na coantia de sento e dez Mil Reis como avaliaram faziam conforme entendiam em suas consciencias..." E o Procurador mandou que o Porteiro Ignacio Gonçalves Vianna passasse o alvará de Rematação.

Entrando em leilão o negro fugido foi arrematado pelo "o dito Sangento-mór Raymundo Gonçalves da Costa ser o rematante do dito escravo aos vinte cinco dias do mes de Junho..." Declara ainda o alfarrabio, na sua linguagem tipica, "logo continuava o mesmo Porteiro dizendo a presente fazia porque mais não axava... dizendo finalmente que sento e onze Mil Reis lhe davam pello escravo Janoario Pardo fiado por seis mezes com fiador abonado..."

Terminou assim a odisséa do negro fugido Janoario Pardo. Arrematado pelo Sargento-mór Raymundo Gonçalves da Costa foi trabalhar na lavoura da cana de açucar. Esse senhor de engenho, filho do conquistador e desbravador do sudoeste baiano, Antonio Gonçalves da Costa, possuia tantos escravos que, diz a tradição popular, não sabia o numero. Em torno de sua memoria gira ainda um ciclo de lendas e de histórias burlescas, tendo sido, conforme a documentação oral, o maior fabricante de mulatos da época.

●

N. A. — Informes tirados do Juizo Comiçario dos Auzentes do Arraial da Comquista.

Carta de Arremataçom mandada Requerer pelo Sargento-Mór do escravo Janoario Pardo que o Rematou por este Juiso.

Treze Anos

(Especicl para Esfera)

HAMILCAR DE GARCIA

Enquanto subia a escada ainda podia ouvir a voz cheia do agente de seguros. Seria possivel que êle fôsse apenas isso? Oh! a sua voz quente, sonóra, que parecia se acomodar nas orelhinhas dela como rolos de fumo desenhando figuras suaves.

— Pense na sua familia, naquela linda menina...

Era um cadafalso a escada. Lá em cima, no seu pequeno quarto azul, ainda com os desenhos feitos quando ela era bem pequena, se jogaria na cama para chorar.

— Outra vez... agora estou muito ocupada — dizia o pai de Anabela.

— Não tem duvida.

Oh! aquela voz, aquela voz que cabia tao bem nos seus ouvidos. Devia descer precipitadamente e impedir que êle saisse, dizendo-lhe que era tudo para a pequena Anabela? Não, seria horrivel; não tinha coragem para isso. Ademais, iam dizer que ela estava doente. Desde que tinha feito 13 anos, ha dois meses a mãe a olhava de um modo extranho...

Sim, agora já sei tudo, Anabela queria dizer. Só dizer porque, na verdade, não sabia de que se tratava.

— Não tem duvida.

E si rezasse um pouco. Era preciso rezar bastante. "Ave Maria, cheia de graça..." Aquela voz era cheia, tinha tudo no seu bojo. Que mal, então? A sua vida não era vasia? Porque não haveria de ir ao teatro? Porque não teria um vestido mais comprido? E meias?

Lá em baixo havia silencio outra vez. Apenas a voz conhecida da mãe:

— E Anabela? que tem essa menina? Onde está?

Ouviu os passos da mãe na escada. Agora iam descobrir tudo. Tinha vergonha. Mas com certeza que iam descobrir.

Cobriu a cabeça com o travesseiro e procurou ver aquelas imagens que tanto a entretinham, de noite, quando o sono se perdia. Mas, não desta vez. Era necessario estar bem atenta e desprendida ao mesmo tempo para que as figuras saltassem como de dentro de uma caixa. Podia ser um urso enorme com brincos. brincos que eram duas luas, duas luas que se derretiam e irritavam o monstro. Ou, ás vezes, um longo e interminavel cortejo de cavalos de madeiras pintados de vermelho. Até mesmo um simples triangulo ou uma gota de chumbo transparente.

.. Impossivel. Não tinha a calma precisa para *esperar* pelas imagens. Além disso, os passos da mãe estavam cada vez mais proximos. "Ave Maria, cheia de graça..." E que caricia — como si a voz do homem tivesse mãos, pequeninas mãos que lhe seguiam as curvas das orelhas, fazendo-a estremecer.

Tudo parecia tão bem até o momento em que o agente de seguros entrou na sala de estar... Gostava de ver o pai trabalhar. Tinha um prazer exquisito em ver a pena ranger no papel, enquanto êle preparava aqueles infindaveis relatorios. Por um momento, papai suspendeu o trabalho e piscou um olho para ela. Então ela se levantou e lhe deu um beijo. A sua vontade era atirar-se ao pescoço dêle e apertar bastante.

E como tudo estava igual! Nem se diria que a irmã mais velha tivesse casado no dia anterior. O "bouquet" da noiva foi ela quem apanhou. Todos riram. A Anabela, uma garotinha... E si naquele mesmo instante o marido estivesse maltratando a irmã? A tia sempre contava historias de matrimonios desgraçados. E tinha sido a unica pessôa a derramar lagrimas por aquele casamento tão feliz.

Ela estava de volta para cadeira quando o homem entrou. Era alto e moreno, com um bigode negro e os dentes fortes. Exquisito, mas não se sentia intimidada. Ele inspirava uma doce confiança. Por isso ficou.

— Permita-me... — começou o agente.

E aquela voz cheia, suave, sonora, tão segura de si, penetrou pelos seus ouvidos como si fosse aquele o justo momento em que a alma dela estivesse com uma das portas abertas.

— Acontece que...

Mas o homem não deu tempo para que o pai falasse.

— Que são cinco minutos quando se trata da segurança de sua familia?

Segurança era o que ela sentia. Podia acompanha-lo naquele instante, sair com êle. Naturalmente iriam para uma viagem. Ela se voltaria para o pai:

A Feira na Avenida Tiradentes

(Especial para "ESFERA")

Barraquinhas de lona enchem toda a Avenida
— alegre acampamento improvisado... E' a feira:
a verdade e a mentira a entrechocar-se... A vida,
com a sua mesma luz e a sua mesma poesia...

Flôres e frutos, rindo entre carnes sangrentas
e polidos metais, vêm-nos ferir a vista.
Grandes manchas de côr... Pinceladas violentas...
Vigorosa impressão de um pintor modernista...

De quando em quando, velhos trechos de romanças...
Surgem sempre, na feira, uns líricos cantores...
Japoneses subtis, num circulo de crianças,
põem brinquedos na lapela, como flores...

Defronte, um casarão cheio de grades. Nelas,
uns homens de feições dolorosas e estranhas,
os olhos na calçada, onde andam sentinelas,
ficam horas a fio, imóveis como aranhas:

quedam-se a ouvir aquele ruido de cachoeira,
doidos para poder comprar o que, em verdade,
não tem preço nenhum para os que estão na feira,
para os que estão cá fóra, em suma: a liberdade!

C L E Ó M E N E S C A M P O S
S. Paulo

— Quando voltarmos, paizinho, o senhor tem que fazer um seguro com o...

Não sabia o nome dêle. Que importava isso? A sua voz não era tão suave, êle não era alto e não tinha os bigodes negros? Um nome... Ora, um nome.

— Que tem, Anabela?

Era o pai quem falava. Sentiu-se perdida. O pai devia ter notado alguma coisa nela. As faces lhe queimavam. Si ficasse ali, iria morrer de vergonha. De alguns tempos, todos pareciam saber o que ela pensava, sorriam-lhe de um modo subentendido...

Levantou-se bruscamente e saiu quasi a correr. O homem nem siquer notou. Só o pai olhou para ela, completamente esquecido do agente.

— Pense na sua familia, naquela linda menina.

E depois a escada, a escada que tanto se pareceu a um cadafalso. E aquela vontade de voltar, de precipitar-se escada abaixo e dizer-lhe que o amava, que a sua voz... que êle era tudo para ela.

Na escada, os passos da mãe estavam mais proximos.

Anabela... Anabela!

A mãe ia descobrir tudo. Não tinha forças para ocultar. Oh! Deus, e a vergonha, a vergonha que sentiria! Mas que era aquilo? Chegavam as suas imagens? Sim, era o cortejo dos cavalinhos vermelhos e o urso, o urso dos brincos de lua. Que paz, que enorme paz.

●

Quando abriu os olhos, viu que a mãe estava aflita e ajudava o pai a retirar da caixa trazida naquele momento uma boneca que dizia papá e mamã. O pai tinha um sorriso forçado e meio triste.

Porto Alegre

Comentando Livros

"Amanhecer"

DIAS DA COSTA

Por intermedio da Livraria José Olimpio Editora, Lucia Miguel Pereira, a romancista de "Em Surdina", acaba de publicar mais um romance. Para um paiz como o nosso, em que o numero de bôas escritoras não é grande, isso é uma bôa noticia. Principalmente sendo o romance um genero literario que, entre nós, não tem sido muito feliz no que se refere a autoras. Deixando uma excepção prudente para as possiveis romancistas inéditas que devem existir por êsse Brasil, naturalmente desconhecidas por falta de editores, não posso recordar, além de Rachel Queiroz e de Lucia Miguel Pereira, outro nome que mereça siquer uma referencia. Essas duas porém, felismente, podem ser postas, sem nenhuma benevolencia, a par com os melhores romancistas que possuimos.

O novo livro de Lucia Miguel Pereira comprova o que estou afirmando.

Sempre considerei o romance como um dos mais dificeis generos literarios. Para mim o romancista, já antes de escrever o seu primeiro romance, tem que saber tudo, enxergar tudo, misturar-se intimamente na vida, de olhos sempre abertos, de sentidos alertas, captando emoções, arquivando ambientes, catalogando caracteres, gravando paisagens na retina, possuindo capacidade de se fracionar, de ser êle, ao mesmo tempo em que tem necessidade de ser multiplos individuos. Isso é que se póde chamar o periodo de recolher material. Depois vem o processo de decantação, de purificação. Só depois disso é que chega a hora de crear, verificando-se, assim, as três fáses da produção artistica. Nesse momento, o romancista se vê na contigencia de mobilisar todas as suas reservas, tudo o que estava se cristalisando no seu interior. Lembranças de ambientes, recordações de tipos, memorias de sons e de côres, enfim uma verdadeira restituição de um material heterogenio que será utilizado, não em bruto como existia no momento de captação, mas ao contrario, já depurado de todo o elemento superfluo, em um processo de adaptação que a sensibilidade do autor executou quase inconcientemente. Aí é que entra o ficcionista. E' nessa colaboração, nessa capacidade de deformar a verdade sem destruir a verdade e no senso da medida exata de fazê-lo que reside a dificuldade maior para a total revelação do romancista. A verdade bruta nunca deixará de ser apenas reportagem. A fantasia pura jamais irá além dos limites da simples fábula. Mas o que não se póde precisar com exatidão é o quanto de fantasia e o quanto de verdade se deve utilisar para obter equilibrio. Isso póde variar ao infinito, dependendo de fatores diversissimos, te tema, de meio, de personagens, enfim, do clima que se terá de construir para que reflita realmente o clima que se quer apresentar. E' claro que em um romance desenvolvido num hospicio de doidos não se póde utilisar os mesmos elementos nem construir com os mesmos processos usados em um outro que narre uma historia lirica de namorados á beira mar. Tudo tem que ser diferente. A linguagem, o ritmo, até mesmo as imagens, que devem sintonisar com os elementos mais sugestivos do ambiente. Essa segurança do ritmo do romance, ao contrario do que póde parecer, é alcançada muito mais por intuição do que racionalmente. O romancista nato, isto é, o narrador que sabe contar as suas historias de maneira interessante e sugestiva, revela-se mesmo no analfabeto contador de coisas ingenuas, mas que sabe tirar todo o proveito dos elementos diversos que a sua sensibilidade foi captando pela vida a fóra. De ser mais instintivo do que racional êsse senso de equilibrio do romancista é que provem o fáto do autor ser muitas vezes obrigado a fazer conceções ao procedimento de seus personagens dentro da obra, permitindo-lhes que se desviem do rumo que lhes tinha sido indicado, por sentir que contraria-los seria diminuir-lhes a força, quebrar-lhes o equilibrio já alcançado dentro do todo, á revelia do raciocinio do autor. Assim, não é dificil avaliar-se a dificuldade ainda maior que é o escrever-se romances com téses preestabelecidas, com um antecipado criterio de direção, seja social, ideologico ou politico, o que diminue consideravelmente as possibilidades de se obter, quer dos individuos, quer do conjunto, o maximo de efeito emocional, que deve existir em toda obra de arte. O personagem toma o carater de simbolo, passando a ser ao mesmo tempo um automato, que só póde agir dentro de limites preestabelecidos. Os seus átos, as suas ações e reações têm de obedecer

a uma direção que foi traçada a priori e isso limita-lhe as possibilidades de ser satisfatoriamente humano. Daí poder-se considerar o moderno romance social como a mais dificil tarefa literaria já apresentada aos escritores de todos os tempos. Os personagens têm que estar de acordo com tantos fatores diversos que, para o autor conseguir que êles atendam a todos e continuem humanos precisa realisar verdadeiros milagres de habilidade, de conhecimento, de intuição e de logica.

O novo romance de Lucia Miguel Pereira, verdadeiro romance de tése, reafirma as qualidades de romancista já reveladas pela autora. A sua prosa é sugestiva, simples, corrente, dando a impressão de que tudo foi feito com a maxima facilidade. Os dois ambientes utilisados, a cidadezinha do interior e a casa do Dr. Maia em Copacabana foram fixados com inteiro exito. A fabulação é interessante e o seu desenrolar nunca se torna monotono. E enquanto os personagens principais estão entregues a si mesmos, isto é, Maria Aparecida antes da chegada de Antonio, e Sonia antes do perigo de morte que a ameaçou, agem naturalmente, sem que se perceba por parte da autora nenhuma coação. Depois da chegada de Antonio porém a narrativa toma outro carater. E' que daí em diante a romancista procura forçar uma conclusão que se impôs. Como pretendo descutir essa conclusão vou procurar fazer uma sintese do entrecho do livro. Maria Aparecida é uma meninazinha adolescente, com uma instrução superior ao comum das nossas meninazinhas adolescentes e que vive em um lugarejo do Estado do Rio, entre um pae que não a compreende e uma mãe absolutamente incapaz de entende-la. Procura compensar essa solidão entregando-se a sonhos fantasiosos de uma futura existencia em um mundo para ela desconhecido, mas anciosamente desejdo. Cheia de superstições, prejudicada por pequenos preconceitos mais fortes do que a sua vontade de vence-los, encontra a vida que vive indigna de ser vivida, embora não encontre em si mesma forças necessarias para romper com ela e construir uma nova e melhor existencia. E' nesse momento que chega Sonia, menina futil da capital, meio histérica e meio cinica, estragada por uma educação perniciosa que os mimos de um pae rico e de uma mãe passiva ainda mais agravaram. Seus costumes livres enchem de espanto a timidês provinciana de Maria Aparecida. Totalmente diferentes as duas, embora se unam, jamais chegam a entender-se. Sonia quer viver a sua vida, sem pensar em problemas, tomá-la tal como ela se apresenta. Aparecida pensa que isso não é tudo, que deve existir alguma coisa além desse vasio. Alguma coisa que ela não sabe bem o que é. Antonio, parente pobre de Sonia vem, no momento mais perigoso, passar tambem uns dias na roça. Diz-se revolucionario, entregue completamente ás massas, capaz de sacrificar-se por inteiro pela revolução social. Aparecida apaixona-se por ele á primeira vista. Sonia aproveita-o como distração para contactos acidentais.

A' personalidade de Antonio começa então a agir sobre ambas de maneira impressionante. Maria Aparecida, totalmente fascinada, absorve as suas ideias de liberdade para a mulher, de rutura com todos os preconceitos, de luta pela vida, sem aceitar favores ou piedade. Uma energia nova enche-lhe o corpo sadio e cheio de desejos. Julga-se capaz de grandes realizações. Rompe com as suas crenças antigas, ou antes, supõe que rompe. Mas o que ela deseja mesmo afinal é Antonio, sexualmente. Deseja ser dêle, totalmente dêle.

O drama de Sonia é mais doloroso. Quando já está abalada pelas palavras de Antonio, incansavel em satirisar e despresar a sua futilidade, a sua vida ôca de ideias, atravessa uma crise dolorosa, por motivo de ver a morte de perto após uma pratica de abôrto. Então entrega-se inteiramente ao misticismo religioso. As lutas de Sonia e de Aparecida vão se processando paralelamente, enquanto Antonio permanece onde sempre esteve.

Aparecida vai para a capital, arranja um emprego, e, por fim, vai morar com Antonio, rompendo com todos os seus escrupulos. Sonia, arrependida de seu passado, resolve professar. A diferença principal entre as duas está em que Aparecida, realisando tudo o que tinha desejado, não encontra a paz que almejava, enquanto Sonia, dirigindo-se para Deus, vê todas as suas angustias resolvidas, as suas duvidas afastadas, sendo uma serenidade absoluta o premio precioso de sua conversão. Como se vê, havendo três personagens principais, dentro do romance, cada qual procurando um caminho, e si um apenas se sente liberto de todas as inquietações, a dedução logica é que a solução unica é a do que acertou. Sonia encontrou Deus e solucionou a sua vida. Aparecida e Antonio desencaminharam-se de Deus e ficaram com as vidas sem solução. Logo, a solução é Deus. Óra, mesmo se analisando apenas o material humano utilisado pela autora não creio que a sua tése tenha ficado demonstrada. Primeiro, dos três personagens utilisados como veiculo de ideias, apenas Sonia tem a possibilidade de experimentar realmente a sua solução. Não ha nada afinal, a não ser impecilhos pessoais, que proiba al-

guem de aderir a Deus entrando para um convento. Ao contrario, tudo é faciltado a quem pretende tomar na vida essa direção. Mas, para uma mulher alcançar liberdade total, sem se prostituir, numa sociedade como esta em que vivemos ou para um Antonio ver postos em pratica todos os seus pontos de vista sociais, inumeros riscos e impecilhos se extendem pelo caminho. Impecilhos que vão desde o repúdio medroso da sociedade até ao encarceramento com todas as suas consequencias. Além disso, nem Sonia, nem Aparecida, nem Antonio, me parecem o material humano mais indicado entre os que a autora devia utilisar para obter o seu fim. Sonia, histerica e voluvel, mesmo chegando ao misticismo, póde apenas estar atravessando uma crise passageira da qual venha ainda curar-se. Aparecida não tem logicamente razões para continuar inquieta, pois a sua vontade sempre foi mesmo escravisar-se a Antonio. Na pagina 225 do livro ela diz textualmente: "Mulher nasceu mesmo para escrava". Isso dito por uma mulher em um romance escrito por mulher, pode parecer uma afirmação verdadeira. No entanto, eu, como homem, não creio que Aparecida tenha razão. Uma mulher como ela, educada erradamente, com seculos de escravidão feminina agindo por atavismo no subconciente, póde pensar assim. Mas resta provar si a mulher em sua maioria, depois de totalmente libertada, vivendo em uma sociedade organisada logica e racionalmente, póde continuar desejando ser escrava. Aliás Aparecida continúa sofrendo apenas porque não deixou de ser totalmente o que era antes e não assimilou tambem totalmente a parte bôa das ideias que Antonio lhe inoculou. Na pagina 177 éla despreza o povo, lamentando o esforço de Antonio: "E queria dedicar a vida a elevar as massas... Eu tivera uma noção do que élas valem, vendo a alegria de S. José com a prisão de Firme". Pelo fáto déla avaliar a capacidade de elevação das massas, tomando como base o atrazo em que se encontra o povo de S. José, deduz-se logo da confusão que existia em sua cabeça entupida de caraminholas disparatadas. O proprio Antonio, em vez de ser um lider social como se julga, é apenas um individualista presumido e superficialmente revoltado. Supondo-se um defensor do coletivismo não passa de um narcisista que se adora. "A historia registrará o seu nome como minha colaboradora", confessa êle muito a serio a Aparecida na pagina 229 do romance.

Convenhamos que com gente dessa especie o resultado só poderia ser um fracasso. E como, nem Maria Aparecida, nem Antonio representam de fáto uma mulher com capacidade necessaria para libertar-se ou um revolucionario capaz de compreender e empreender uma revolução, o fáto deles falharem não significa coisa alguma. E assim, ou os personagens de "Amanhecer" se insurgiram contra o molde em que se os pretendeu encerrar e agiram por conta propria, atraiçoando a autora ou a sua tése não póde ser defendida convincentemente, pelo menos em romance.

Já afirmei acima que as qualidades de romancista de Lucia Miguel Pereira se robustecem nesse romance. As restrições que pretendi fazer, por uma questão de convicções, em nada diminuem a admiração que continuo dedicando á romancista. Para justificar esses conceitos basta que se atente nas figuras secundarias do livro. O Dr. Maia, os paes de Maria Aparecida, seu Josino, o preto Joaquim que se suicida, enfim todos os que não têm uma missão determinada a cumprir no livro, movimentam-se com a maior naturalidade, possuem uma vitalidade, que vai muito além do que seria de exigir da sua função de simples comparsas.

Como romance de tése "Amanhecer" é um livro digno de ser discutido. Como romance apenas o seu valor não admite discussão. Creio, sinceramente, que êsse é um dos maiores elogios que justamente se lhe póde dirigir.

Itinerário

Especial para ESFERA

JOEL SILVEIRA

Encontrei-me com ele a bordo. E' velho, tem já os seus setenta anos. Os cabelos aparados estão brancos como espuma. O rosto todo picado, lembrança imperecivel de uma variola infantil. Chama-se Alipio. João Alipio. Conheceu meu pai desde menino e conta toda a sua vida, fazendo ressaltar as menores minucias. Ontem me perguntou:

— Você sabe que seu pai vendia cocáda no Lagario?

Eu sabia.

— Você sabia que nós fomos companheiros de grupo-escolar? Seu pai comia as páginas da gramatica conforme iam passando as lições.

Não sabia.

Pois era. Um pandego. Depois é que ficou assim sizudo, grave. Tambem, coitado, sofreu como um infeliz.

Ora, eis que a lembrança de meu pai me chega agora. Me chega pela voz cansada de João Alipio, de um João Alipio de cabelos brancos, de passos lentos, de olhos úmidos, de rosto vermelho e gordo. Meu pai que vendia cocáda... Que vendia cocáda numa cidadezinha do interior de Sergipe. Estou a vê-lo, de calças pelo meio das pernas, a gritar nas ruas incertas e arenosas:

— Olhe a cocadinha!...

Era o seu grande orgulho. Quando um de nós reclamava qualquer coisa — quero um par de sapatos melhor! quero uma roupa de linho! — ele endireitava os oculos, brandia o garfo:

— Vocês são uns felizes! Vamos, reclamem, exijam. Não têm a comida na hora certa? Não têm o paizinho pronto prá tudo?

Baixava a voz, olhava o prato:

— Infeliz fui eu que, para comer, era preciso vender cocáda na rua. Pra comer e dá de comer a uma mãe e a não sei quantas irmãs.

João Alipio me trouxe esta lembrança, que eu não sei se é uma bôa lembrança, Meu pai vendia cocáda. Meu pai sofreu muito. E em janeiro vai fazer um ano que ele foi embora. Eu estava sentado na cabeceira da cama quando ele morreu.

●

A presença dela vai, pouco a pouco, se tornando mais real, mais definida — tenho mesmo a certeza de que no passar de outras oudas a sua figurinha me surgirá ruidosa e viva.

●

Não gosto de ter companheiros em viagens. Não falo, não indago, me isolo. Leio e durmo. A's vezes escrevo, quando não ha ninguem neste bar de cadeiras incomodas e mesa ainda mais incomoda. Sou, por assim dizer, um sujeito antipatico, meio-misterioso e meio-imbecil. Hoje á tarde, numa das voltas pelo tombadilho, ouvi perfeitamente o negociante de Ilhéos perguntar para o médico sergipano:

— Quem é este gajo?

●

Estamos em Itabuna e a noite é tranquila. Ha arvores paradas. As casas são baixas, pesadas, acabrunhadas. Postes incertos, equilibrando luzes debeis e vacilantes. Sóbe da terra e desce do céu uma grande tranquilidade — imensa tranquilidade que nos enche os olhos e que faz o meu amigo suspirar de vez em quando:

— Quem vê isso e quem vê Nova York...

Meu amigo conhece o mundo inteiro. E' viajante de um navio grande — já andou por terras que eu conheço de mapa e de cinema.

Grande noite esta de Itabuna. Ha uma praça com casas ricas. Cicero me explica:

— Aqui mora a Rainha do Cacáu.

Mais adiante, outra casa rica. Cicero me explica:

- Aqui mora o Rei do Cacau.

Mas para mim o que existe, deliciosamente existe — são estas arvores que adormeceram, sao estas ruas retas, e largas,

Círculo vicioso

ESPECIAL PARA *ESFERA*

Fui Deus por um momento.
As fronteiras que são o Espaço e o Tempo
Dissolveram-se
Na sensação do Eterno e do Infinito.
Minha alma era a Harmonia do Universo,
E o meu coração o regulador do Ritmo de tudo.
Fui a propria Existência,
— Substratum da vida —,
Ser total, única Essência,
Imensa esfera de Matéria e Fôrça,
Sem circunferência e sem centro.

●

Mas o êxtase passou,
Extingiu-se o relâmpago,
Que teve num segundo
A duração da Eternidade.
E voltei a ser Homem.
— Forma, Limitação —,
Separado dos outros, mas trazendo
Um impulso maior para novo retôrno
Ao Silêncio-Harmonia
Sem comêço e sem fim.

J. M. DE CARVALHO JUNIOR

●

são estas casas tristes e sérias. O que existe é esta grande lua, uma lua diferente e que não pede soneto.

Grande noite de Itabuna. Aqui virei muitas vezes. Aqui virei quando tiver o peito cheio, quando tiver a cabeça vazia. Aqui virei muitas vezes, me perder nesta tranquilidade amiga, me perder como numa onda de esquecimento.

●

As primeiras luzes da Baia pingaram na escuridão. Ha vagalumes trepados por cima dos morros. O elevador Lacerda, iluminado, desce das alturas como o rastro de um comêta.

●

Um reporter me perguntou hoje, a bordo, o que eu ia fazer em Aracaju'. Respondi que ia dormir.

Fico na porta, um portão que da para uma rua cheia de areia. Mulheres passam para a missa e me dizem:

— Bom dia.

....Respondo bom dia, na minha mais legitima fala nortista, cheio de um bairrismo e de uma satisfação diferentes.

Em Aracaju' a vida começa ás cinco horas da manhã. Mesmo de madrugada começam a passar os primeiros cavalos, chora a primeira criança, canta o primeiro galo. O sol nasce cêdo, por cima dos coqueiros e desenha estrias de prata no riozinho tranquilo. E' uma aurora sanguinea, doente. A areia rebrilha. Rebrilha a frente das casas, todas pintadas de um oleo que reluz como verniz.

Hoje eu vou para a praia. Acontece que me convidaram para ser o "keeper" de um time de negrinhos e eu aceitei.

A VILA

OMER MONT'ALEGRE

A vila, de fora, para quem, de viagem, passava chispando num automovel, abrindo as narinas para receber com mais sustança o cheiro dos cozimentos das uzinas, parecia uma figura de presepio. Lá na Judéa, no tempo de Cristo, as localidades deviam ser assim, isto é, tirando fora o cheiro do cozimento da guarapa da cana. E, aquilo ali, era uma vila do tempo de Cristo, quasi. Do ano de 1600.

Constava de um amontoado de casas; casas antigas, construidas a vontade. Umas la para dentro; outras cá para fóra; tudo espalhado por um monte, ladeira acima, ladeira abaixo. Dominando as subidas e descidas, a igreja. Uma igreja colonial, de enormes paredes de pedra e cal. Deante da igreja, dando acésso, uma escadaria de cimento, de quinze degraus. Na frente, uma cruz de madeira numa peanha de tijolos, rustica.

Lugar pequeno muita vez é bem lugar. Mas lugar pequeno como aquele é infelicidade. Quem, do alto da calçada da igreja se pusesse a olhar para um lado e para o outro, haveria de ver, somente, canaviais dominados pelas tôrres alvacentas das chaminés das uzinas. Bem ali, duas; uma de cada lado. Muitas outras pelo municipio afóra. Castelo e São Felix. A vila era dêles .Eles eram os donos da vila. Donos e senhores, tinham a vila como uma senzala. Mas, o que mais infelicitava a vila era que os proprietarios não se toleravam mutuamente. E a vila era o bode expiatorio...

A ladeira da Mentira, a rua do Açougue, a praça da Matriz, a rua do Comercio, era dominio da gente do Castelo; a rua do Rosario, da Tapagem, do Marau', da Palha, do São Felix, era dominio da gente do São Felix. Mas seria que se podia chamar de rua algum daqueles bêcos, cheios de brocotós, cobertos de mato, com as casas desenhando linhas sinuosas, coleios? A vila, porém, se dava ao luxo disto. De chamar de ruas... Ninguem que morasse ali estava isento de depender dos caprichos de um ou de outro senhor. Quem quisesse viver com independencia não parava ali. Que aquilo não era, mesmo, terra de gente.

....

Naquela tarde Marcos ouviu a historia da vila contada por Paulo Ismael. Paulo Ismael era filho de Dona Dió. Não plantava cana. O seu meio de vida era simples: de oito em oito, aos domingos, na feira, vendia gazoza de gengebirra. Nos dias de festa fazia o mesmo. No correr da semana fazia algum pequeno trabalho de pedreiro, se aparecia. Se não, cochilava, contava historias.

Era a primeira vez que aparecia na calçada da igreja. Chegara cêdo, com um livro, para ler alguma coisa. Não lêra nada, porém, porque chegára Paulo e começára a puxar historia. E conversa vai, conversa vem, toca a contar a historia dali.

— Pois é, os antigos diziam e havia de ser verdade. O capitão do navio, logo no começo do temporal, viu que o tempo ia ser preto e que o barco não aguentava; então, fez uma promessa. Se chegasse são e salvo em um porto qualquer ali de perto, deixaria no lugar uma imagem do santo daquele dia. E, foi num dia 13 de dezembro que o navio daquele capitão chegou no porto da vila que era naquele tempo ali pela varzea do Marau'. Era dia de Santa Luzia e o capitão cumpriu a promessa. Depois, quando os brancos chegaram por ali viram a santa. Carregaram com ela e quiseram fazer a igreja onde hoje é o sobrado do Castelo; a santa não quiz e quando foi no outro dia que procuraram ela não acharam mais. Viram o rastro de pezinhos meudos; rastro da santa; vieram acompanhando e acharam a santa onde o capitão tinha deixado, bem ai onde é o altar mór, hoje. A santa estava dizendo que queria a igreja era ai. Então construiram este mundéo de igreja... Quando a igreja ficou pronta começaram a fazer casa, a santa começou a fazer milagre, o povo veiu chegando e pronto, estava feito o lugar...

....

Uma população de forasteiros, de cassacos, gente de trouxa que desce sempre com a seca, que se acostuma com a palha da cana. Que apanha impaludismo e doença do mundo. Que fica ali para o resto da vida. Gente nascida ali muito pouca; não nasce quasi ninguem; mais da metade do que nasce, morre no cueiro, empazinado de papa de banana, de sifilis ou de sezão. Antigamente era diferente. Quem matou a vila...

. . . foi o automovel, negrão; foi os engenho velho ter virado uzina; foi o assucar ter subido demais...

Marcolino Ezequiel para um pouco de falar. Passa as costas da mão na boca onde aljofra espuma de cuspe. Começa depois.

— Não sabe da cantiga:

"Cáe, cáe balão,
você num deve subir...
Quem sobe muito,
mais depressa ha de cair..."

TEDIO

ELISA LISPECTOR

Uma metalica tarde de outono, indecisa, parada sem tons nem matizes. — Uma tarde sem pôr do sol, sem estrelas nascentes. E por entre os densos véus de neblina, èm mistura com a fuligem das chaminés, pes sôas e cousas se confundem e se diluem numa mesma massa informe, cinzenta, incolôr.

Aos sacolejos do bonde, pacato, enervante no seu rolar monotono e vagaroso, ele contempla os homens ao seu lado, e as fisionomias cansadas, vazias, inexpressivas, se assemelham espantosamente; e por mais que as perscrute nada traem, nada lhe dizem.

E o carro continua a rolar pesadamente, parando longamente de quando em vez, sem nenhuma pressa sem arroubo, com esse vagar e resignação de quem mal chega ao termo tem de começar de novo, com essa desilusão apaziguada de quem já fez muitas jornadas, de quem ainda tem muitas outras caminhadas por fazer.

Da praia sopra um vento frio, impertinente, e toma-o uma sensação de desamparo e de solidão, — esmaga-o opressão amarga. E ele aconchega a si o sobretudo mais e mais. E torna a olhar os seres que com ele hombreiam, e, ante a impassibilidade e a indiferença que lhes empanam a face, uma revolta surda o invade, uma revolta intima, dilacerante.

— Quem são eles, e aonde vão, e por que está ele ali, entre eles? — Onde o laço que os une, onde o calor que os anima, onde a chama que os alenta? Acaso ainda pensam esses cerebros, os seus corações porventura ainda pulsam? — E ante a imutabilidade, ante a imobilidade que os petrifica, o terror o alucina, e impetuosamente lhe vem um desejo de alçar os braços, de gritar, de implorar, de fazer com que por fim algo suceda, com que aquele mutismo de morte algo quebre afinal.

Contudo, nada se altera, — ninguem o olha, ninguem o vê, ninguem dele se apercebe, engolfado cada qual em seus proprios pensamentos, cada qual imerso em sua propria dôr.

E, serenando, ele se pergunta: que será das suas vidas, e qual o destino que seguem emparelhados, qual o fim? — Qual o fim, a essencia, a razão de tudo isto, de todo o seu viver?

E uma inquietação intensa lhe amotina o espirito e anciosamente ele se curva sobre o seu intimo, e com angustia e com pavor ele procura a si mesmo E no mais recondito ele revolve os sentimentos mais profundos, as convicções mais arraigadas, as lembranças mais remotas...

Uma rajada mais forte o acomete, e ele olha a baía, e vê o mar imenso, a perder de vista; o horizonte largo, rasgado, sem barreira, — o céu infinito, sem limites!

...E no entanto, ele aí está, agrilhoado, abatido pelo peso da propria impotencia, aniquilado pela propria insensatez. Plasmado a um todo amorfo, cuja alma,, cujo sentido, ele em vão busca apreender... E, atormentado, ele revolve os pensamentos mais e mais e cada vez mais instavel se faz o solo, cada vez mais ele se aprofunda no abismo do insondavel...

E o carro continua a rolar pesadamente, parando longamente de quando em vez, sem nenhuma pressa, sem arroubo...

E ele segue o seu destino, que se assemelha — quem sabe? — ao das paralelas dos trilhos, talvez, a se prolongarem em vertice como que indefinidamente distanciado, e, de subito, bruscamente bifurcado em meio ao campo aberto...

(ESPECIAL PARA *ESFERA)*

— Pois é uma verdade daquele tamanho; eu tenho fé de ainda ver estes senhores todos sem poder comprar gazolina pro automovel, andando no cavalinho e as iáiá-dona de carro de boi... Pois é, no tempo que não havia automovel e nem uzina, quando era carro de boi e engenho de almanjarra, estes brancos de gengiva roxa não tinham pabulagem. Todo domingo vinha para aqui. Tinham casas, sobrados...

— ... pois é, negrão, sobrados...

— E se metiam com a gente. Depois vem o tal do americano, vendeu maquina, montaram as ferragens e mudaram de pensar como o assucar mudou de côr... E agora passam de automovel, chispando, com o nariz tapado com um lenço... Deixam a gazolina prá gente cheirar... E, tem uns, que tem até vergonha de passar por aqui... Não vê o das Antas, mandou fazer um desvio por fóra da rua...

— Até a correspondencia deles vem agora para a Estancia...

Deante da noite deserta, Marcos pensou na tragedia da absorção. A maquina, absorvêra a florescencia da vila, que era, agora, apenas, um motivo para satisfazer a vaidade politica de dois senhores de uzina; estes, na sua disputa, iam absorvendo a propria vila; e a vila, que não era nada, na realidade, que era aquele amontoado de casebres, de gente de aspeto doentio, e triste, absorvia a outra gente; os que vinham de fóra acostumavam com a palha da cana, com a doença do mundo, como dissera Marcolino, e com o impaludismo...

Acostumar.... Não era propriamente acostumar. Era ser absorvido...

(Fragmentos de capitulo do romance VILA DE SANTA LUZIA)

A nova poesia de Gilka Machado

SILVIA

Sem contestar, na menor parcela, o valor anterior da obra de Gilka Machado tenho agora uma impressão muito renascimento lendo esse livro intitulado *Sublimação*.

Quando a gente não conhecia bem essa exteriorisação que veio a seu tempo, quando nem se pensava siquer nessa possibilidade de compreensão afirmada, a inspiração vivíssima de "Mulher Nua" comunicava uma emoção que era mixto de beleza e de exaltação egocêntrica. Não parecia possivel desejar mais: a artista culminava na sua arrogância de transbordamentos íntimos dentro de uma forma bela, criando comparações ultra-sensuais e marcando cruamente os arroubos de sua personalidade insatisfeita.

Presentemente, os olhos de Gilka Machado se voltarem para o mundo exterior, completamente libertados da obcessão que os dominava. Universalisaram a paizagem. Perceberam que a ausência do humano e a indiferença ao coletivo esvasiavam muito a obra de arte nos tempos tormentosos de hoje. A correspondência se operou na sensibilidade dessa mulher que é uma das glórias da poesia brasileira — a luta pela existência esclareceu aniquilando fantasias inúteis e metafísicas escravisantes. O definitivo passou a se fixar no construtivo e a se concretisar no anseio vital. Como por encanto realisou-se a aproximação da artista com os outros seres, tambem da mesma especie, com os mesmos sofrimentos, com as mesmas ambições. Passou a ser um exemplar como outros e quando sobresái dos demais representa, sem que o seu *eu* interfira para ultrapassar.

A poetisa que no "luar de maio" interpretava a naturesa para ela volvida — *creio que cada flôr me atráe, me chama, com olhares magnéticos de arôma* — incita os poetas, esquecida das próprias inquietudes:

O mundo necessita de poesia,
cantemos, poetas, para a humanidade;
. . . .

E' essa poesia "para a humanidade" que prevalece em *Sublimação*. Prevalece de tal maneira que em certos poemas o panfleto predomina. O "Hino aos trabalhadores que construiram a cidade do Rio de Janeiro" justifica e é todo exaltação, devotamento, solidariedade:

Sou toda teu lavor
homem obreiro, homem do meu amor!
Daqui, do Excelsior, desta altura
e desta solidão, se me afigura
que és do que Deus maior.
. . . .

Existe grandiosidade de motivos nos cantos da *Baía* e nos *Mocambos do Recife*, no *Samba*, na *Dansa de filhas de terreiro*, na *Serenata* de Paquetá. De quando em vez o rítmo sobrepuja o pensamento — o som traduz a essencia de nossa gente, regional, melancolida, morena, cabocla, crioula, mulata, brasileira. A terra muito penetrada no homem, o homem muito integrado na terra:

Brasilea morena,
parece que o chão
se move ao teu samba
te anseia,
te busca,
te quer devorar!...
Brasilea morena
que forte atração
exerce em teus membros
a terra em que viças!
. . . .

As tendencias anteriores ainda deixam um traço forte em certos poemas e existem mesmo alguns bem da Gilka do passado. O que se pode notar é a diferença que o sentido individual adquire com frequencia, Em *Enamoradas*, por exemplo, não é o mundo exterior que procura a poetisa, é a poetisa que se dirige para o mundo exterior:

Desejo de migração
dos elementos vitais
ás fontes primitivas;
ansia de desagregamento
dos átomos
pela atração irresistivel das origens...
— deante da natureza,
de toda eu para ela:
sinto que o azul me absorve,
que a água tem sêde de mim,
que a terra de mim tem fome,

e pairo, ectoplásmica, desfeita
em ar,
em agua,
em pó,
misturada com as coisas,
integrada no infinito

Em tudo transparece um sentimento de bondade, impregnando as emoções mais pessoais, e as exaltações atingem máximo quando reinvidicam beneficios para os homens.

Quando interpreta os símbolos é a razão e a justiça que predominam. Conclue em *Carne e Diabo:*

Bendito seja o Diabo
que investindo
contra o poder criador
soube excede-lo,
pois, o pecado criando,
fez Deus maior,
humanisou-o,
sugeriu-lhe a ternura
sugeriu-lhe a piedade
e o homem divinisou com o sofrimento
e ás almas deu uma alma nova
— o amor.

Existem poemas que não parecem deste livro. Entretanto o são, e muito. Os anseios que a artista personifica são legitimos e jamais perderão o sentido de aspiração humana. A mulher que se entrega, levada por um fatalismo amoroso, a mulher que livremente estabelece essa permuta, que moralisa a perpetuação da especie e que justifica a comunhão sexual legitima, não podia faltar nesse punhado de versos que constitui um complexo vivo e expressivo.

Encerra a coletânea um poema que separa a Gilka do passado dessa bem formada Gilka de hoje. — A *felicidade* de ontem toda inspiração poetica passou a uma solidariedade edificante:

Felicidade
de não ter nada meu
e escancarar, com as mãos vasias,
as janelas aos dias,
agradecendo aos ceus esta riqueza
da minha super-sensibilidade
para a beleza,
para a bondade.
. . . .

Felicidade
(que é meu orgulho, certamente vão),
de, em versos, me haver dado inteira à [humanidade,
na impossibilidade
de ser pão.

A nova poesia de Gilka Machado sugere mais transcrições do que comentários: a música, o sentido e a emoção se precipitam de tal forma que muito pouco resta a dizer.

Descoberta do Caminho Impossivel

Para Graciliano Ramos

Antes de ser era o que ninguem sabe o que era:
nem tormentos nem dor nem amor nem carinho.
— Uma coisa distante, incolor, impossível,
— multiforme e uniforme,

Tudo vivia para o perto e o longe
sem começo nem fim nem pontos de integração.
Pedra a repercutir-se no longe
dos males sem ausencia nem remédio

— Pedra que os Einstein não penetraram
nem intuem os Bergson.
Parto da vida e da morte
— Fugitiva constante e sempre e sempre imensa!

Tragam montanhas de metafisicas e batalhões de Dostoiewskys
E nem assim a essencia será menos a mesma insolúvel realidade:

Parto da vida e da morte
nos males sem ausencia nem remédio.

POEMAS

Mais Além do Racional

A Vida é todo o bem — o esplendor de tudo
— consonancia de amor, — de prazer e maldade.
— Ermo de espinho e veludo,
— de Sonho e Realidade.

Linha Quebrada

Para Maria Raquel

Cresceu-me a sombra duma infancia simples
com carradas de fogo de artifício
e simulacros de delírios longes.
Peregrinos sem corpo na comédia esparsa
fizeram de mim seu anjo
e seu comparsa.

Veio o mundo ao encontro do meu erro
e assim me fiz poeta e me perdi da Vida
(— Pobre vida que metafisicas pesavam
e enchiam de irreal e dissonancia.
Disfarçadas visões de mundos sem grandeza,
nem ecos nem distancia!)

—Amanhã todo eu serei auroras
— e o meu poeta abraçará o mundo
para a força maior da maior promissão.

Afonso de Castro Senda

Inéditos de "Clima" — (Portugal).

Da pagina sessenta

do romance "CANGERÃO"

EMIL FARHAT

Levaram o caixão de Luais, o velho Macuá apareceu tambem, marchando com eles no passo corrido de carregar defunto, na roça. Sustentavam o peso nos hombros, e Cangerão não deu o lugar a ninguem e suava. Caminhava calada, a cabeça e a boca vasias, e só instigando saliva, forçando para engulir o nó de choro parado na garganta. Macuá limpou a guéla e cuspiu a lasca de fumo.

— E' isso: quem não aguenta, arreia. O Luais arreiou.

Ninguem respondeu e Macuá escarrou outra vez:

— O mundo é assim: uns em riba e outros em baixo. Quem quiser que desvire...

Macuá estava sempre do lado do coronel, e o cuspe dele sempre ofendia os outros. Respeitavam, porque era um velho de fama, tinha sido capanga do barão para bater em escravos. "Luais arreiou". Aquilo era linguagem de cachorro velho e morrinhento, ofendendo um defunto. Agora a boca de Luais estava endurecida, o coitado não podia mais responder como fizera naquele dia com o coronel.

— O mundo só é assim, porque tem gente que não sabe que o cativeiro já acabou!

Muitas cabeças viraram-se para ele, que tinha espantado o pessoal com os berros. Sim, gritara mesmo com força, uma força que não conhecia; o espanto dos outros fazia calar, mas a força e o sentimento vinham de dentro, empurravam na garganta querendo sair. Havia berrado para todos eles. Por que viviam agachados? Não sentiam o peso por cima? As costas doiam e a dor enchia o peito, o suór vasava, corria. A bala na perna inchava a perna, a cabeça tambem se alargando. Mãos fortes apertavam para não se rebentar. Era á tôa, porque ninguem podia tapar aquela mina que furou lá dentro, na escuridão de dentro dele. Uma luzinha no fundo, e a mina escorria sangue, virava riacho; enxadeiros defuntos, enxadeiros gemendo atrapalhavam o riacho correr; aqueles buracos pingando eram olhos magros espremendo lagrimas; o menino cuspia e o riacho ficava mais vermelho; tropeçava, não parava; aquilo pesava e o riacho de sangue morto e frio fazia remanso; corria agua pôdre dos pés grandões, como de elefante e por toda parte boiava espuma, baba de raiva; pela frente só apareciam gigantes atolados, de enxada na mão se vingando da terra barrenta, afundando sempre mais; a vista ia longe sobre uma floresta de gente sem cabeça; sem cabeça, só pés, só

Literatura e Ciência

(Especial para ESFERA)

MARIO BARATA

Nós, ao olharmos os séculos já percorridos, podemos vêr a maior claridade que se tem feito, sobre varios angulos problematicos, da vida e da sociedade.

Tem havido uma maior preocupação pela sorte de nossos irmãos na Terra, uma maior capacidade de solucionar questões simples, pelas quais antes matava-se. Ainda ha certamente, grandes e confrangedores ódios e má vontade, causados por palavras duvidosas ou atos minimos; mas esse oceano tragico não impede de verificar-se que vamos caminhando para a creação de um homem, mais perfeito, justo e tolerante, de ação e pensamento.

Pedagogos modernos, vêm observando o aumento de personalidades proprias no cenario da vida. E' indiscutivel que enquanto os homens não tiverem uma grande visão, hão de estar brigando por pequenas particularidades, hão de ser intolerantes e parciais; mas estamos evoluindo para tê-la.

A evolução atualmente consiste mais em extender a grande numero de homens, as qualidades nobres e valiosas que se tem sempre observado em alguns.

Em vida de pensamento, ha seculos que existe um preconceito, que sempre teve algo de injustificavel, sobre o homem de literatura e o de ciência. Julga-se que o homem que ama a arte e a cultura não serve para tratar de problemas cientificos, e vice-versa. Se tivessemos posto os olhos no passado, veriamos quanto isso era passivel de engano; mas essa qualidade de querer observar para depois julgar é ainda bastante rara. Personalidades como Platão, Aristoteles, Fermat, Descartes, e tantas outras, indicam a nenhuma consistencia dessa prevenção.

Se não acontecia isso em grande numero, era devido ao cérebro humano, que tem uma consideravel faculdade de adaptação, e quando a pessôa adapta-se totalmente a ele, e esquece-se dos outros. Por isso é que a pedagogia moderna tende a dar aos homens uma educação em todos os sentidos. Isso dar-lhes-á uma formidavel elasticidade e compreensão; e será um formidavel impulso que a inteligencia humana dará em sua propria evolução.

Atualmente, já se observa grande tendencia para a harmonia da arte e da ciência, dentro da personalidade humana, porque, em si proprias já o estão. Tudo no mundo está ligado pela Grande Lei da Harmonia; a ciência é tambem uma arte bela e agradavel. Já Weierstrass dizia: "nunca será um matematico aquele que não fôr um pouco poéta".

No mundo, de setenta anos para cá, todos os grandes cientistas, engenheiros, agronomos, quimicos, etc., foram homens de cultura humanistica, que escreviam romances e ensaios.

E' facil verificar, que a grande influência que os técnicos tem no mundo de hoje, é consideravelmente ajudada pela compreensão que possuem dos problemas eternos da humanidade.

No Brasil dos ultimos decenios, engenheiros, agronomos, etc., não têm sido aqueles homens mecanicos como muitos pensam, têm sido deputados, administradores, presidentes de estados, educadores, sociologos, economistas, etc. Facilmente vem-me à memoria os nomes de Euclydes da Cunha, Heitor Lyra, Amoroso Costa, Licinio Cardoso, Ferdinando Laboriau, Píres do Rio, Tobias Moscoso, que possuem centenas de companheiros.

Esta nova orientação do saber, que já foi reconhecida como necessaria pela pedagogia moderna, vem tornar os homens mais completos, vem lhes dar o necessario treinamento para os problemas praticos da vida, e a necessaria imaginação para o descortinio do futuro, e a contemplação de novas formas de beleza.

---

corpo, só as mãos dos gigantes que não saiam dali, não sentiam nem o suór nem a lama, e davam enxadadas, enxadadas; o peso crescia, o sangue aumentava por dentro, subindo, e a perna boiava, ele já não suportando aquilo tudo, como um açude cheio demais, se rebentando...

. . . .

— Que é que você tem?

O caixão descansando no barranco, os outros esperavam que ele melhorasse da tontura.

S. Paulo Pictórico

(Especial para ESFERA)

SOUZA FILHO

O ano de 1938 está sendo dos mais interessantes sob o ponto de vista artistico em São Paulo. São inumeras e variadas as exposições que o publico paulista já teve oportunidade de apreciar, nestes ultimos seis meses. Para começar, lembremos as tres exposições coletivas, realizadas mais ou menos na mesma época e representando as nossas diversas tendencias artisticas: o **V Salão Paulista de Belas Artes,** que obedeceu a uma orientação francamente tradicionalista; o **Salão dos Artistas Plasticos,** que apresentou um carater ecletico; o **Salão de Maio,** cuja fisionomia foi inteiramente revolucionaria.

O **Salão Paulista** deste ano alcançou grande sucesso, devido sobretudo á criteriosa atuação do presidente de sua comissão organizadora, professor Paulo do Valle Junior. Dos trabalhos expostos foram mais apreciados os de velhos mestres ou artistas já consagrados no país, como Pedro Alexandrino, que expoz admiraveis naturezas mortas, genero em que ele é inexcedivel, Paulo do Valle, Parreiras, Osvaldo Teixeira e Clodomiro Amazonas. Ao seu lado figuraram com exito alguns artistas novos, que já se afirmam como autenticos valores de nossa pintura. Entre eles: Rute Prado Guimarães e Constantino. O **Salão dos Artistas Plasticos** foi mais fraco. Os quadros ali reunidos representavam as mais antagonicas tendencias esteticas, pois bastava ser socio de um sindicato para ter o direito de expor nesse salão. Por isso tambem, trabalhos sem nenhum merecimento figuravam ao pé de quadros de certo valor. Quanto ao **Salão de Maio:** muito reclamo, como sempre acontece com as nossas exposições futuristas, mas pouquissima coisa realmente interessante, embora deste certamen tivessem participado pintores ingleses e mexicanos, que vinham precedidos de grande fama.

Si estes dois ultimos salões deixaram bastante a desejar, temos tido em compensação exposições individuais que agradaram plenamente. Uma delas constituiu verdadeiro acontecimento artistico em S. Paulo. Foi a dos grandes pintores espanhois Pedro Antonio e Soria Aedo, duas das figuras mais expressivas da pintura espanhola de nossos dias. Dois artistas de raça e que representam as tradições do espanholismo em todas a sua pureza. Soria Aedo obteve extraordinario exito com "Turbas sin Dios", tela que impressiona pela sua composição movimentada, e "Torero", figura esplendidamente esboçada, cujas linhas são postas em relevo num soberbo esplendor cromatico. E Pedro Antonio se impoz como verdadeiro mestre no retrato. Seus quadros são notaveis pela força de expressão, pelo poder emotivo. E' a vida que está dentro do quadro. A sua "Espanola con mantilla blanca" e o grupo "Espanolas" podem ser apontados, sem favor, entre os mais belos quadros até agora expostos em S. Paulo.

Mas vamos falar um pouco das exposições dos pintores paulistas. Ha tres nomes a destacar, seguindo-se a ordem cronologica de suas exposições: Fonzari, Tullio Mugnaini e Campos Ayres. Adolfo Fonzari, premiado no **V Salão Paulista de Belas Artes,** já se apresentou diversas vezes ao nosso publico e sempre com bastante exito. E' um colorista delicado, que sabe transfundir em suas telas uma luminosidade natural, sem recorrer a excessivos contrastes. Em suas paisagens a nota predominante é a calma, uma quietude bucolica que resulta de uma sensibilidade propicia á interpretação da natureza, a par de um temperamento pronunciadamente lirico, dando-nos a impressão de que o artista pinta os seus quadros como um poeta faz as suas estrofes, cheio de profunda emoção. Nas naturezas mortas Fonzari é mais objetivo, mostrando possuir a segurança, técnica necessaria para reproduzir a frescura das flores e frutas, a transparencia dos cristais e os reflexos das peças de cobre.

Tullio Mugnaini, que é atualmente um dos artistas mais apreciados em S. Paulo, tendo anteriormente exposto de preferencia nús e naturezas mortas, ofereceu-nos desta vez variada coleção em que se destacaram paisagens e marinhas. Seus trabalhos denotam logo uma visivel uniformidade, a harmonia entre a idéia e a fatura da obra. Isto resulta de sua forte personalidade artistica. Tendo sempre em vista a valorização decorativa, Mugnaini põe em seus quadros uma largueza, uma amplidão que nos satisfaz. Cada um de seus quadros tem sempre um motivo central, um ponto de referencia: o centro da atenção do artista, na sua ansia de unificar e simplificar, para obter o maximo efeito decorativo. Esta unidade cromatica é o que dá maior atrativo á sua pintura.

Já Campos Ayres é o artista cuidadoso nos menores detalhes. Trata-se de um artista conciencioso, que procura fazer todos seus quadros iguais, com a mesma minuciosidade nos deta-

Paisagem

CELSO AUGUSTO

Estrada
rasgada
na carne gostosa da serra.
Por onde as palmeiras caminham correndo
correndo e subindo no colo do poente.
Delicia de cheiro caboclo
que evola do côrpo
da terra
morena e tostada de sol tropical.
Garganta de pedra da estreita passagem
dizendo em voz alta o poema selvagem
da grande cachoeira, roncando
batendo pulando espumando
pintando de branco
os barrancos
no arranco do salto mortal.
Os lábios vermelhos da terra com sêde beberam, na taça dos lírios, as ultigas gotas do vinho do sol.
No alpedre assombrado da velha fazenda ha um balanço de rêde molenga:
sonolenta e longa... sonolentamente...
lá fóra um moujolo sacode o silencio, deixando cair uma estrela do manto que a noite lhe deu de presente.
E o grande Cruzeiro de velas acesas parece mais lindo, pingando saudade do céu brasileiro..

S. PAULO. *Especial para ESFERA*

---

lhes, sempre com a mesma ternura preocupado em ser o mais exato possivel, em nos oferecer a evocação fiel daquilo que viu, sentiu e pintou. A nota carateristica de sua pintura é a suavidade. Ha em todas as suas paisagens uma grande doçura. O motivo escolhido, a suave luminosidade obtida se martificios, pelo emprego de cores limpidas e harmoniosas, refletem quasi sempre grande paz de espirito e um temperamento romantico e sonhador.

Entre os artistas do Rio que vieram expor em nossa capital ha dois que merecem destaque: Helios Selinger e Paula Fonseca. São dois artistas de tendencias bem diversas. Helios interpreta a natureza através de um prisma original, procurando descobrir nas coisas um sentido simbólico, pintando não o que ele vê, mas o que ele sente. E' um pintor subjetivo, projetando o seu espírito nas paisagens que reproduz. Paula Fonseca é justamente o contrario. Menos metafisico e mais realista. Trata de fazer com que a sua obra seja parecida com a paisagem que lhe serviu de modelo. Nem outra atitude se poderia esperar de um discipulo de J. Baptista da Costa e que procura sempre se conservar fiel ao mestre.

Juntamente com estes dois pintores, apresentou-se J. B. Ferri, escultor vigoroso e que compreende perfeitamente as belezas do corpo humano. Na execução de seus trabalhos não se preocupa com a deformação excessiva, nem outros artificios a que costumam recorrer os artistas que não chegaram a se familiarizar com os segredos da antatomia. Sem se afastar da concepção classica da beleza, ele sabe, entretanto, transfundir em suas criações os anseios de uma forte individualidade artistica.

Ha ainda a registrar a exposição dos ultimos trabalhos do pintor Oscar Pereira da Silva, nome consagrado na pintura nacional, mas que nos deu a impressão de estar em declinio. Seus quadros, muito cuidados nos detalhes, parecem ás vezes fotografias coloridas, simples cromos, frios e convencionais. Já Hugo Adami peca pelo excesso de extravagancia. Deforma, pelo simples prazer de deformar, como quem quer se divertir a custa do publico.

Os futuristas limitaram-se por enquanto ao **Salão de Maio**. Parece que o pouco sucesso pecuniario daquele certamen, que produziu muita celeuma e pouco dinheiro, não lhes dá vontade de fazer exposições individuais.

S. Paulo — Novembro — 1938.

Mazdekismo e Osirismo

ABEL SALAZAR

III - A REVOLUÇÃO OSIRIACA

A Revolução Osiriaca cortou a meio a longa história do Egipto, por tal forma que o Egipto que se lhe segue, não é o Egipto que a antecede. Aparentemente, as coisas são as mesmas; uma autocracia faraónica, uma sociedade completamente apoiada na ossatura religiosa, com as mesmas fundamentais ideias, caracteristicas do pôvo Egipcio. Os grandes feitos históricos do Império tebano, o explendor histórico dos Aménofis, e dos Ramsés, as grandes construções gigantes dos templos, como Karnak; a hegemonia de Tebas, a maior metropole oriental, e o crescente poderio e influencia do Egito, que, uma vez expulsos os Pastores, entrou no periodo aureo da sua história; o facto, enfim, de que o Egipto vulgarmente conhecido é o Egipto histórico do periodo tebano, o império faraonico dos Ramsés, obcurece a principio a compreensão deste fenomeno capital: a transformação do Egipto como consequencia da Revolução Osiriaca. O explendor histórico neste periodo, a fascinação exercida nos povos pela sua singular civilisação, pela sua arquitectura, pelo conceito colectivo da sua vida histórica, obscurecem e ocultam a funda e radical transformação social sofrida, como a vegetaçao parasitária oculta o gigante vegetal nos trópicos. Sob o ponto de vista literário, como sob o ponto de vista poético, como cinda sob o ponto de vista religioso e histórico o Egipto mais conhecido é o do Novo Império, e o da decadencia. O velho Egipto só recentemente começou a ser bem estudado e conhecido, e a ser reposto na verdade histórica, graças ao trabalho da ciência moderna. Foram os trabalhos de ilustres egitologos, incansaveis e por vezes duma sagacidade admiravel, que, após Champolion, começaram a construir, sôbre bases sólidas, a verdadeira história do Egipto. Esta, assim focada na realidade profunda das coisas, e sob o ponto de vista especial que nos ocupa, pode ser dividida em três partes: uma primeira parte precede a revolução Osiriaca, uma segunda parte compreende esta Revolução, uma terceira parte, enfim, segue-se a êste periodo revolucionário. A interpretação osiriaca deve-se sobretudo, ao ilustre Moret: segui-lo-hemos pois na sua exposição, e basearemos sôbre ela o nosso estudo.

A revolução, diz Moret, está patente, por um lado, nos estragos materiais que sofreram os monumentos da época menfítica: violação de tumulos nas Pirámides, destruição dos templos reais anexos, mutilação das estátuas reais, abandono dos Santuários de Rá e dos templos funerários da V dinastia, factos confirmados de resto pelas descrições de Herodoto. Por outro lado verifica-se ainda pelo desenvolvimento do Egipto entre a IX e XI dinastia. Enquanto em Heradeopolis governava a "Casa de Akhthoés, o Delta caia, por algum tempo na sua divisão histórica primitiva, grupo ocidental e grupo oriental. O Egipto do Sul, de Elefantina a Thinis, forma o principado dos Antef e dos Mentouheps, cuja capital foi Tebas. O restaurador do Egipto parece ter sido Mentouhetep IV que retomou, como nome de Horus, "aquêle que reune as Duas Terras": portanto senhor de todo o Egipto unificado. Os faraós tebanos restauram a celebre cerimónia de Sed, o director de Tebas transforma-se no Vizir, e é um destes Vizires que parece ter sido o primeiro faraó da XII dinastia, (2000 a. c.). Com esta XII dinastia saimos do periodo revolucionário, e começam a reaparecer os monumentos históricos de toda a ordem: monumentos epigráficos, pirámides reais, tumulos de nobres, stelas funerárias, todo um conjunto de elementos que formam, como diz Moret, "uma matéria histórica homogenea", tal como só se encontra na XVIII dinastia". O Egipto reentra na ordem, reaparecem as artes e a literatura; mas esta, durante muito tempo ainda, reflete a impressão profunda causada nos espiritos pelo trágico periodo da Revolução Osiriaca. "No Médio Império, diz Moret, floresce todo uma vegetação de contos populares, e de escritos dialogados, de tratados, que são, como vimos, exames de consciencia, exposição de moral politico-social, ou de filosofia popular, sob a forma de parabolas.

Por toda a parte aparece a recordação da Revolução, e o pavôr que ela provocou, inexgotavel têma de reflexão e crítica."

"Mas a Revolução, continua Moret, abriu as vias a um novo estado de coisas, varrendo as categorias sociais sob uma onda proletária. Passou a vaga, e o Egipto foi reconstruido sôbre um terreno planificado: restavam poucos vestígios das fortalezas sociais em que se entrincheiravam, escudados em antigos previlégios, os nobres e os padres". Um novo Egipto saiu da Revolução Osiriaca. "Esta floração, diz Moret, dum maior Egipto não teria sido possivel sem as reformas dos reis que a revolução instruiu por uma dura experiencia. Vemos os Faraós do Império Medio alargar a sua concepção do governo, tornar mais flexiveis os quadros da administração, *elaborar um estatuto social novo*, crear leis; em uma palavra, fundar as ins-

tuições reais sôbre princípios que serão os do Novo Império: *diminuição dos previlégios de classes, admissão de todos os direitos civís e religosos, extensão da justiça a toda a sociedade*, nivelada sôbre a egide do Faraó. Ao antigo regimen, patriarcal e despótico, do Rei-Deus, que era o regimen do capricho real, sucede, para o rei, como para o pôvo, o *império das "justas leis."*

"Quanto aos deuses, diz noutra parte o autor, vimos acima com que insistencia o narrador se indigna *por causa da divulgação dos segredos da magia e da religião, que eram monopolio do Rei e de alguns iniciados*. Além disso, o *plebeu atingiu o estado da divinda Eneade:* que quere isto dizer senão que, após a sociedade se ter precipitado na conquista da egualdade terrestre, os crentes forçaram a seguir as Portas do Paraiso? A imortalidade divina não é já o previlégio do Faraó, nem da élite; esta, recusando-se a limitar a sua vida á Região-Inferior, disputou ao rei o futuro celeste e seu prolongamento no Alem, qualquer homem será chamado deante do tribunal de Râ, e qualquer "Justo", por virtude ou por magia, será um Deus".

No meio da derrocada geral, material e moral, do desiludido septicismo, e do pessimismo azedo que flutuou nos periodos agitados da convulsão, alguma coisa ficou, latente, sepulto, no meio profundo da mentalidade egipcia: a sua estrutural estupefação perante a morte, a sua fascinação perante o fenomeno misterioso da destruição. E a sua velha e basilar crença na imortalidade da alma, a forma especialíssima das concepções egipcias a êste respeito, que era como que o substractum da sua mentalidade, persistiu, aflorou de novo, e o instinto de vida, subjugando o pessimismo, a desilusão, o azedume, polarizou-se de novo nessa velha crença. E assim a base e o futuro da remodelação social foi isto: a democratisação do previlégio Osiriaco, que até aí era prerogativa do Faraó, e daquêles a quem ele fazia ""imakhou".

A doutrina osiriaca, diz Moret, representava em face da de Râ, um ensino mais ao alcance da inteligencia popular: Osiris viveu na terra, e governou os homens: Râ dirige do alto do Céu os destinos do Universo. As teorias metafisicas sôbre a creação do mundo pelas gerações dos deuses interessam menos a multidão do que as receitas práticas inventadas por Isis, Anubis, e Thot para fazer um "corpo eterno". O que o Egipcio deseja, è ser iniciado nesses misterios osiriacos que conferem a imortalidade: é ser admitido no previlégio reservado até então sómente ao Faraó e a uma élite, por tal forma que a popularidade crescente de Osiris significará, numa certa medida, *a difusão das ideias democráticas na sociedade egipcia.*

Trata-se, como se vê, duma espécie de "democratísmo" "divino", da extensão á imortalidade do democratismo terrestre; e esta concepção, que é o fulcro da Revolução Osiriaca, por singular que pareça, foi a fôrça revolucionária verdadeira, e a fôrça constructiva dum novo estado de coisas. A extensão do previlégio Osiriaco ao pôvo trouxe com efeito, consequencias fundamentais sob o ponto de vista da mecánica social. Em primeiro lugar, como diz Moret., um imenso transporte de fé popular, isto é, uma tonificação da energética emotiva; depois, como toda a orgánica social do Egipto girou sempre apoiada na ossatura religiosa, e como, desta maneira, os direitos políticos e sociais foram sempre um complemento dos direitos religiosos, a revolução osiriaca, com o "comunismo osiriaco", transformou totalmente a orgánica social, sob todos os seus aspectos, e com toda a sua estrutura.

Muito embora a aparencia social do Egipto ficasse a mesma, a transformação foi radical. As efigies dos antigos Faraós mostravam-no olímpico e impassivel, hierático e divino; agora como diz Moret: as estatuas dos reis "exprimem o esforço do pensamento" "a fisionomia é inteligente, por vezes ansiosa, amargamente vincada pelo cuidado dos negocios públicos; "o Faraó passou do estado divino, ao estado humano. Aliou-se com o pôvo no mesmo esforço de construção dum Egipto novo, democrático, sob o império da Lei, da Justiça e do Dever". Desde o Médio Império a questão social foi posta; a sociedade egipcia orienta-se para novas finalidades. *Já não é o rei que constitue o Estado; o Estado é a população inteira;* todos os seus membros, nobres, padres, plebeus das cidades e dos campos são chamados aos beneficios, mas tambem aos encargos, na exploração do magnífico domínio creado pelo Nilo e pelo Sol" (Moret). A Revolução Osiriaca tem isto de singular, a saber: — de caracter democrático, sob o ponto de vista terrêno, ela é comunista, sob o ponto de vista osiriaco. O Comunismo osiriaco não se extendeu totalmente ao corpo social terrêno, o que muito bem se explica pela mecánica social das revoluções, por um lado, pela estrutura das crenças egipcios populares, por outro, e ainda, pelo ambiente geral deste longinquo momento histórico.

Porém mesmo sob o ponto de vista politico e social a transformação operada no Egipto pela Revolução Osiriaca é muito mais radical e profunda do que a Revolução Franceza: o salto dado foi muito maior, e o contraste entre as duas sociedades muito mais acentuado.

Sob o ponto de vista osiriaco, a revolução foi puramente comunista, como dissemos. Os reis da XII dinastia, diz Moret, fazem para com Osiris o que tinham feito os reis da V dinastia para com Râ de Heliopolis: crearam-lhe um culto. Em vez de se exprimir por monumentas gigantescos tais como os templos de obeliscos, o culto de Osiris, de caracter mais intimo, mais pessoal, manifesta-se em festas em que o pôvo inteiro, em comunhão de sentimentos com o rei e a côrte, tomava interesse directo e apaixonado. E' a época em em que aparece o primeiro ritual dos Mistérios osiriacos, celebrados, *não em proveito único do rei, mas pela resurreição eterna de todos os adoradores de Osiris,*

desde os reis, parentes dos reis, e altos funcionários, até ao mais humilde artifice, pastor ou lavrador. A *religião,* continua, Moret, *democratisou-se,* como as outras instituições, e chegamos aqui a um facto capital na história da realeza e da sociedade: sob o Império Médio a plebe ascende aos direitos religiosos e muda definitivamente o Estatuto Social do Egipto. *"O resultado obtido pelos revolucionários da época Kerakleopolitana, é que a plebe é admitida á vida imortal no mundo, e á vida cívica neste mundo.*

A *osirificação* tinha, neste momento histórico, a mesma fundamental importancia que a *egualisação económica* tem hoje no problema social; "precisamos de compreender que para o Egipto, o Alem era tudo a vida terrena era nada. O mundo terrêno era para ele um "hotel de passagem"; daí o facto do *comunismo osiriaco,* ter, nesse momento histórico, e como ideal social, muito maior importancia do que o *comunismo economico.* Esta é a diferença fundamental, sob o ponto de vista histórico, existente entre *marxismo* e *comunismo;* porêm, abstraindo das diferenças determinadas pelo momento histórico, a 4.000 anos de distancia, o comunismo actual e o osirismo apresentam uma grande semelhança. O que nos importa nesta análise, não é a procura duma estreita analogia de aparencias, mas as analogias profundas, a identidade de fôrças em ação, e a identidade no gráfico dos fenómenos. Não nos devem preocupar analogias que só podem interessar eruditos, mas sim a mecânica essencial destes fenómenos sociais para assim, considerando-os como experiencia histórica, fazermos deles o contrôle das teorias sociais. Estudemos pois, seguindo sempre o ilustre Moret, a Democratisação dos Ritos Funerários, o Socialismo de Estado, a situação dos camponezes e dos proletários, após a Revolução Osiriaca.

●

Antes da Revoluçao, o serviço de Horus, a festa do Sed, a ereção dos templos solares, pelos Menfitas, eram cerimónias oficiais, exclusivas do Faraó e da côrte; o pôvo assistia a êles, sem nisso participar; a vida do Egipto dependia não só do Faraó vivo, mas tambem do Faraó morto, e daí a necessidade de manter as condições da divinização faraónica. A doutrina solar, faraónica e heliopolitana, era pois autocrática. A doutrina de Osiris, pelo contrário, desenvolvida pelas consequencias da Revolução interessa individualmente cada egipcio. A partir da Revolução, a salvação do Faraó já não é o cuidado único do Estado e da Religião, a salvação estende-se a toda a população do Egipto. Osiris, o Cristo Egipcio, sofreu a sua paixão, e mereceu a salvação após a morte: é êle o prototipo moral para cada egipcio, que deverá, para ser osirificado, comparecer perante o tribunal de Osiris, e ser justificado. Durante a revolução, como vimos, os segredos da magia, as incantações mágicas, foram divulgadas, e entraram na posse de todos; o plebeu invadiu a Sala da Justiça, penetrou no segredo dos sacrários, conheceu as formulas que dão acesso ao tribunal divino e á existencia celeste, e "chegou assim á condição da divina Eneade"; e desta maneira, *todo o egipcio, após a morte, seja Faraó ou ou plebeu, rico ou pobre,* é egual. Esta egualdade é uma das grandes conquistas históricas; basta com efeito, esperar que a evolução do espirito humano desça do Céu á Terra, e abandone a ilusão pueril do Alem e do Deus, para concentrar a sua vida na humanidade e na terra, para que o *comunismo osiriaco* se *transforme automáticamente em marxismo.* A diferença histórica entre comunismo osiriaco e comunismo marxista, é estabelecida por toda a translação efetuada pelo pensamento humano desde a época egipcia á actual. (x) Se fizermos, pela imaginação, o retrocesso desta translação, acharno-hemos então na situação precisa para bem interpretarmos êste facto capital: a admissão da plebe aos direitos religiosos.

Os mistérios osiriacos passam a tomar, na história do Egipto, o caracter duma manifestação social. Todo o pôvo do Egipto, de oravante, em todas as cidades, participa na "grande Saida de Osiris"; Combate pelo Deus, ajuda-o a triunfar, cobre-o de aclamações. Participando ativamente nos mistérios osiriacos, assistindo á Paixão do Deus, o pôvo confia na sua resurreição depois da morte, na sua osirificação. Herodoto fala, impressionado, destas grandes festas; avalia em 700.000 os peregrinos que viu em Bubastis. Em Sais assiste á festa das lampadas, cujas luzes afastam os espiritos malfazejos, os companheiros de Seth, o Diabo egipcio.

Osiris conquistou, com a revolução, um lugar rival do Râ; e com isto Abydos transformou-se na Heliopolis osiriaca.

Osiris acolhe no seio todo e qualquer individuo, depois de "justificado". Assim como Osiris, só foi recebido na Ebeade, após a sua "Justificação", assim todo o iniciado dos ritos deverá comparecer perante o tribunal sagrado. O valôr deste rito é de ordem moral, porque a "justificação" é um julgamento moral. Eis um documento em que um simples aldeão fala ao faraó, e os termos em que êle ousa falar:

"Reprime o roubo, protege os miseraveis... cuida em que a Eternidade se aproxima... (Recorda-te) que foi dito:

"E' o sopro (da vida) para as narinas, o fazer justiças.

O homem tem de dar contas das suas boas ou más ações na terra; e isso, tanto o Faraó como o plebeu; a aplicação desta moral, diz Moret, conduz a sociedade a uma egualdade verdadeiramente democrática. Qualquer homem, de qualquer condição, diz o mesmo autor, é chamado, no seu momento funerário, "Osiris Justificado". "Ora, Osiris é rei"; o Faraó reinante, e Osiris na terra e depois na morte; quem

---

(x) Vêr: A. L. Salazar: "O Conflito das Forças Históricas" e "A evolução do pensamento através da História".

NOTAS

EXPOSIÇÃO ABEL SALAZAR — Vem-nos de Lisbôa a auspiciosa noticia de que esteve em grande movimentação o ambiente artistico de Portugal, a que deu um grande cunho de animação nestas ultimas semanas, a grande mostra realizada no Salão Nacional de Belas Artes. Do grande sucesso da exposição, falam-nos largamente os jornais ultimamente aqui chegados, e que estampam criticas as mais eloquentes e elogiosas suscitadas por aquele certamen artistico do eminente sabio português.

O expositor, professor Abel Salazar, colaborador e redator de "Esfera", exibiu quadros definitivos e admiraveis que deram aos visitantes instantes de profunda emoção e de grande prazer estetico. Congratulamo-nos com nossos amigos de Portugal por essa brilhante manifestação de sua espiritualidade e do seu devotamento á Arte.

●

Segundo lemos num pequeno artigo aparecido num qualquer grande jornal francês, começou agora, em Italia, sob a direção de Gioanni Papini, — o escritor célebre o original de "Gog" uma revista trimestral intitulada "Rinascita", cujo fim é a divulgação de textos da Renascença e a publicação de estudos sobre a dita.

●

Em Portugal, José Régio, poéta da "Biografia", dos "Poemas de Deus e do "Diabo" e das "Encruzilhadas de Deus" anuncia, alem do romance "A Velha Casa", de que "Espera" publicou um capítulo no seu 1.º número, um livro, de poemas que terá por nome, "Fado".

E Lygia, jovem poetisa que já em tempos nos dera um livro de sonetos de caracteristica pagâ "Rendas Vermelhas" pensa numa edição próxima dum livro de poemas a que dará o título de "Jogo de Imágens".

●

Foram publicadas pela livraria Felix Alcan, Paris, "As actas do Congresso Internacional da Estética e da Ciência da Arte" realizado em 1937 na capital francesa.

●

Segundo as estatísticas referidas por um jornalista português a quantidade de productos que hoje se destroi, é justamente aquela que aproveitada, permitirá uma vida confortável a toda a população do globo.

●

De uma pequena exposição de trabalhos de Abel Salazar, organizada recentemente em Moçâmbique, por iniciativa dos seus amigos, sabemos que ha a registrar um êxito idêntico ao que sempre premeia a sua arte surpreendente. Projecta-se uma repetição, aumentada, do certamen.

●

"Esfera", em Portugal, encontra um ambiente animadoramente carinhoso, em confirmação, apontemos: O pequeno trabalho subscrito por Graciliano Ramos, "Um Anuncio", saído no nosso 1.º numero, foi transcrito pela página de novos de "O Trabalho", comentado por J. N. S. e reproduzido parcialmente na "Seara Nova", e originou recentemente, na "Republica das Letras" página literária do diario "Republica", de Lisbôa, umas considerações. Desde mesmo numero a página de novos do "Trabalho" transcreveu o fragmento de "Olhai os Lírios do Campo", de Erico Veríssimo". Do N.º 2 foram transcritas, acompanhados de palavras amigas, na "Independencia de Agueda" parte do "Documentário Cultural Português" e na página de novos do quinzenário "Ecos do Sul" um fragmento de "Uma Reportágem", de Sady Garibaldi. Do N.º 3, a página de novos do "Trabalho" transcreveu a crítica de Dias da Costa a "Paris Em 1934" — o ultimo livro de Abel Salazar. Do N.º 4 temos a apontar a reprodução do apêndice do nosso "Documentário C. Port. "pelo semanário "Trabalho". No "Notícias de Famalicão" "Esfera" deve a A. B. um artigo de apoio e incitamento.

"Esfera" agradece ainda as referências amáveis dos colegas de Portugal (estes e outros) e a camaradagem devotada de numerosos amigos.

---

diz Osiris, diz Faraó. Qualquer morto osiriaco vem pois a ser Faraó no outro mundo, pois os egipcios tiram partido da divulgação dos ritos funerários com uma lógica imperturbavel.

Êste facto, cuja importancia histórica e social foi desconhecido antes de Moret, representa a maior transformação social da história do Egipto.

"A concessão que os faraós fizeram ao seu pôvo, é um acontecimento extraordinário; não se explica senão admitindo o completo triunfo da plebe no curso das Revoluções Osiriacas. Alem disso, os segredos da religião, da magia, da administração, da pessôa mesmo dos Faraós tendo sido violados, tornava-se impossivel restaurar a antiga realeza sob a sua forma augusta e sobre-humana, e fundar a sua autoridade sôbre mistérios que não eram já misteriosos. Os Faraós resignaram-se a partilhar o seu monopolio; aceitaram a extensão dos ritos a toda a população, com as consequencias políticas e sociais que dai derivam".

(Continua)

NENÊ ilustrou

Acalanto do Menino

●

Nair Batista

Especial para ESFERA

A chuva caindo, caindo, caindo,
e um pobre menino correndo nas ruas.

A chuva caindo, caindo, caindo,
e os carros fechados passando nas ruas.

E o pobre menino molhado e gelado.

E os carros fechados passando nas ruas.

A chuva caindo, caindo, caindo,
e os pingos entrando nos vãos do telhado
da casa vasia do pobre menino
que corre descalço e molhado nas ruas.

A chuva caindo, caindo, caindo,
e o pobre menino, tossindo, tossindo,
na casa sem lume, tristonha e molhada.

A chuva caindo, caindo, caindo,
e o pobre menino tossindo e morrendo.

A chuva caindo, caindo, caindo,
e novos meninos tossindo e morrendo.

E a chuva caindo, caindo, caindo...

A Gaivota e a Tartaruga

RAIMUNDO MORAIS
da
Société des Américanistes de Paris

A Tartaruga era madrinha da Gaivota. Ambas estrangeiras, naturalizadas amazônicas, haviam surgido, como por encanto, do mar. A primeira, com aquele aspecto couraçado, tão agil nágua como lenta em terra, viéra do seio oceanico. Conhecia tanto o vagalhão, a ardentia, a carneirada, á superficie, quanto a quietude sombria da profundidade pelágica. Nadara á flôr dágua, ao sabor maravilhoso da claridade, ao lume vivificante do sol e no regaço insondavel dos salsos abismos, onde a fauna já precisa de côres vivas para se fazer enxergar.

A segunda, essa Gaivota extraordinaria, lépida e imprevista nos revôos, anunciadora dos vendavais e da terra no horizonte quando ao largo, repontara igualmente do mar; das alturas, porém: do eter, do céu, do regaço luminoso dos eletrons. Dos cimos atmosféricos descobria ela, ao lampejo do seu olhar educado na rebusca das cousas longinquas, o ventre marinho pululante de vidas; a roda toda dos rumos da rosa cheia de vapores, de navios, de canôas; sentia ainda, atravéz de sua organização delicada, os mais distantes fenomenos meteorológicos.

No meio da procela ululante, quando o vento furioso se destina a afundar tudo que flutua na toalha azul dos mares, a Gaivota ia sentar na vêrga nu'a das fragatas, dos galeões e das náus. Ria-se dos ciclones. Os temporais constituiam o seu melhor batel, o seu unico transporte. No bojo desses monstros enraivecidos é que se deslocava. Lançava-se no meio deles, fechava as asas, e, como a pedra céga da funda aérea que se chama tufão, deixava-se atirar ao sabor caprichoso da ventania. Devorando assim milhas e milhas ia, naquele bergantim da natureza, á meta de novos destinos.

Surgia, então, imprevistamente, neste ou naquele quadrante. Se lhe convinha a plaga, ficava: se não, volvia ao antigo *habitat*. Deus lhe déra asas para isso... Uma borrasca tenebrosa, de trovões e faiscas eletricas, narrava a afilhada da Tartaruga, a trouxera á Amazônia em companhia de milhares de irmãs. Quando a tempestade serenou, ela e as outras examinaram o país em que haviam aportado. Lindos aspectos cenários deslumbrantes, panoramos encantadores. Verdadeira terra da Promissão.

Imensas praias, muito peixinho, clima agradavel a ponto de se não precisar de capote, deliberaram ficar. Dai a fundação de uma colonia entre a boca do Boiussu' e Curralinho, trecho em que acompanham os vapores que sobem e descem o Rio-Mar.

Da nova pátria nada tinha a alegar senão que era mais farta e bela que a primitiva. Os paineis verdejantes da Amazônia, suas águas ricas de guloseimas, quer nas margens quer ao largo, prendiam de tal forma as aves, que jamais tentaram atravessar o Atlantico. Não havia du'vida que o meio ambiente lhes ia alterando, numa adaptação necessaria, certos orgãos. Determinadas penas se lhes modificavam no colorido, no comprimento, na resistencia. Os bicos mesmo ganharam ligeiras variantes: tingiram-se de amarelo, de cinzento, de negro. Seus gritos maternos adquiriram um cunho mais incisivo e metálico no vigiar das posturas em taboleiros de areia.

Tornaram-se até mais agressivas e ferozes com os bichos e com os homens que porventura lhes queriam comer os ovos. Quando se fazia a eclosão nas praias e surgiam os pintainhos medrosos, chorando com receio dalguma asa de gavião ou sombra de gente, metamorfoseava-se numa féra, tão destemida na investida, que as proprias onças não se atreviam a assaltar-lhes os ninhos.

A Tartaruga, de indole pacata, genio bonachão, sempre inclinada á harmonia, cópia do carater autoctone do tapuio, contava cousas do outro mundo a respeito do mar. Os sustos que lá tomára foram de fazer rir as pedras. Balanceava então a fauna pelágica em forma de bolas, de cubos, de estrêlas, de flôres e que mal sentido a aproximação de outros peixes, ficava crivada de espinhos, hostil, bravia. Alguns especimens, como a sepia, faceis de ser engulidos, socorriam-se de ardis defensivos, e lançavam, para desaparecer ante o adversario, uma secreção escura que os envolvia cobrindo-os.

Estes curiosos pormenores constituiam o assunto dos serões domésticos do maior dos quelonios da Planicie.

Nesses momentos evocativos, tomando tacacá ou bebendo assai, juntavam-se para ouvir a narrativa, o tracajá, a aperêma, o matámatá,

Especial para ESFERA

LUZ

Faça-se a luz e a luz foi como um olhar que se abrisse
de repente sôbre as sombras eternas
que dormiam no fundo dos abismos.
Luz, presença de Deus no mundo,
verte sôbre mim a tua serenidade,
verte sôbre mim o teu esplendor.
Sou como um cego sem o teu amparo, ó luz
que amei nos olhos de minha mãe!

P A U L O   C O R R Ê A   L O P E S

Porto Alegre

o pitiu', o mussuan, netos, bisnetos, primos, cunhados, compadres, afilhados e sobrinhos da contadeira de história. Ficavam horas e horas escutando a pitoresca palavra da matriarca.

— Estão vendo meu casco? interpelava. Possuia dantes a transparencia, a flexibilidade, a plasticidade das carapaças ainda hoje exibidas pelas minhas colegas do oceano. Depois que vim para aqui, atribuo aos saes das águas, ficou turvo e duro. Com ele não se póde fazer mais o que antigamente se fazia: pentes, cofres, piteiras, castões de bengala, capa de missais, porta-bilhetes.

Além destas caturrices da madrinha e da chibança da afilhada, um belo dia o caçula da Gaivota, mocetão de alto lá com ele, pediu em casamento a neta da Tartaruga: a Aperêma. Rapariga bonita ,enfronhada nas modas, trazia a cara e as unhas cobertas de tintas, de cremes. Tinha as faces encarnadas e amarelas. Faceira como só ela. Quem fez o pedido de casamento, sem saber se havia de se referir ao pé ou á mão, foi o Jaburu', passarão grave, verdadeiro pensador da beira da praia. Chegou muito solene, de casaca, luvas e cartola. Poz-se logo sobre uma perna apenas, e desfiou o motivo social de sua visita:

— O rapaz, comentou o pernalta, é de muito futuro. Pescador como ninguem. Si vai voando e vê um peixinho, fisga logo e leva pra casa. Além disso, muito estudioso em geografia, obediente, alheio a noitadas. Nunca foi a uma pensão. Sabe de cór e salteado as historias do Pequeno Grão de Milho e do João Cabeludo.

— Aquele mateiro d'*Os Igarau'nas?* interrogou o Mussuan.

— Esse mesmo, volveu o Jaburu'. Quer, acima de qualquer cousa, ser aviador da Marinha de Guerra. Tem atributos morais muito necessarios ao lar. Compromete-se ainda, enquanto existir, trazer todos os dias, para a avó da esposa, um mururézinho dos mais tenros que encontrar.

A velha Tartaruga, perdida por aquele petisco vegetal, teve um surto de jubilo, declarandi que por ela não havia du'vida.

— E' um moço de bem, esse pretendente, depois filho da minha afilhada. Diga-lhe que sim. Resta apenas saber se a Aperemazinha quer.

Chamaram a rapariga, que declarou estar pelo que a avó decidisse.

— Isso não, retrucou a Tartaruga. Quero, antes de tudo, que minha netinha se case com o seu escolhido, com o eleito do seu coração.

— Mas eles já se amam, interveiu o Jaburu'. Uma vez eu estava no lago Preto e vi, com estes olhos que a terra fria ha-de comer, os dois aos beijos e aos abraços.

A Aperêma revirou os olhos, deu um estalo com a lingua e riu-se.

— Deixa de ser sonsa, menina, avançou a Tartaruga. Moça bôa é a séria, sem hipocrisia.

— Pois, então diga que eu quero, ajuntou a Aperêma.

Ficou tudo combinado. Dai a dias celebrava-se o casamento. Houve um baile de arromba. Todos os quelonios e todas as aves assistiram ao enlace esponsálico. Até hoje, já lá vão cem mil anos, ainda se fala nessa festa.

(*"Historia Silvestre do tempo em que Animais e Plantas falavam na Amazônia"*)

PINTORES DE PORTUGAL

DOMINGUEZ ALVAREZ

JOÃO ALBERTO

Entre os jovens pintores do Portugal meu contemporaneo, será forçoso realçarmos, por razões de justiça, o nome de Dominguez Alvarez.

Paisagista, apaixonado pela natureza, erguendo de todo o canto da terra, mesmo do mais humilde, um poema de côr, de beleza e de sonho, Alvarez afirma-se um valor, dia a dia mais sólido, mais robusto e mais indiscutivel.

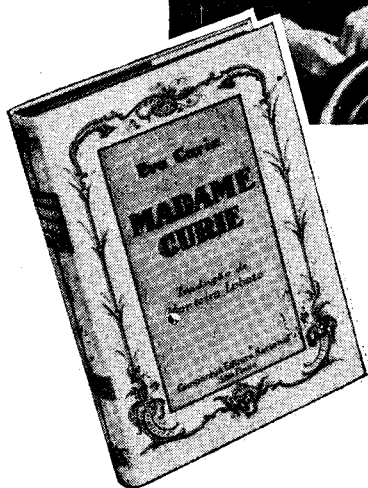
Inspira-o a sua natureza de emotivo, anima-o aquele deslumbramento quasi místico, essa admiração entusiasmada por tudo quanto sente belo e, acima de tudo, sustenta-o aquele amor intenso que ele vota á grandesa do seu oficio de pinto, á ansiedade infinita de dominar os elementos técnicos da sua arte.

Iniciou a sua pintura com visões exóticas do seu mundo, num idealismo infantil, numa fatura serena, estilisada, com uma cor cinzenta e muito triste.

Eram assuntos feios que transformava em obras de arte, impregnando-as com a doçura mística da sua alma galega; e, assim, dum "enterro que passa" ou dum "ébrio que vomita á porta da taberna", Alvarez fez quadros admiráveis.

Passadas essas primeiras exteriorisações da sua alma de artista ingênuo, sentiu a necessidade ardente de possuir os segredos da arte de pintar. Vergado sobre as paizagens minuciosas do velho casario do Pôrto, dedicou-se á monástica tarefa duma pesquisa extenuante de detalhes. Reproduziu na íntegra a forma torturada das coisas pequeninas e então, a sua obra é um reflexo de carinho extremoso pelas coisas minúsculas. Lembra essa época em que o piedoso amôr aos humildes surgido da alma santa de Francisco de Assis fez nascer a paisagem analítica dos primitivos do Trecento. E então, Alvarez vai pintando acumulados imensos de casas ricas e pobres, respeitadas até a verdade formal das minúsculas telhas dos telhados. A côr continua triste, serena e muito mística, a luz, ainda ausente, não empresta calor áqueles quadros frios, mas a oposição do tom azul ao vermelho, embora nos mais sumidos murmúrios da sua escala, vêm anunciando o colorista.

BURGO CASTELHANO — *Oleo de Dominguez Alvarèz*

E o colorista aparece exuberante de riquêsa e

---

vigor profundamente afirmado nessas visões ardentes de sonhadas catedrais da Hespanha.

E' esta, a maneira mais apaixonante de toda a pintura de Alvarez. São páginas de sonhos ousados quasi épicos, duma grandêsa muda, extática e indecifravel.

Pintura larga de seus rasgados e frios a emoldurar com os primeiras planos duma cortante algidez azul, essas catedrais de arquiteturas ricas, pintadas com tintas quentes, desde o ouro desmaiado á braza dos alaranjados e aos clarões do vermelhão harmonisando por contraste e tomando efeitos intensamente violentos.

Mas, Alvarez não pára e sente que na sua obra falta a vida, e anseia substituir a narração do passado pela forma palpitante do presente.

Só a luz e a tremula cortina do ar atmosférica darão faces reais á sua pintura de sonho.

Um trabalho enorme, e uma aprofundada ginástica técnica enchem-lhe o atelier com táboas e cartões de todos os tamanhos, que são outros tantos pedaços de sol, de alegria e de luz.

Pela vez primeira, ha ambiente real, na pintura idealista de Alvarez.

E agora, que novas visões nos reservará a sua arte?

Na vida dos artistas, todo o prognóstico é impossivel.

De pé ficará, entretanto, a extraordinária magia da sua obra feita que por si basta como penhor da invejavel reputação dum artista-pintor.

(Portugal).

Esse Jorge de Lima!...

(Con licença de Sr. Benjamim Lima)

NILO DA SILVEIRA WERNECK

Prosseguindo, com a tenacidade peculiar aos grandes iluminados, no absorvente afan de armazenar indulgencias pela "restauração da poesía em Cristo", vem o sr. Jorge de Lima de pronunciar-se categoricamente contra a instituição do divorcio. ("O Globo" — 7-11-1938).

Enfeixando agilmente as energías que, sob forma de fulgentes raios, lhe atira com prodigalidade o Padre Eterno, equilibra-se o poeta bem na ponta dos pés, milagrosamente, como convem aos verdadeiros eleitos, para, estendendo o indicador tremebundo em direção ao Zenith, trovejar, num halo: — "SOU CONTRA TUDO O QUE E' CONTRA A DOUTRINA DA IGREJA!".

Como se verifica, o homem não é positivamente, de meias palavras. Vae logo ás do cabo e por aí fica-se sabendo que o delicioso vate da "Tunica Inconsutil" não se opõe apenas ao divorcio.

Muito ao contrario, a intolerancia bem ultramontana de sua frase situa-o, de pronto, entre outras cousas, em campo diametralmente antagonico ao das ciências fisicas e naturais, que, "AVIVANDO O ABSURDO DE DOGMAS QUE NÃO SE ESPLICAM E APENAS SE GARANTEM COMO VERDADEIROS", colidem violentamente com o estabelecido pelo Catecismo no concernente á formação do Mundo.

E não se me venha retrucar com o já desmoralisado sofisma da "linguagem simbolica"! Sim, porque depois que as contradições entre a "doutrina da Igreja" e o conhecimento cientifico se foram tornando perceptiveis pelas massas, desde então se vem mostrando o Catolicismo bastante interessado em fazer acreditar que a cada um dos dias do "Genesis" correspondem, na realidade, muitos e muitos milhões de anos.

Comoda maneira de colocar-se a cavaleiro das discussões...

Mas a verdade é que, pelo menos o Catecismo ensinado ao modesto autor destas linhas pelo bonissimo Padre Gregorio Prieto, esse — podemos garanti-lo — não mencionava quantos trezentos e sessenta e cinco dias teriam tido as vinte e quatro horas dos dias de Jeovah.

Aliás, é digno de notar-se que tal omissão não deixa de apresentar as suas vantagens. Ha, efetivamente, males que veem para bem.

Imaginemos afirmasse o Catecismo conter cada dia da famosa semana a bagatéla de 30 milhões de anos. O resultado seria, inevitavelmente, termos agora o inefavel Dr. Jorge de Lima a esgrimir, em molinetes diabolicos (oh, que dizemos!) em molinetes angelicos contra a integridade do nosso pobre calendario, fato que, convenhamos, viria agravar um tanto a periculosidade da questão.

Bem, mas vamos à cousa.

Afiançam estratosfericamente, por ai afora, os doutores da Igreja, que o divorcio dissolve a família.

Poderiamos responder que o casamento indissoluvel tambem a corrompe, porquanto póde induzir ao concubinato facilmente desmanchavel todo homem ou toda mulher que receiem a desgraça irreparavel de serem obrigados a viver em comum para o resto dos dias, muito embóra já não tendo a uni-los os liames de amizade, já estinta ou que, fogo fatuo corriqueiro na mocidade. nem siquér chegara de fato a existir. E ficaria, dest'arte, empatada a contenda.

Preferimos, todavia, argumentos mais positivos e decentes, que os ha em abundancia para justificação de nossa tése.

Comecemos pela base ideal da familia: — o afeto entre marido e mulher.

Que preceito constitucional, que decreto-lei, ou, para ferirmos mais de frente, que dogma eclesiastico terá jamais tido ou virá a possuir a virtude de perpetua-lo? Evidentemente, nenhum.

Tal sentimento é "res privata" do fôro intimo individual e só estultamente se poderia pensar em dosar-lhe a duração com decretos e ainda menos á custa dos tais principios cientificos que o Sr. Jorge de Lima foi descobrir, não sabemos em que recantos de sacristía.

Costumam os componentes beatificos do Centro D. Vital asseverar, outrosim, que a condição dos filhos de um casal divorciado é uma cousa horrorosa.

Muito mais horrorósa entretanto, oh, pudibundos Tristões de Ataíde! — é a situação dos rebentos diante de um casal incompatibilisado, de um pai que falta aos seus deveres ou de mãe que aos mesmos fóge.

O divorcio é eminentemente saneador.

E (compreendam-no, pelos demonios!) a circunstancia de ser legal a amputação de membros afetados, digamos, pelo cancer, não significa, absolutamente, que todo o mundo corra

A Moacyr de Almeida

Especial para ESFERA

Poeta! Do teu martirio neste mundo
quantos, ainda, se recordarão?
Sangraste as mãos em teu labor fecundo
lançando aos ventos teu clamor, oriundo
do desespero e da desilusão.

Cantaste. Alto e sonoro, no infinito,
estrelejante de áscuas luminosas,
teu verbo ecoôu num doloroso grito
que se perdeu no pó das nebulosas.

Sofreste. Torvas, lentas agonias
marcaram tuas noites e teus dias...
Mas, num contraste estranho, singular,
Guardaram mundos tuas mãos vazias,
todo o universo ardeu no teu olhar!

Amaste. Mas com o puro sentimento
do amor altruista, espiritual, isento de lascivos pendores
Amaste renunciando! Em teu suplicio,
cheio da fé que alenta os sonhadores,
nunca descente ao fundo lutulento dos pantanais
[do vicio.

Clarões lançava a tua voz potente,
teus olhos de aguia despediam chamas;
e, do alto, agora, deslumbrantemente,
por sobre a terra a mesma luz derramas!

Mas si na terra, atroador, profundo,
não cessa nunca o teu clamor, oriundo
do desespero e da desilusão,
poeta, do teu martirio neste mundo
quantos, ainda, se recordarão?

HEITOR LUCIO

aos hospitais, oferecendo braços, pernas, mãos ou dedos ao gume dos bisturís!

Apenas o poderão fazer os enfermos e não soménte para proprio beneficio, sinão que no interesse imediato da coletividade.

Dizer, de outro lado, que o divorcio polue a família é ofender os legisladores que o regulamentem, é aviltar a magistratura que o conceda, legisladores e magistratura esses que, quando lhes convem, como no caso da manutenção de indissolubilidade, as trefegas "marionettes" da Santa Sé sabem prestigiar a todo o vapôr.

Pudessem os corifeus clericalistas olhar para alem da escuridão das batinas, resolvessem trocar o sectarismo pela coerencia e veriam, num apice, que submeter a eternisação do vinculo conjugal ás leis dos homens nada mais é do que colocar em duvida o Poder Supremo. Isto porque, si, efetivamente, o matrimonio é de essencia extra-terrena, não ha sinão concluir que Deus, Oniciente, Onipotente e Onipresente, deve bastar, por si só, para garantir-lhe a incolumidade, fazendo com que, uma vez aprisionados pelos laços do himeneu, vivam homens e mulheres no melhor dos mares de rósas, sem jamais sentirem necessidade de recorrer á separação.

Emfim, meu caro Sr. Jorge de Lima, disso tudo resalta, ainda uma vez, a evidencia de que á Igreja interessa muito menos o bem estar dos "rebanhos" do que a preservação da intangibilidade dos seus dogmas cada vez mais divorciados da realidade.

E isso se explica com facilidade. Cedendo á razão humana, ou, si quizer, ao que os de sua grei costumam chamar de "tramas do Diabo", vae a vetusta Santa Madre, com incontido pesar, vendo ofuscar-se-lhe a auréola da divindade, dessa trombeteada divindade que tanto e tanto embaiu o populacho em priscas éras.

O calendario está andando, Sr. Jorge de Lima?

E os dias, agora, não são tão longos como os tais "simbolicos" de Allah...

PERCY LAU

Foi das mais belas mostras de arte dêste ano, a exposição dos quadros de Perci Lau. Os derrotistas e os ceticos, todos aqueles que teem prevenção e preconceitos esnobistas, enfim se convenceram de que nesta terra a arte não é uma flôr exotica cultivada por poucos e desdenhada por muitos. O que falta é incentivo aos artistas moços que debutam quasi desconhecidos nos grandes centros, e aos velhos que trabalham quasi na penumbra. Dois casos recentes, e que aliás estão ainda bem vivos na memoria de quantos acompanham o movimento ou o noticiario artistico, são justamente os de Perci Lau e Luis Soares.

Ambos desconhecidos na metropole, conhecendo apenas a gloria estreita da provincia, nem por isso deixaram de surpreender a quantos teem preoccupações esteticas e vivem para visões de beleza.

Desprezando todas as intenções e rebuscamentos de tecnica, preferindo a versão espontanea dos sentimentos esteticos que lhes inspiram as coisas exteriores, Luis Soares é o pintor das coisas simples e prosaicas. Enquanto isso, Perci Lau é o pintor das sutilidades de expressão e das eloquentes sugestões das carnações fortes e das paisagens liricas e comoventes. Submetendo-se ainda a rigores tecnicos, mas de uma tecnica que se pode dizer sua, isto é, sem preocupações de academismos aridos, êsse maravilhoso fixador de nus e de olhares languidos e sonhadores tem aberto novas perspectivas aos que fazem do pincel o seu instrumento de contato com a Beleza eterna.

Admira sobretudo em Perci Lau essa surpreendente facilidade de fixar a bico-de-pena as atitudes mais abandonadas das mulheres e as folhações mais liricas dos coqueiros esguios e das mangueiras acolhedoras e amigas. São tão magistrais esses traços de Perci Lau, tão forte e intuitiva a expressão dos seus desenhos, que dão a impressão de folhas farfalhando e de carnes estuando de vida. E' indiscutivel que Perci é insuperavel, pelo menos entre nós, neste Rio tão povoado de artistas mas de tão poucos de valor, nessa faculdade potentissima de visualizar as suas emoções artisticas, utilizando o bico de pena.

Não quero, com isto, de maneira alguma e nem de longe me passou essa intenção, depreciar as suas outras faculdades — que são elas numerosissimas e as mais diversas. Mas seria alongar-me se fosse aqui enaltecer os seus atributos fortissimos de retratista emérito e de psicologo sutil (pois o retratista tem que ser sobretudo psicologo), autor que é de *portraits* admiraveis de tecnica, de colorido e de sutileza psicologica.

R. de C.

Letras de Hispano-América

E. RODRIGUEZ FABREGAT

LA VOZ QUE NO APAGÓ LA MUERTE

La muerte, — dramática muerte buscada con silenciosa angustia, — se llevó para siempre a la de más tierna voz y más lirico acento entre las poetisas americanas. Y esta página de la ESFERA, sección abierta a las palpitaciones del pensamiento continental, ha de colmarse hoy del dolor de su ausencia.

Pero era de ta noble savia vital su poesia, y tanto había ahondado sus raíces en tierra celeste de emoción y afinado su alma en la búsqueda sin fin del secreto universal, que se quedó para siempre, a pesar de sí misma, — carne inmortal, — en estos planos de donde se evadiera.

Había en Alfonsina Storni una voluntariosa acción hecha de poderosos impulsos. Nada tuvo que ella no labrara con su propia substancia. Así como fué duena de su vida fué duena de su muerte. Vivir fué, en ella, cosa de realizar, Y morir fué también como escojer un camino, limpiar de impureza el material de un sueno, entregarse en rendida entrega a la emoción total, en el momento preciso. Amazona lírica, ella supo lanzar su flecha hacia la vida y hacia la muerte, y hacia la eternidad de que regresan, fúlgidamente serenas, las almas que permanecen.

La aparición de Alfonsina Storni en las letras americanas estuvo senalada como la presencia de una alegría triunfal. Ya su primer libro venía despojado de todo oropel, de todo simulacro, de todo recargo literario, de toda declamatoria puerilidad. Alma desnuda, como la estrella, como la flor, como el agua, era el de su garganta el mensaje de su corazón. Traía su verdad a flor de labio y la dijo, serenamente amorosa, como si cantara en la primer manana del mundo.

Y así vivió, y amó, y sonó, maravillosa criatura que dijo en voz de mujer bajo cielos argentinos la estremecida canción de su anhelo y la mística estrofa voladora hacia la estrella inalcanzable.

Talvez desde la uruguayana Delmira Agustini, — también trágicamente muerta, también gloriosamente viva, — ninguna supo decir con tan claro ritmo, con tan sincera palabra, con tan íntimo regocijo el poema de la ternura hona como esta Alfonsina Storni que le dió a la poesía americana, a la poesía amorosa escrita por mujer en las letras de Hispano América aquella lírica sencillez sin afectaciones que la dotara de tan rica originalidad y con la que acaso comenzó una nueva manera.

Tras la muerte de la poetisa argentina hemos leído ya definitivos conceptos, escritos en todos los idiomas de América cuya unidad significa la voz y el pensamiento del Nuevo Mundo. Por que fué a las letras de todas las latitudes del Nuevo Mundo que Alfonsina Storni entregó, — desde el inmenso centro vibrador, saturado de humanidad que es la República Argentina, — su primer libro, jubilosamente vivido: "La inquietud del rosal". Y los que lo siguieron, definidores siempre de la misma substancia: "El dulce dano", libro del cantar estremecido como el de una Teresa de Avila, lírica y profana; "Ocre", "Languidez", "Irremediablemente", libro este último de modernas audacias y de antiguos anhelos. Y junto a todo ello, una obra de teatro, una Comedia más lírica que teatral y escénica pero en la que Alfonsina puso de relieve todo el arriesgo de su valerosa feminidad frente a mucha cobardia contemporánea que tal vez a ella misma le saliera al paso.

De muy sugestivos detalles está formada la vida de la poetisa argentina ahora desaparecida. Alfonsina Storni comenzó su vida de labor y de lucha, como Profesora de Escuela Primaria. Igual que la chilena máxima Gabriela Mistral. Igual que la uruguayana Luisa Luisi, nunca bastante alabada. Igual que Almafuerte, poeta y profeta. Son estos tal vez sus verdaderos hermanos líricos en aquella misma latitud continental donde están los Andes, donde está la Pampa, donde se ensancha y crece hacia las libertades oceánicas y las libertades históricas y sociales, la llanura azul del Gran Rio.

Hablando de sí misma, alguna vez Alfonsina Storni contó que sus mayores no miraban "con buenos ojos" aquella su prematura inclinación por las letras. Pero ella continuó en su terquedad lírica que era el anuncio de su misión en la tierra. El Magisterio y la Poesía, — dos formas de revelación entre los hombres, — fueron sus armas. Y con ellas siguió, heroicamente, hasta esta hora de su muerte.

Siempre en el Magisterio y en la Poesía, Alfonsina Storni occupaba últimamente una Cátedra de Declamación en el Teatro Infantil "Labardén" que dirije en Buenos Aires otra argentina eminente: dona Celina Rodríguez, tan justa y noblemente agasajada en Rio de Janeiro no hace aún mucho tiempo. Además de sus tareas en el curso de Declamación en el Teatro Infantil, y colaborando eficazmente en la obra de Celina Rodriguez, Alfonsina escribió muchos de los esbozos dramáticos y las comedias líricas que los pequenos actores del Teatro Labardén representan desde los más prestigiosos escenarios ante el público de Buenos Aires. El duelo de hoy en aquella casa de pequenos artistas donde Alfonsina entregó lo mejor de su espiritu, debe ser el de los tremendos dramas sin palabras.

●

Hace aproximadamente dos anos se encontraron en Buenos Aires la poetisa brasilena Gilka Machado y la argentina Alfonsina Storni. Feliz oportunidad las reunió una noche, en el mismo teatro, con el mismo afán, con idéntica fé.

Iba a danzar aquella noche, por la primera vez ante el público de Buenos Aires, Eros Volusia. Gilka y Alfonsina se habían encontrado, con alegría pero sin sorpresa, y se habían comprendido. Ellas venían a realizar, de algun modo prodamente bello, sin proponérselo y sin anunciarlo, algo de esa emocionada unidad de América que reposa en planos del espíritu. Grandes de toda grandeza, almas en libertad, voces en libertad, viajeras de los infinitos caminos del pensamiento creador, su encuentro, — que presenciamos, — fué como el reconocerse, como el sentirse hermanas, como el saberse hermanas, mansajeras de idéntico mensaje, la misma sangre, el mismo anhelo, voces idénticamente americanas bajo los cielos de la Cruz del Sur.

Tal vez nunca estivieron tan íntimamente confundidas la emoción brasilena y la emoción rioplatense como en el encuentro de estas dos mujeres singulares. La una, sintiéndose criatura mínima: la otra sintiéndose en humildad de mujer; y las dos sobrellevando en sus destinos armoniosos el signo de dos auténticas glorias del Continente.

Alfonsina Storni presentaría ante el público argentino a Eros Volusia. Y de sus maravillosas palabras para la Artista Nina que danza la danza reveladora con ebriedad panteísta y brasileno elán, — después de augurar el triunfo de la danzarina Eros, triunfo que el público consagraba pocos instantes más tarde todas sus palabras de aquella noche, se nos quedaron estas en el recuerdo:

— He aquí que la inmensa poetisa brasilena Gilka Machado, nos trae hoy a la Argentina, su me or poema: su hija...

Luego, mientras Eros Volusia danzaba y sorprendía, Gilka Machado y Alfonsina Storni parecían vivir una misma emoción de poema, de espectativa colmada, de alegría colmada, de cumplidos destinos.

●

Ahora se ha ido. Para siempre. Por los caminos del mar que ella eligió. Por los abismos del mar que ella buscó. Bajo las aguas del mar que para ella guardaron, como un abrazo azul, los ahogamientos de la muerte.

Pero esa voz argentina diáfana y alegre, voluntariosa y libre, amorosa y eterna, venturosa y sufrida que quedó vibrando para siempre hacia el amor y hacia la estrella, esa es la voz de Alfonsina Storni...

ULTIMAS POESIAS

EPITAFIO PARA MI TUMBA...

Aquí descanso yo: dice Alfonsina
El epitafio claro, al que se inclina.

Aquí descanso yo. Y en este pozo,
pues que no siento, mi solazo y gozo.

Los turbios ojos muertos ya no giran.
Los labios, desgranados, no suspiran.

Duermo mi sueño eterno a pierna suelta.
Me llaman, y no quiero darme vuelta.

Tengo la tierra encima, y no la siento:
Llega el invierno y no me enfría el viento.

El verano mis sueños no madura.
La primavera el pulso no me apura.

El corazón no tiembla, salte o late:
Fuera estoy de la linea de combate.

Qué dice el ave aquella, caminante?
Tradúceme su canto perturbante:

"Nace la luna nueva, el mar perfuma,
Los cuerpos bellos bánanse de espuma.

"Va junto al mar un hombre que en la boca
Lleva una abeja libadora y loca.

"Bajo la blanca tela el torso quiere
El otro torso que palpita y muere.

"Los marineros sueñan en las proas,
Cantan muchachas desde las canoas.

"Zarpan los buques. Y en sus claras cuevas
Los hombres parten para tierras nuevas".

La mujer que en el suelo está dormida
Y en su epitafio ríe de la vida,

Como es mujer, grabó en su sepultura
Una mentira aún: la de su hartura...

●

ROMANCILLO CANTABLE

(Lá última poesia de Alfonsina Storni)

Para fín de septiembre
cuando me vaya,
urraquita, el que quiero
vendrá a tu cátedra.

Diles a tus amigos
los duraznoros,
que carguen
su florero...

....

O Livro Estrangeiro

TERRA AMARGA — Serafin J. Garcia — Montevidéo — Uruguai.

Serafin Garcia chamou de romance as suas poesias como os escritores russos de hoje chamam de poemas os seus romances. E não andou errado porque nesse lindíssimo livro que é *Terra Amarga*, o trova-

dor raciocinante encerrou muitas historias de vida, riquissimas de rítmos, repletas de emocionalides e profundamente humanas. Tem as características do romance e da poesia. Quando toca o social não perde a serenidade e a sensibilidade do poeta que permanece sempre o cantador ameno e belo. Nos *romances chacareros*, nos *outros romances campesinos*, nos *romancillos* ou no *romance del imaginero* se desenrolam dramas onde seres e coisas se encontram e se interferem.

Companera! Companera!
Mis sesos está llameando,
y llameando está mi sangre
como el trigo y como el pasto!...

Em tudo sobresáe a *terra amarga*, abrigando o homem sofredor, incompreendido e impotente. As injustiças flutuam sempre sem prejuizo do sutil, do sentimental e do generoso.

No *romancillo para una abeja* lamenta o destino atual dos homens sem revoltas arrogantes; prefere a confidência sentida:

En tu especie se labora
para la comunidad
En la humana, siembran unos
pero es de otros el trigal.

El dia que las hormigas
devasten tu colmenar,
recién, abejita, el drama
del hombre compreenderás.

O Brasil precisa conhecer a poesia de Serafin Garcia, poesia repassada de ternura dentro de seu destino construtivo.

S.

En este mismo cuarto
será su sueño.
Y la misma persiana
le hará su cuento:

"Pasando el río grande,
esa que te ama,
no se muere...
Verdea como las ramas".

YO, EN EL FONDO DEL MAR...

En el fondo del mar
hay una casa
de cristal.

A una avenida
de madréporas
da.

Un gran pez de oro
a las cinco,
me viene a saludar.

Me trae un rojo ramo
de flores
de coral.

Duermo en una cama
un poco más azul
que el mar.

Un pulpo me hace guiños
a través
del cristal.

En el bosque verde
que me circunda
— din don... din danse balancean y
cantam las sirenas
de nacar verdemar.

Y sobre mi cabeza
arden, en el crepúsculo,
las erizadas puntas del mar...

Documentário Cultural Português - VII

RAPIDA DIGRESSÃO EM VOLTA DOS "NOSSOS" VALORES FEMININOS, DA QUESTÃO FEMENISTA E DA HUMANIDADE DA MULHER

Uma verdadeira inversao (aliaz verificada tambem noutros campos) é que o problema da Mulher representa em Portugal. Inversão, note-se, derivada para posição desgraciosa e desinteressante: — ao mesmo tempo que as nulidades pululam pelas folhas de maior ou menor tiragem, com elogios de cretina eloquencia, pesa sobre aquelas que podem ainda valer pela élite do país — no campo litérario, científico, mental — o alheio, o vago, dos indiferentes e dos incapazes.

E' condição da própria estrutura social dos nossos dias, o considerar a mulher um objectosinho distante da agitação cotidiana. Mas a estrutura, quando entra a declinar, por virtude da insuficiencia das suas normas, ante o problema real do "seu" presente, perde campo á feição que os minutos se sucedem, em beneficio da lei fatal e indesvirtuavél: a trajéctória dos acontecimentos. Estes, no caso particular português, num olhar de superfície, adversos, marcam pela transposição para novos pontos de permanencia e de luta.

A intelectualidade feminina portuguesa, não tem ainda fizionomia própria. Porque aquelas que, portuguêsas e mulheres, testemunham, sob esta designação, uma realidade, — salvo o colectivo que expressam — contam ainda por nu'mero muito pouco elevado. Caberão, por aqui, uma João Falco, uma Maria Raquel, uma Adelaide Estrada, porventura uma Maria Archer, uma Elina Guimarães, — ou desdobrando num gesto de compreensivo optimismo, indo até ás raizes fundas, aquelas que só assistem de casa, áquelas que, mentalmente formadas, não participam na disputa do dia-a-dia. Em contra partida, com ligeiras variantes dumas para as outras, as Aurora Jardim, as Mercêdes Blascos, as Sara Beirão, as Ludovina Frias de Matos, as Maria Lamas, as... (será melhor suspender a lista) — enchem folhas e folhas de prosas e de versos. Nem vale comentar!

E' claro que a questão feminista, reduzida a si própria, é coisa sem interesse. Não é como questão feminista que interessa; interessa como questão humana. E' um problema de dignificação mental e moral. E' um problema de cultura. O problema feminista vale como apenso do problema social de sempre. Hoje, existe em conformidade com o facto social de hoje. Como higienisação do próprio ambiente. E' restituição, á humanidade, de metade do seu corpo. No caso particular português, representa a caminhada para a perfeita integração na estrutura do tempo.

Na conformação mental portuguesa de hoje (de hoje pelo que representa como trabalho de mais ou menos próxima realização prática) a mulher é mulher enquanto o homem é homem. Tirados os pontos de função biológica inerentes a cada qual, a mulher, como o homem, contam pela maior ou menor dignificação da sua qualidade de "humanos". Implícitos, os fatores correspondentes. Ora Portugal, nestes aspetos, não está mal nem está bem. Está no seu caminho. Mal, enquanto o caminho marca como tal e será ocasião de lembrar o nosso, artificiosamente celular abandono a inércia da própria prostração; — bem, de igual modo, naquele grau em que as condições atuais o revelam.

Tendo que o caminho realizado nos pesa ainda fortemente num sentido "mal", o que inere, numa ordem mecanica, todo o posterior, fica-nos todavia uma certeza: a mulher, restituida á plenitude da sua humanidade está num crescendo de inteletual pro-progresso.

E na intimidade profunda das coisas, ao tempo que uma geral repulsa por toda a macaqueação dos que pretendem acorrentar ao sexo a qualidade, "Belo", "Fraco", "Gentil", "Sublime missão de esposa e mãe", "Anjo do lar", e outros lugares comuns de idêntica mediocridade, verifica-se na intimidade profunda das coisas — diziamos — porque surge da força natural dos acontecimentos, a abertura para uma camaradagem dos sexos limpida e sem humilhação, uma camaradagem em que cada um, consciente de quanto comporta e de quanto representa, vive pelo sempre maior dignificação de si mesmo e da espécie.

REVISTA DA IMPRENSA

Ao escandalo editorial da "Editora Civilisação" denunciado por M. Guerra Roque no "Diábo", João Araújo Morias, chamado á cena como Presidente da "Associação dos Livreiros", responde numa primeira carta, com aquele cunho de honesto interesse que seria de esperar para dignificação da própria classe. Noutra, a seguir, fala na presumível aceitação de melhor processo comercial por parte da editora acusada; dado mesmo que a "Associação dos Liveiros" lhe oficiária nesse sentido. Devemos apontar que, quer a "Editora Civilisação", quer a "Academia das Ciencias", como a "Associação dos Liveiros" chamada a terreiro, fizeram, até ogora, que se saiba, fundo silencio.

Na querela recente sobre Esperanto e Novial, temos a apontar os novos artigos de Saldanha Carreira e Alvaro Pontes, de oposição a "Li". Este, entretanto, vai apresentando algumas noções de gramática do alfabeto Novial, bem como Valter Ahlstedt, filólogo

sueco, disserta, numa pequeno artigo, sobre questões técnicas.

A discussão levantada entre Tomaz Ribeiro Colaço e João Gaspar Simões tendo-se dissolvido, levou o último, em virtude de quaisquer insinuações do seu contendor, aparecidas no semanário lisboeta "Humanidade", a suspender temporáriamente as atribuições de crítico que com tenacidade e não pouco brilho, tinha no "Diário de Lisboa".

No "Diabo", em andamento, dois inqueritos: um sobre "Que Livros aparecerão no proximo inverno?: — o outro em volta de: "Porque está decadente o Teatro?". Para o primeiro, ha a contar desde já as respostas de: Ramada Curto, Queiroz Velozo, Macedo Mendes, Julião Quintinha, Amadeu de Freitas, Nogueira de Brito, Alberto Xavier, Nuno Simões, Augusto Casimiro. Dum modo geral todos deram notas nobre os próprios projectos, sendo curioso salientar, do depoimento do Prof. Macedo Mendes, aquele ponto que falados fins que se propoz: difundir a cultura, vulgarizar o que consta de livros caros, em obras acessiveis, pelo preço, a todas as classes. Do de Nuno Simões, aquilo que, aqui de imediato interesse para o Brasil, promete: trabalhos sobre "Relações Luso-Brasileiras" "Temas brasileiros", etc.

Para o outro inquerito, temos as respostas de Palmira Bastos, grande nome da cena portuguesa, a qual diz que o teatro não esta envelhecido mas apenas envilecido, principalmente pelos que fazem dele comércio e mais nada. António Pinheiro, ensaiador, que depõe tambem, com um artigo algo extenso, verbera os causadores do descalabro presente. E em síntese, exteriorisa ideia identica á de Palmira Bastos.

No "Diabo", ainda, além de outros trabalhos de sempre viva atualidade, mesmo quando vão neles a erudição histórica, como no caso de Macedo Mendes, ou de vulgarisação filosófica, tal o exemplo de Abel Salazar com o seu "Pensamento Positivo Contemporaneo", será u'til apontar o magistral "Movimento de Ideias" bem como a página dedicada á "Vida mental Brasileira".

A "Revista de Portugal", no N|.5, agora publicado, insere a mesma seleção de trabalho — porventura exteriorisando, neste nu'mero, uma pequena ruptura em seu seio. Afonso Duarte, num pequeno estudo, analiza as reações estéticas da criança ante o mundo das formas e das ideias — estudo que concretisa no caso de Tito, criança que teve entre os seus discípulos.

Colaboraçao brasileira de Sérgio Soares, Alvaro Moreyra, José Geraldo Vieira, etc. E na seção de crítica, analisa as obras de varios escritores do Brasil. No nosso particular aspeto, esta frase vale muito: "Quanto aos nossos colaboradores brasileiros, já se sabe que a "Revista de Portugal é a casa deles".

Das folhas de novos da imprensa das provincias, devemos salientar o inquérito que visa a revelar "No que Pensa a Juventude", aberto agora no "Trabalho". O inquerito tem por fim, como nele se diz, saber dos interesses dos novos por certos problemas, e saber dos seus anseios, quer intelectuais quer temperamentais. Nele são feitas perguntas como: "Qual a finalidade da sua Vida?" "Como encara a Filosofia?", e a Ciencia?, e a Arte? e a Metafísica? "Porque escrever?", "Porque não escreve?" etc. E insere logo em primeiro numero, o depoimento duma das melhores promessas mentais da mais joven geração feminina portuguesa: Elisa Amado.

Sobre artes plásticas, cinema, teatro, nada temos a apontar visto que os críticos, á falta de substancia criticavel, estão em "chômage".

De Música, entretanto, a propósito de um concerto público organizado pela senhora Ema da Camara Reis, fala no "Diabo" Augusto Borges, o qual tem boas palavras para a musicólogo, para o concerto e para António Sérgio, este por ilustrador do concerto com uma "clara e erudita oração sobre as caracteristicas dos povos vizinhos" — oração adequada ao acto: — "Canções das províncias de Espanha".

Em nota final devemos referir a momentanea efervescência que os recentes acontecimentos internacionais conseguiram levantar em Portugal. Se, de certo modo, como pretendem demonstrar os Chamberlain de todo o mundo, os resultados da conferencia de Munich, para onde, daqui, todos os sentidos estiveram voltados, trouxeram a sensação imediata de que a paz fora ganha uma vez mais, certo é tambem ter ficado a sensação amarga duma guerra escandalosamente perdida. E no fundo, a consubstanciar latentes energias, a certeza duma humilhante capitulação da dignidade dos homens e da liberdade dos povos ante o despotismo imperial hitleriano.

A honesta repulsa pelo gesto dos diretores dc descalabro democratico, dum dos nossos mais tenazes democráticos e francófilos, Homem Cristo, e. comsigo, "O Povo de Aveiro", que dirige, vale como sintoma.

Em certos aspetos, as perspectivas sao pouco animadoras.

Movimento editorial Português — continua ausente. Como nota a merecer referencia, "Memórias" de Chaby Pinheiro; e nos cadernos da "Seara Nova", o atencioso estudo de Lia Corrêa Dutra sobre José Lins do Rêgo. Tambem merecerá carinho a iniciativa de "Editorial Inquérito" com a publicação de "Cadernos de Cultura" quinzenais; destes o primeiro aparecido já: "Licurgo" de Plutarco.

●

APÊNDICE

Rodrigues Lapa, antigo professor da Faculdade de Letras de Lisboa, que, enquanto diretor do "Diá-

bo" batalnou com rara lucidez por uma rasgada compreensão das ideias e da cultura, apresentava recentemente um esquema magnífico (no seu caso, circunscrito ao ambiente e ás proporções para que foi ideado) de quanto Portugal está á altura de realizar.

O artigo, dado a público no semanário "A Ideia Livre" (de novo o problema dos jornais da provincia. Quanta necessidade temos de os reabilitar!) movimentava-se em volta das "Tradições Regionais" para a concretisaçao objectiva dos planos de ação e de renovação. E' o nosso ponto de hoje: a urgência de alcançar, impulsionando, uma tradição viva, uma tradição assente, não nas formas cristalisadoras, mas na permanencia movimentada dum progresso.

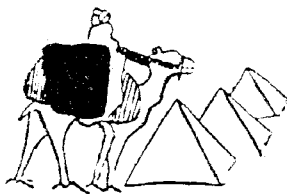
Rodrigues Lapa, de longe, aludia ao erro fundamental no espírito que anima o resgate duma tradição, sugerindo a seguir, a criação, para o seu caso, dum "Centro de Estudos Bairradinos" (Num sentido de alargamento, poderia derivar-se para "Centro de Estudos Regionais" — dado que noutras localidades, idênticas tarefas se empreendessem) de cujas principais missões, uma delas seria o "recolher os restos de tradiçes que ainda se apuram com mais ou menos vida na região. Brigadas de trabalhadores, ensaiados nos novos processos de colheitas cientifica, iriam de lugar em lugar inquirir do Folclore, da linguagem, do vestuário, das alfaias agrícolas, do tipo de habitação, dos monumentos artísticos, das inscrições históricas, dos arquivos públicos e particulares, dos objetos históricos e pré-históricos, das crenças religiosas, das superstições".

Para maior eficácia, R. L. lembrava a publicação de "Folhas" impressas que, com questionários bem orientados, seriam preenchidos. Adiante falava ainda na organização de inqueritos sobre os trabalhadores do campo, a sua higiene, os mercados da região, o problema dos transportes, a questão do alcoolismo, o problema sexual e da família, o da emigração, o das pequenas indústrias regionais, etc.

Posto o problema da nossa posição, hoje, magnífica em desdobramento de energias, ha que, observadas as diferenças dos varios particulares correspondentes a cada meio, canalisar aquelas. E' o que as circunstancias de hoje exigem: estabelecer um contato fecundo entre as forças vivas do país, fazendo que a cultura, difundida num sentido de sempre maior aprofundamento, de forma própria, áquem fronteiras, a uma tradicão realmente peculiar e meritória, — a uma tradição pelos valores dinamicos e "diferentes", em prejuizo de qualquer outra assente em mórbidas contemplações e doentios abandonos.

Ora os programas de R. L., postos em prática, seriam largamente compensadores.

Ja que falamos em tradição, convém apontar tambem o artigo de um jóven jornalista (Seabra Deniz) que, como o anterior, aparecido numa dessas folhas de província, (Independência de Agueda), foi publicado pela mesma altura. Seabra Diniz aduzia argumentos em volta "Do Valor e desvalor da tradição", e aí, duma forma aberta, correlacionava, no sentido duma dedução edificativa, os diversos pontos que levam da prática á teoria e desta volvem áquela. Apresentava, assim, pequenas importancias de grandes absurdos, para concluir pela necessidade duma tradição verdadeiramente capaz e verdadeiramente digna — *A. C. S.*

(PORTUGAL).

L I V R O S

HISTORIA SINCERA DA FRANÇA — *Charles Seignobos — Biblioteca do Espirito Moderno — História — Série 3ª, Volume 2 — Cia Editora Nacional — S. Paulo.* Como o próprio autor declara no prefácio do livro não se trata de uma história completa da França. Trata-se antes de uma enumeração cronológica dos acontecimentos fundamentais na constituição e evolução da nação francesa, observados os pontos de vista do autor. Os sentimentos, as crenças, os hábitos e as ideias do povo francês são focados sem que se deixe de notar certas deficiências na fixação dos fenômenos economico-sociais. Contudo, *Historia Sincera da França* é uma obra de divulgação que realiza seus fins pela forma de exposição muito acessivel e sintética. A tradução revista por Anizio Teixeira é uma garantia de que o livro pode ser lido em português sem se correr o risco de encontrar disvirtuamentos ou falta de cuidado. — S.

OS GRANDES PROCESSOS DA HISTORIA (2ª SÉRIE) *Henri Robert — Edição da Livraria do Globo — Pôrto Alegre — 1938* — Henri Robert, membro da Academia Francesa e ex-presidente da Ordem dos Advogados da França, é considerado tambem como um dos mais notaveis historiadores modernos. Sua obra "Os Grandes Processos da Historia", de que a Livraria do Globo vem agora de editar a 2ª série, já foi traduzida para tôdas as principais línguas do mundo.

A 2ª série de "Os Grandes Processos da História" trata do processo da Marqueza de Brinvilliers do caso do colar da Rainha Maria Antonieta, do processo de Carlota Corday, do processo de Madame Roland, e do celébre caso Latarge.

A tradução do original francês foi confiada ao escritor Juvenal Jacinto, que produziu um trabalho de rara perfeição literária. *L. G*

A VIDA TORMENTOSA DE MIRABEAU — *H. de Jouvenel — Biografias — Vecchi Editor — Rio.* Trabalho curioso e de real mérito, este livro veio contribuir para o conhecimento de homens que tiveram uma vida dinâmica e representaram no seu tempo força influente na consequência dos acontecimentos históricos da França. Inocêncio Galvão de Queiroz traduziu cuidadosamente e o livro se apresenta em boa forma. — S.

A ITALIA NO MUNDO — *Anton Zischka — Edição da Livraria do Globo — Pôrto Alegre — 1938.* — "A Itália no Mundo", de Anton Zischka, é o melhor livro documentario que até hoje apareceu sôbre a Peninsula depois da ascensão de Mussolini ao poder. O autor analisa exhaustivamente a posição politica, econômica e social da Itália no mundo atual, a personalidade de Duce e sua obra bem como o poder militar do novo Império Romano. Traduzida brilhantemente do original alemão pela professora Marina Guaspari a obra de Anton Zischka aparece na coleção "Documentos da Nossa E'poca", da Livraria do Globo — L. G.

O NAZISMO SEM MÁSCARA — *J. Bauer Reis — L. A. Josephson — Editor — Rio.*

Eis aí um livro oportuníssimo, que vem prestar grande serviço aos que ainda não estão suficientemente esclarecidos sobre o que é, na realidade, a Alemanha de Hitler. Rico em fatos e amplamente documentado, "O Nazismo sem máscara" é, pela sua utilidade, uma edição felicissima de L. A. Josephson — Editor.

Frei Pedro Sinzig, O. F. M. o prefacia — garantindo com isso uma circulação esclarecedora pelos meios católicos do paiz. Pena é que êsse sacerdote, que tão eficazmente vem combatendo a mentira nazista, como jornalista, tenha tido a infelicidade de, no prefácio, se refirir a "pragas", incluindo entre elas o espiritismo e a maçonaria — o que, de algum modo, pela sua incoerência, enfraquece sua solidariedade a um livro que visa, principalmente, a combater o nazismo em seu aspecto intolerncia. — M. J.

D. PEDRO II E O CONDE DE GOBINEAU — *Georges Raeders — Brasiliana — Volume 109 — Cia. Editora Nacional.* O Conde de Gobineau foi uma das figuras interessantes de seu tempo e a sua passagem forçada pelo Brasil fez dele um amigo do nosso benevolente imperador. A correspondencia que entre ambos teve logar é apresentada neste livro por Georges Raeders e vale como curiosidade histórica. O Conde de Gobineau com a sua extravagante subjetividade e D. Pedro II, sereno na sua majestade, permanecem bem marcados nessa copiosa correspondência. S.

HISTORIA DE D. PEDRO II — *Heitor Lyra — Volume 1º — Brasiliana vol. 133 — Cia. Editora Nacional* — A figura agradavel do Imperador brasileiro é estudada neste livro e são relatadas minuciosamente todas as peripécias de sua vida, no periodo de 1825 a 1870", chamado pelo autor de Ascenção. Trata-se de uma narrativa acessivel e que facilita a um grande numero de leitores o conhecimento de pormenores autênticos até então desconhecidos — S.

AS GUERRAS NOS PALMARE — *(Subsidios para a sua história) — 1º volume — (Domingos Jorge Velho e a "Troia Negra" — 1687 -1709) — Ernesto Ennes — Brasileira — Volume 127 — Cia Editora Nacional.*

Esse trabalho representa um dois maiores esforços até hoje realizados para a reconstituição historica das Guerras dos Palmares. Foi essa tarefa que tomou sobre os hombros o Snr. Ernesto Ennes que dos arquivos da Baía e da Biblioteca Nacional e, sobretudo do Arquivo Nacional Português, recolheu grande numero de peças documentais ineditas do mais alto valor não somente para a elucidação dos episodios de lutas com os negros quilombolas de Palmares como para o estudo de nossa historia colonial contemporanea dessas guerras. "E', por isto, como reconheceu o Dr. Afonso Taunay, um serviço relevante á nossa historia o que representa este volume de As Guerras nos Palmares. — J. M. F.

BRASILIANA — *Cia. Editora Nacional* — As constantes reedições dos livros da Coleção Brasiliana comprovam o interesse dos leitores brasileiros pelos nossos assuntos históricos. Acabam de aparecer em novas edições:

PEDRO II — Visconde de Taunay — 2ª Edição — Volume 18.

PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO — *Pandiá Calogeras — Volume 24 — 2ª Edição.*

PHYTOGEOGRAFIA DO BRASIL — A. J. de Sampaio — 2ª Edição (Revista e aumentada) — Volume 35.

HISTORIA MILITAR DO BRASIL — *Gustavo Barroso — 2ª Edição — Volume 49.*

PROBLEMAS DE GOVERNO — *Pandiá Calogeras — 2ª Edição — Volume 67.*

AS IDÉAS DE ALBERTO TORRES — *Alcides Gentil — 2ª edição — Volume 3.*

NOÇÕES SOBRE QUIMICA ELEMENTAR — *Celina de Morais Passos* — *Cia. Editora Nacional* — *S. Paulo*. A alimentação é um assunto que está em voga no Brasil e corresponde de maneira eficiente aos nossos interesses de saneamento popular. São os próprios médicos brasileiros que ponderam sobre a falta de racionalisação em nossa alimentação que quasi sempre abundante permanece deficiente. Essa química alimentar de Celina Morais vem justamente esclarecer aos interessados e estudiosos as vantagens de certas substâncias sobre outras, apontando seus defeitos e exaltando suas qualidades. E' portanto um livro útil que deve ser utilisado quer pelos estudiosos dos cursos profissionais, quer pelos responsáveis diretos na prática alimentar. S.

A ODISSÉIA DE UM MÉDICO AMERICANO — *Victor Heiser* — *Edição da Livraria do Globo* — *Porto Alegre* — *1938*.

"A Odisséia de um Médico Americano" (An American Doctor's Odyssey) é um dos livros mais sensacionais do século: só nos Estados Unidos alcançou a extraordinária tiragem de três milhões de exemplares".

A auto-biografia do dr. Victor Heiser começa com uma narração da enchente de Johnstown, na qual perderam a vida os seus pais.

Foi essa catástrofe, no entanto, que despertou em Victor Heiser o gosto pela medicina, pois êle tomou parte destacada na luta sanitária que evitou a peste em Johnstown, depois da terrível enchente.

"Odisséa de um Médico Americano" nos relata a peregrinação do dr. Victor Heiser através do mundo, já como médico da Marinha Norte-Americana, saneando as Filipinas; já como médico da Fundação Rockefeller, trabalhando em Ceilão, na China, no Egito, etc.

E' um livro impregnado de rara humanidade, razão por que tem obtido extraordinário êxito literário em todos os países do mundo.

A obra foi magnificamente traduzida do original inglês pela escritora Pepita de Leão, que teve a assistí-la, na parte de terminologia científica, o Professor Pereira Filho, um dos mais ilustres e conceituados médicos brasileiros. — L. G.

A LUTA CONTRA A MORTE — *Paul de Kruif* — *Tradução de Marques Rebelo* — *Edição da Livraria do Globo* — *Porto Alegre* — O médico e escritor norte-americano Paul de Kruif reune nesse livro material interessantissimo, aproveitado com inteligencia e com brilho. As grandes pesquizas de Semmelweis, Banting, Spencer, Evans, Mc Coy, Bordet, Finson Rollier, Strandberg e outros nos são ali reveladas com bastante riqueza de detalhes que dão ao livro um atrativo especial. Todos os trabalhos, sacrificios e ansiedades; todo o idealismo sereno desses que votaram sua vida à ciencia, para a humanidade; todas as lutas; todos os seus triunfos e todas as incompreensões que sofreram, tudo isso nos é mostrado de maneira muito expressiva e sem a menor concessão à fantasia. E tudo alí interessa aos curiosos do assunto: a descoberta do tratamento do tifo exantematico, da sifilis, da tuberculose, etc. Um livro, portanto destinado a um merecido sucesso de livraria.

Quanto à tradução não pode haver de dúvidas de que seja bôa: é de Marques Rebelo. — M. J.

SUBLIMAÇÃO — *Gilka Machado*. — *Rio* — *1938*.

A grande poetisa de "Mulher Nua" há muito silenciara. Autora de poemas que ficarão entre o que de maior tem sido feito, na America do Sul, em matéria de Poesia, Gilka Machado se recolhera a um mutismo literário do qual nos parecia não querer mais sair, a ponto de já termos dado balanço a sua obra e colocado "Mulher Nua" como seu livro definitivo. O aparecimento de "Sublimação" vem nos provar a precipitação desse julgamento. Si bem que "Mulher Nua" continue no lugar a que ascendeu pela sua expressão excepcional, como Poesia, "Sublimação" nos mostra uma nova fase que se marca na poetisa, num desvio de emoções pessoais para emoções de caráter coletivo, em que a poetisa como que experimenta novos climas e novos sentimentos. Como é o seu primeiro livro em que nitidamente se mostra essa tendencia para sentir em harmonia com o elemento sofredor da humanidade, isto é, em que a nota social é pela primeira vez experimentada em seus versos, tudo nos leva a crêr que outros livros ainda brotarão, dessa mesma essencia que é, agora, a sua essencia criadora. — M. J.

ESTRÊLA IMPACIENTE — *Helio Peixoto* — *Cooperativa Cultural Guanabara* — Helio Peixoto não é um estreante na Poesia. Já em 1929 — integrado inteligentemente ao movimento ultra-modernista que se processou no Brasil — publicara "Foguete de lágrimas". Conquistou o seu lugar. Agora ressurge com "Estrêla Impaciente", revelando outra fase de sua inspiração poética. Seu livro de agora marca uma orientação mais segura dentro do humano — uma espécie de maturidade mais altruistica que eleva o poeta. Sua poesia é sem rebuscamentos e bela. Tem sobretudo, uma caracteristica que a qualifica: personalidade. — M. J.

MEUS POEMAS DIFERENTES — *Mário Souto Mayor* — *Recife* — "Meus poêmas diferentes" é um livro de simplicidade e de comoção. Por isso mesmo é enternecedor e espontaneo, como a própria mocidade de que brotou. Registramos com alegria seu aparecimento: é a revelação de um poeta novo, sensivel às coisas belas da vida, do qual se póde esperar, portanto, muita realização dentro da Poesia. — M. J.

DE MÃOS POSTAS — *Lila Ripoll* — *Edição da Livraria do Globo* — Lila Ripoll é a poetisa dos motivos tristes — motivos de saudades, geralmente, que a morte torna irremediaveis. De uma inspiração melancólica como é a sua, só poderia brotar um livro como é o seu, em tão perfeita harmonia com o titulo que lhe não foi imposto, mas que, antes, se impôs a êle: "De mãos postas". Dentro desse ambiente Lila Ripoll realiza bem sua poesia. Sua emoção, apezar de triste, nada tem de estéril. Falta-lhe, contudo, mesmo submetido a essa tristeza, qualquer coisa de glorioso, sem o que não há motivo de poesia integralmente desenvolvido. Sendo, porém, a poesia, uma expressão do momento, um livro de poesia tem de ser sempre um livro de transição. O essencial é que exista o poeta. A inspiração é inspiração de cada dia. Lila Ripoll poderá ter, tambem, seus dias belos. E sua poesia poderá ser, um dia iluminada e gloriosa como a Vida — M. J.

BALAS DE ESTALO — Ernani Lopes — Rio — 1938 — Livro pitoresco e original onde ressalta a qualidade de um trovador preocupado com os problemas de Higiene Mental. Consta o trabalho do Dr. Ernani Lopes de um proêmio e *Adagios, Poeira Cosmica, Breviario de Higiene Mental* e *Dois Poemetos*.

Em *poeira cósmica*, por exemplo, existem quadras que encan-

tam pela musicalidade e expressão:

Acredito firmemente
Que, em chegando o ano 2000,
O mundo inteiro se oriente
Pelo sentir do Brasil.

Nos *adágios* de quando em vez surgem motivos pueris e delicados:

"Por amor tudo se acaba".
Sem amor murcha o universo.
(Com o nome de quem adores,
Completarás o meu verso...)

O *breviario de higiene mental* é curioso e os *dois poemetos* dedicados a Alvaro Moreyra e Adelmar Tavares encerram a parte poetica do livro. Existe tambem a inscrição desta frase: *A canalha apupa sempre o sonho,* de Raúl Brandão. — B.

AS GEORGICAS DE VIRGILIO — *Tradução de Antonio Feliciano de Castilho — Prefácio e anotações de Otoniel Mota — Cia. Editora Nacional* — Bôa iniciativa essa de apresentar aos leitores do Brasil uma obra prima da literatura latina. Trata-se de uma 2.ª edição anotada, contendo o texto latino ao lado da tradução portugueza e uma conferencia pronunciada na Academia Paulista de Letras pelo autor do prefácio. — S.

PEQUENO DICIONARIO BRASILEIRO DA LINGUA PORTUGUESA — *Organisado por um grupo de Filólogos — Civilização Brasileira S/A — Rio de Janeiro — S. Paulo.* Finalmente o Brasil tem um pequeno dicionário, brasileiro e acessivel às bolsas menos favorecidas. Os vocabulários que tivemos com a adoção da nova ortografia representavam muito pouco numa terra em que o sentido das palavras não costuma ser muito bem observado e onde indiscutivelmente se necessita procurar, dentro da linguagem expontânea e caracterisadamente brasileira, observar uma certa homogeinidade de expressão para que nossa lingua evolua de maneira edificante. — S.

ESPERANTO "LA PLEJ RAPIDA METODO" *(O mais rápido método sem mestre, — Paulo Menezes — Vecchi Editor — Rio.* Mais um método sem mestre para os interessados na aprendizagem desta lingua que, sem dúvida, devidamente divulgada, resolverá um dos problemas mais ansiados — a comunicação entre os homens de varios paises por uma lingua comum a todos os povos. — S.

CONVITE A VALSA — *Rosamond Lehmann — Vecchi — Editor — Rio.* O aparecimento do belo livro de Rosamond Lehmann na coleção "Romance" da Casa Editora Vecchi Ltda. é signal que a seleção das obras promete melhorar. Não resta a menor dúvida que outros trabalhos de mérito têm sido apresentados na mesma coleção e entre outros podemos apontar os romances de Henry de Montherlant. *Convite à valsa* é uma historia muito viva e muito rica em movimentos como são todas as obras dessa extraordinária romancista ingleza. E', pode-se mesmo dizer, um pedaço de vida vivida na Inglaterra com as caracteristicas da vida vivida em qualquer país, dentro da mesma classe social. Merece tambem referências a tradução de Stela Martins Paredes que soube transmitir ao texto em português o interesse do original inglez. — S.

MORRO DOS VENTOS UIVANTES — *Emily Bronte — Edição da Livraria do Globo — Pôrto Alegre — 1938.* "Morro dos Ventos Uivantes" (Wuthering Heights) é um dos mais belos e estranhos romances da literatura inglesa. Nêle se encontram a descrição da vida nas selvagens charnecas do norte da Inglaterra, a linguagem de seus habitantes, as maneiras, todos os costumes das residencias e propriedades, as paixões rudemente manifestadas, as aversões desenfreadas, as temerárias tendências dos campônios e dos broncos proprietários daquelas terras pantanosas, etc. E um livro, assim, profundamente rústico e dramático. Entre suas inúmeras personagens cumpre destacar Catarina e Heathcliff, a primeira um curioso tipo de caráter contraditório, e o segundo uma criatura de temperamento solitário e para quem o amor não passava de um sentimento selvagem e inhumano, de uma paixão que só pode referver e arder na ruim substância de algum gênio infernal.

Êste romance de Emily Bronte tem a peculiaridade de poder contentar tanto aos apreciadores dos romances antigos e cheios de narração, tipo Dumas, como aos amantes do romance moderno, de ação rápida e movimentada.

A tradução do original inglês foi brilhantemente realizado pelo escritor mineiro Oscar Mendes, o mesmo que com tanto êxito passou para o vernáculo o romance "China, Velha China" (The Good Earth), de Pearl S. Buck. — L. G.

ZABÍ — *Carlos Humberto Reis — Norte — Editora* — Zabí é um romance passado no Rio de Janeiro. O autor procura fazer psicologia e consegue movimentar uma história cheia de peripécias emocionais. Encerrando o livro vem um aviso de que o trabalho de Carlos Humberto Reis vai ser adaptado ao cinema brasileiro — S.

A VOLTA DO SINEIRO — *Edgard Wallace — Edição da Livraria do Globo* — Continuando a sua coleção de romances policiais, a Livraria do Globo fez traduzir "A Volta do Sineiro", de Edgard Wallace, um dos mais apreciados autores do gênero. Trata-se de uma história bastante interessante, que garantirá a circulação do livro. — M. J.

D'ANUNZIO — *Niomar Moniz Sodré — Figuras Contenmporâneas — Série B — Literatos — Norte Editora* — A coleção Figuras Contemporaneas da Norte Editora ficou desdobrada em 3 séries: A, — Estadistas, B — Literatos e C — Cientistas. Iniciando os literatos, Niomar Moniz Sodré traçou rapidamente este livro sobre o poeta soldado e Principe de Montenevoso. Felizmente a autora não se deteve muito nessa vida tão cheia de falsos heroismos Com o próximo livro, já anunciado, teremos uma oportunidade mais agradavel: Bernardo Shaw é um tipo interessante e digno nas suas concepções de vida nem sempre muito exatas. Queremos então apreciar melhor um trabalho da escritora que está surgindo — S.

HITLER — *Helio Sodré — Figuras Contemporâneas — Norte Editora* — Livro de superficie onde nada transparece de convincente — Não resta a menor dúvida que sobre Hitler só poderão escrever com resultados satisfatorios aqueles que se detiverem na personalidade anormal do ditador alemão. Helio Sodré no seu trabalho vai além da simples narrativa divulgadora, chega mesmo a justificar, sem carater dotrinário, as atitudes do dominador austriaco. — S.

O BREVIÁRIO DE NOSTRADAMUS — *Edição da Agencia Minerva — Rio* —. Adaptação, por Loradix de la Forconha, dos manuscritos chaldeus, hebraicos e latinos do mago Michel Nostradamus e trazendo, em seu testo, orações, histórias de sociedades secretas, "segredos ocultos da magia negra e da magia branca, êste livro deve constituir qualquer coisa de inestimável para aqueles que se interessam pelo assunto. Limitamo-nos a registrar seu apprecimento. — B.

URSO COM MUSICA NA BARRIGA — *Erico Verissimo — Edi-*

Jornais e Revistas

RENOVAÇÃO — *Número 1 — Rio.* Dirigida por Rui de Carvalho, Aldo Lins e Silva e Alvaro Lins e com a rubrica de *revista universitaria*, esta nova publicação apareceu de maneira auspiciosa contendo excelente colaboração. Destacamos os trabalhos de Abel Salazar, Dias da Costa, Abelardo Romero, Maria Jacintha, Afonso de Castro Senda, Lins e Silva, Agamenon Magalhães, Rui de Carvalho, Augusto Pinho, Murilo Mendes, Edgard Cavalheiro, D'Almeida Vitor, Deolindo Tavares, Alvaro Lins, Manuel Anselmo e outros. Desejamos aos jovens de Renovação o melhor êxito para o seu louvavel empreendimento.

BOLETIM DA C. E. B. — *(Orgão Oficial da Casa do Estudante do Brasil) — Agosto* e *Setembro — Rio. A Casa do Estudante do Brasil,* que Ana Amelia tornou uma das nossas mais belas realidades, vem dentro do seu programa mantendo este boletim que indiscutivelmente é uma das nossas boas publicações culturais. Neste numero, alem de uma pagina do *Movimento Universitário* insere artigos firmados por intelectuais de destaque nas letras brasileiras e estrangeiras. Entre outros Erico Verissimo, Rossine Camargo Guarnieri, Afonso de Castro Senda, Hermes Lima, Carlos Drumond de Andrade, Santa Rosa, Emil Farhat, Evaristo de Morais Filho Josué de Castro e Arnaldo Faria.

DIRETRIZES — *Número 8 e 9 — Novembro e Dezembro — Rio.* — Os ultimos numeros de *Diretrizes* marcam bem um esforço compensado e uma necessidade satisfeita. Dirigida por Samuel Wayner pela seleção dos colaboradores e pela boa forma em que se tem mantido, pode ser considerada esta revista politico-economica um indice da nossa cultura e uma realisação que já estava faltando. Colabaram nestes números: Alvaro Moreyra, Genolino Amado, Carlos Lacerda, Rossine Camargo Guarnieri, Joaquim Pimenta, Emil Farhat Segadas Viana e outros.

REVISTA SUL AMERICANA — *Número 2 — Rio.* Esta revista não nos parece simpática aos principios dominantes nas Repúblicas Sul Americanas. Pelo menos deixa transparecer ideais pouco agradaveis no momento em que se cogita da *Interpenetração Panamericana* irmanando as pátrias do continente. Tem excellente aspecto gráfico e divulga a literatura brasileira apresentando trabalhos de nossos escritores mortos e vivos, ora em português, ora em espanhol. Orientação de Paulo Peixoto e Direção de Mario Brasini.

O ESCREVENE — *Número — 25 — Novembro — Rio* — Orgão Oficial da Associação dos Escreventes da Justiça no Distrito Federal.

O TECNICO TEXTIL — *Número 2 — Outubro — Novembro — Rio* — Orgão Representativo das escolas *Profissionais Texteis,* do Distrito Federal.

GACETA HISPANA — Orgão *de Vinculación Hispano-Brasileña — Números 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126 e 127 — S. Paulo.* Desde que não existe paz na Espanha este semanario vem transmitindo o momento tenebroso em que vive o povo hespanhol heroico e martir. O número 120 publica o famoso discurso de Alvarez del Vayo em Genebra sob o titulo — *La acusación de Espanha contra los perturbadores de la tranquilidad del Mundo.*

NO QUE SE PENSA HOJE — *Número 10 — Novembro* — S. Paulo. Transcreve este número artigos das publicações: *Lectures pour tous, Je sais tout* e *Marianne* — de Paris; *La Prensa* e *La Nación* — de Buenos Aires; *Sintesis* — de Mexico; *O Diabo* — de Lisbôa *Revue Belge* — de Bruxelas; *Saturday Evening Post, Current History* e *Psychology Digest* — de Nova York; etc.

CIENCIAS E LETRAS — *Tomo II* — S. Paulo. Contem este número variada colaboração alem de algumas reproduções de quadros do *5º Salão Paulista de Belas Artes.*

BELO HORIZONTE — *Número 97 e 98 — Outubro* e *Novembro — Belo Horizonte.* Mais dois números da revista que sintetisa a vida dinámica e mundana da capital mineira.

ção da Livraria do Globo — Pôrto Alegre — 1938 — Criador da famosa "Biblioteca de Nanquinote" da Livraria do Globo, Erico Verisimo acaba de enriquecê-la com mais um belíssimo livro infantil que se intitula "Urso com Musica na Barriga. Trata-se da história de um ursinho de verdade que tinha uma estranha musiquinha na barriga e que, por certo, foi correr mundo à cata de aventuras. A linguagem, amena e encantadora, fará por certo a delícia de tôdas as crianças que tiverem em suas mãos obra escrita com tanto "humor" e bomgosto.

O livro está fartamente ilustrado a côres por João Fahrion, que deu imenso movimento à maravilhosa história de Erico Verissimo. — L. G.

HISTORIA DE BICHOS. — *Kurt Gregorius — Edição da Livraria do Globo — Pôrto Alegre 1938.* — "Historias de Bichos" é uma interessante coletânea de sete lindos e sugestivos contos infantís.

Antonio Barata revela-se nêste livro um vigoroso escritor para crianças. Ingressa na "chácara" da literatura infantil com a naturalidade e a firmeza só mesmo entrevistas nas obras dos escritores há muito tempo consagrados.

Todos os contos de "Histórias de Bichos" são escritos com imensa graça, finura e vivacidade, utilizando o autor um estilo simples, delicado.

"Histórias de Bichos", que faz parte da "Biblioteca de Nanquinote", da Livraria do Globo, trás magnificas ilustrações a côres executadas por João Fahrion, o joven e originalíssimo, artista riograndense. — L. G.

O MEU LIVRO — *Selma Simch de Campos — Edição da Livraria do Globo — Pôrto Alegre — 1938* — Interessante obra didática para ensinar a leitura às crianças — L. G.

LETRAS — *Número 2* — *Novembro* — *Fortaleza* — *Ceará*. Jornal literário de recente aparecimento e dirigido por Antonio G. Barroso, Aluisio de Medeiros e O. Colares. Colabaram neste número Carlos Drumond de Andrade, Aluisio de Medeiros, Edison Lins e outros.

ITINERARIO DE AMERICA — *Número 1* — *Novembro* — *Buenos Aires* — *Argentina*. O periodico de Atilio Garcia Mellid, agora aparecido, pelo seu conteúdo é um magnifico orgão de difusão cultural latino americana. Contem este número artigos de Ricardo Rojas, Alfonsina Storni, Eduardo Mallea, Raul Scalabrini Ortiz, Fermin E. Gutierrez, etc — Argentinos; José Lins do Rego e Gastão Cruls — brasileiros; German Arciniegas—da Colombia; José Marti — cubano; Pablo Neruda — chileno; Mariano Azuela e Jose G.G. Montes de Oca — mexicanos; Luis Alberto Sanchez — peruano, e Pedro Leandro Ipuche — uruguaio, alem de ilustrações firmadas por Quinquela Martin, Kingman, Martorell e Perlotti.

VERTICE — *Número 11 e 12* — *Outubro e Novembro* — *Buenos Aires* — *Argentina* — Como nos números anteriores, uma seleção de trabalhos firmados por valores do pensamento universal, entre os quais apontamos: Ernest Hemingwa Cesar Tiempo, Paul Morand, Jean Rostand e Enrique Labrador Ruiz. Destacamos no número 11 uma comovente crónica sobre a tragica morte de Alfonsina Storni seguida dos ultimos poemas da grande poetisa americana e no número 12 *En torno a la angustia del escritor* de Julia Prilutzky Farny de Zinny.

JUDAICA — *Número 63* — *Setembro* — *Buenos Aires* — *Argentina* — Publicação do pensamento judeu em lingua hespanhola e dirigida por Salomón Resnick. E' o seguinte o sumário deste número: Editorial: *La heredera de Europa; an sido siempre los judios un pueblo de comerciantes?* — de Rafael Mahler; *El sacrificio de Miriam* — de R Cansinos Assens; *Hasdai Crescas el Giordano Bruno Judio* — de Iser Ginzburg; *Bartholdy* — de David Frischman; *Un judio limeño del siglo XVI* — de Armando Herrera; *La ruina cultural de Viena* — de Emilio Lengal, e *Breve historia de los judios en Polonia* — de Israeal Friedler.

CLARIDAD — *Números 329 e 330* — *Setembro e Outubro* (*Novembro* — *Buenos Aires* — *Argentina*. Esta revista constituida por trabalhos de real mérito tem o aspecto de uma Antologia Literária. O número 329 celebra a figura grandiosa de Sarmiento e o 330 divulga o homem, a obra e o pensamento de Benes, esse invulgar democrata herdeiro de Massaryk.

VIDA DE HOY — *Número 22 e 23* — *Julho e Agosto* — *Buenos Aires* — *Argentina*. Mensário politico e literário dirigido por Manuel Ugarte. *De puntos de vista*, artigo de E. Carrasquilla — Mallarino, transcrevemos: *Abramos ampliamente los ojos, alargando la libre vista hacia los horizontes, y veremos nacer esperanzas positivas de mejoramiento humano.*

MUNDO URUGUAIO — *Números 1018, 1009, 1020, 1021 e 1022* — *Montevideo, Uruguay* — Esta revista foca a vida uruguaia em todos os seus aspectos e mantem em dia os acontecimentos internacionais de maior relevo, sempre obedecendo a um criterio mentcl apreciavel.

MEDIODIA — *Números 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94 e 95* — *Setembro, Outubro e Novembro* — *La Habana* — *Cuba*. — Os ultimos numeros do semanário popular dirgiido pelo poeta Nicolás Guillén apresentam um sensivel progresso material e conservam a mesma orientação até então desempenhada com real acerto.

UNIVERSIDADE DE LA HABANA — *Publicação bimestral* — *Número 19* — *Julho* — *Agosto*. Revista editada pelo Departamento do Intercambio Universitário contendo ótima colaboração assinada pelos melhores escritores americanos. Selecionamos: *Psicologia de los estados pasionales* de E. Mira; *Notas sobre la novela Peruana* de Luis Alberto Sanches; *Notas de um cuaderno* de Hernandez Catá, e *La pintura precolombiana* de Mexico, de Salvador Toscano. Como aspecto gráfico esta publicação nada deixa a desejar e pode mesmo ser julgada exemplar.

REPERTORIO AMERICANO — *Números 855, 856, 857 e 858* — *Agosto, Setembro, Outubro e Novembro* — *San Jose* — *Costa Rica* — Semanario de Filosofia e Letras, Artes, Ciencias e Educação Micelaneas e Documentos, cuja principal finalidade é a divulgação da cultura hispanomericana e que circula em toda America Hespanhola. Sobresáem: no número 856 — *Significación del Dia de la Raza*, de Vicente Saenz (Barcelona) e *Perú: drama e esperanza* de Luis Alberto Sanchez; no número 855 — *El mito martiano* — *Ensayo para una pedagogia de la conducta ciudadana y Mensaje cordial a las juventudes de América* — de Luis Felipe Rodriguez; no número 857 — *Pensemos en el tirano y su pandilla*, de Luis E. Heysen, e no numero 858 — *La glorificación del indio* — de Armando Solano.

REVISTA HISPANICA MODERNA — *Número 1* — *Boletín del Instituto de las Españas* — *Columbia University* — *New York U S A*. Magífica revista com feição gráfica agradavel e conteúdo de elevado valor cultural. Presentemente as publicações americanas estão sendo orientadas com grande vantagem sobre as européas mais divulgadas no Brasil. Em todas, nivel inteltctual dos colaboradores, como na presente, é digno dos povos que lêm nesse continente democrata. Salientamos na seção escolar o trabalho de Jorge Mañch sobre a arte de José de Creeft ilustrado com fotografias de belas produções do artista.

HISPANIA — *Números 1, 2 e 3* — *Publicação de The American Association of Teachers of Spanish* — *Stanford University* — *California* — *U S A*. Editada por Alfred Coester, esta excelente revista é um valioso modelo de penetração latino americana nos centros universitários dos Estados Unidos. Aliás essa divulgação utilisada pelos americanos que falam inglez e espanhol nos meios universitários é um exemplo que merece ser seguido no Brasil. Os estudantes brasileiros sentem falta de publicações educativas e a prova disso é o constante aparecimento de revistas nesses meios por iniciativa partciular. Podemos citar entre as mais conhecidas: **Boletim da Casa do Estudante**, *Revista Academica, Universidade* e *agora Renovação*.

REVISTA DE PORTUGAL — *Número 5* — *Outubro* — *Coimbra* — *Portugal*. A revista de Vitorino Nemésio é uma afirmação da vida intelectual portuguesa. Mantem uma colaboração escolhida e apresenta-se materialmente de forma satisfatória. Neste número: José Geraldo Vieira, Afonso Duarte,

T E A T R O

M. J.

Teatro Ginástico — "Yayá Boneca" de Ernani Fornari.

Há uma palavra que está sendo desmoralizada, no Brasil: lindo Mas a gente tem de rehabilitá-la, para classificar, com ela, "Yayá Boneca", de Ernani Fornari. Porque é uma linda peça. E justo é o sucesso que está obtendo.

Construida com muito bom gôsto de expressões e de situações, é uma deliciosa história, marcada, ora de um humorismo muito sóbrio, ora de uma emoção magnificamente bem dosada. Não se impõe bruscamente, mas antes vem se insinuando, como que se infiltrando, como que envolvendo. Não fixa, naturalmente, nenhum alto problema humano.

Resuscita, porém, costumes, tipos ambientes, com traços de realidade que tornam tudo muito aceitável, muito convincente, muito "pode ter acontecido". Ernani Fornari tem o sentido perfeito da medida: não há, em "Yayá Boneca", nada de menos ou de mais. Tudo quanto ali ficou posto, ficou muito bem sem desharmonias, sem desalinhavos chocantes. E' o que se chama uma peça fluente. E tem, alem de tudo, o merito de fechar bem os seus quadros. Sobretudo aquele em que Boneca e Cristino, personificados, respectivamente, por Lucia Delor e Sadi Cabral, choram, com as cabeças apoiadas no colo de Emerenciana (Palmira Silva). Do ponto de vista *emoção* foi êste o mais belo momento de Ernani Fornari — a cena mais lindamente realizada de sua comédia. E deve-se assinalar, como uma conquista rara para um autor, a harmonia conseguida pelos três intérpretes, que a sentiram em profundeza e a viveram em conjunto —sem desafinações, sem desencontros e sem arestas. Aliás essa harmonia, que ali atingiu a seu apogeu, é a nota predominante na animação da peça de Fornari — o que nos faz advinhar um esfôrço de direção digno dos maiores louvores.

Analizado porém, o artista isoladamente, sobresáe, entre tôdas, a interpretação de Olga Navarro, a quem coube o único papel *interior* da peça. Todos os outros são papeis de projeçao, que muito embora exijam inteligencia do intérprete, dependem muito da boa composição dos tipos, da maneira porque são exteriorisados.

Houve, parece, comentários desfavoráveis á atitude da atriz, aceitando o papel de Alina. Segundo tais comentários, Olga Navarro não devia aceitá-lo. Esse ponto de vista, no entanto, é inteiramente sem razão de ser. E', pelo menos, uma confusão quanto á função das estrelas.

Estrelar um conjunto não é tomar sempre os papeis que mais vezes põem o artista em cena, mas sim aqueles que representam maior dificuldades. Em "Yayá Boneca" a personalidade mais dificil de ser vivida é a de Alina. Lógico, portanto, que a encarnasse Olga Navarro — por dever de estrelato.

E encarnou-a surpreendentemente bem. Não ficou nela um só traço da antiga Olga Navarro — aquela que nos habituamos a ver "standardizada" no tipo fatal, ou semi-fatal, na plenitude de suas possibilidades vampirescas, fazendo honra ás tiradas enfáticas de "Sexo", ou anulando seus méritos artisticos no aproveitamento, apenas, de suas qualidades de mulher bonita.

Essa verificação nos faz pensar em quanto tem sido criminosa a atitude de tantos autores nossos, superlotando os repertórios das Companhias de material medíocre, para efeito de bilheteria, sem o mais leve intêresse pelo que se possa conseguir do artista, *pelo qual o artista está apto a dar.*

Aparecendo sómente desde o 2º ato e, assim mesmo, poucas vezes, Olga Navarro marcou-se muito mais fundamente, como atriz, do que em outros papeis mais longos de sua carreira, em que se prometia, mas era imediatamente anulada pela deficiencia dos tipos que lhe confiavam. Ou melhor: pelo unilateralismo desses tipos, que lhe não solicitavam outro esfôrço senão o de ser sempre a mesma. Decerto que nós sabiamos que Olga Navarro era uma atriz inteligente possuidora de uma das mais belas e maleáveis vozes de nosso Teatro de comédia, sempre bem no tipo de dama fatal ou fatalizada. Mas é que, uma vez fixada nesse tipo, nunca mais o tiraram dele. E daí a gente supor limitadas a isso suas possibilidades interpretativas "Yayá Boneca" dá-lhe uma oportunidade grande. Como que lhe abre um caminho novo, mostrando lhe que muitas coisa pode fazer fora do tipo em que esteve catalogada.

Seu papel, todo feito de melancolia, de vida interior, de concentração e da sobriedade, foi vivido com grande verdade e infiltrante emoção. Esteve espiritualissima, sem fugir do humano; romantica sem capitular ao exagêro. Revestiu seu tipo de uma austeridade muito suave e de sadio sentimentalismo; deu-lhe o comedimento que o completou muito bem. Enfim: uma autêntica moça de 1840 — mas fora da caricatura da pureza.

Lucia Delor confirmou a promessa de sua estréia, vestindo inteligentemente o tipo que lhe coube viver. Muito embora no 1º ato não tivesse dado ao papel a vida e o realce que êle exigia, para que não falhasse o efeito de suas falas e de suas atitudes, apresentou, em linhas gerais, um trabalho bom, sob qualquer aspecto. Começou, porém, a se destacar desde o momento em que Emerenciana traz os castiçais, na noite do castigo de Cristino. Daí em diante não há restrições a opor a seu trabalho — as situações tristes vividas muito mais intensamente do que as de alegria, revelando a ingênua-dramática que o tipo ingênua-ligeiro está ocultando.

Sadi Cabral é outro grande va

Miguel Torga, Vitorino Nemésio, Manuel Anselmo, Alvaro Moreyra, Sergio Soares e outros.

PENSAMENTO — Números 104 e *105 — Outubro* e Novembro — *Porto — Portugal*. Revista Quinzenal de Divulgação Social e Científica, Arte e Literatura.

O TRABALHO — Números 262 e *263 — Viseu — Portugal* — Jornal Semanal e Republicano contendo DA GENTE MOÇA — página literária dirigida por Maria Selma e Lobão Vital.

lor de "Yayá Boneca": muito expressivo, muito sincero. Com o moleque Cristino teve uma portunidade que talvez muito dificilmente se repita. E soube aproveitá-la com entusiasmante inteligência.

Delorges fez, com o talento que lhe conhecemos e a dignidade exigida pelo papel, um conselheiro bastante *vivo*. O tipo não poderia ter sido mais bem composto e mais bem projetado. Poucos atores o fariam tão bem quanto êle.

Rodolfo Mayer foi satisfatoriamente desgraçado e suficientemente romantico: deu o tipo de devia dar. Coisa, aliás, comum na carreira de Rodolfo Mayer, que é sempre o que deve ser, em qualquer papel que lhe seja confiado. Por isso mesmo o teatro brasileiro tem nele um dos seus valores mais definitivos.

Palmira Silva esteve uma Emerenciana completa. Convenceu e comoveu. Chegou a dar a impressão de que, sem ela, a peça ficaria incompleta.

Luiza Nazareth perfeita, numa personagem de sua especialidade contribue grandemente para o sucesso da comédia, enquanto Francisco Moreno, um pouco hesitante ainda, fêz o que pôde para não destoar e Augusto Anibal, pelo prodigio de contrôle a que atingiu, fazendo o menos possivel as suas graças (temiveis num elenco do gênero), teve um pequeno papel cômico que não comprometeu.

Citemos ainda Edmundo Maia no padre, que conservou uma linha de intérprete positivamente impecável. E não esquecemos o figurante que fez o feitor — muito verdadeiro na maneira porque o apresenta.

Cenário ótimo, de Colomb, o que de algum modo concorre para o agrado geral do espetáculo.

TEATRO JOÃO CAETANO — TEATRO DO ESTUDANTE

A apresentação de "Romeu e Julieta" pelos estudantes, correspondeu, ultrapassou mesmo, a espectativa com que era esperada. Foi uma bela amostra do que pode uma coletividade animada de um mesmo impulso realizador, harmonizada dentro de um ideal creador dos mais altos e dos mais sadios. E foi tambem uma oportunidade que revelou valores novos para o nosso teatro, tão pobre do chamado elemento novo, que nele existe em exceções.

Naturalmente que todo mundo foi ver "Romeu e Julieta" sem exigência maior senão a de ver um bom espetáculo de amadores. Mas o que se concluiu é que todos podiam ter ido para julgar uma estréia de atores de verdade. Os principais papeis foram defendidos brilhantemente. Desde a Julieta intensamente vivida por Sonia Oiticica, até o tipo puramente caricatura da Ama, todos os personagens nos foram dados com bastante lucidez interpretativa. Sentia-se, sobretudo, de parte dos estudantes, "compreensão" do que estavam fazendo. Não houve intérprete instintivo sómente. Revelaram-se vocações, sim. Mas vocações concientemente utilizadas: jovens que usaram de sua inteligência "em perfeito sentido", como se costuma dizer, isto é, em pleno conhecimento das dificuldades do trabalho a que se propuzeram e das personalidades que viviam.

Nunca é demais dizer-se que tivemos em Sonia Oiticica a revelação de uma organização artistica que não pode ficar indiferente todo aquele que deseje, de verdade, um belo futuro para o teatro brasileiro. E que, pela mesma razão, a sinceridade e o brilho com que se destacou Athayde, no Tebaldo, a justeza de traços com que Antônio de Pádua marcou a personalidade de Mercurio e o "á vontade" demonstrado por Paulo Porto na sua encarnação de Romeu são realidades que devem ficar consignados, para serem lembradas das sempre.

Tambem não podem ficar esquecidos o intérprete de Páris; Mafra-filho que, por já o sabermos capaz, não nos surpreendeu fazendo bem o seu Frei Lourenço; o joven que compôs o boticário; a estudante que fez a Anna (que esperamos num papel menos caricatura par mais bem podermos avaliar de suas possibilidades), e tantos outros estudantes que deram bastante de seus esforços para a harmonia, conseguida, mas que mencionar aqui seria por demais longo... e impossivel, porque não lhes conhecemos os nomes.

Há restrição a fazer, talvez, ás vozes, moças demais, dos personagens velhos. Mas cabe essa restrição num caso como êste? Não é isso falha irremediável, ante o fato de ter sido um espetáculo que devia ser realizado, :inteiro", por moços? E inu'teis e descabidos são todos os outros reparos a fazer: foram coisas que não podiam deixar de ter acontecido e que só um visionário poderia esperar diferentemente.

O que se conclue disso tudo é que o Teatro do Estudante resultou num grande, num sensacional nascimento de estrelas. Fato mais sensacional, ainda, do que o dos quatro gêmeos estadonovenses, que tanta publicidade vem merecendo dos jornais. E com a vantagem de não ter havido nenhum Getulinho para morrer, enfraquecendo o conjunto.

Consta agora que o Governo tomou conhecimento do esfôrço dos estudantes, de Itália Fausta e de Pascoal Carlos Magno. Ainda bem. Mas que seja apenas para evitar-lhes sacrificios grandes e não para lhes impor normas de conduta ou recuos num empreendimento tão lindamente iniciado. Porque a vantagem está em que êles continuem como começaram. Se vão ser reduzidos a funcionários pu'blicos, então o melhor é que não lhe dêm auxilio algum: como Companhia independente êles ficarão melhor.

●

HONRA AO MÉRITO — *Waldemar de Oliveira — Recife* — Teatrólogo, musicista, ensaista, professor, Waldemar de Oliveira é uma das mais brilhantes expressões do pensamento moço de Recife. Algumas de suas comédias — pelo que valem, como literatura e como teatro — deveriam interessar a qualquer emprezário de bom gôsto e decidido a organizar repertório submetido a rigoroso critério de seleção. Está nesse caso "Aonde vais, coração?", que a Companhia Renato Viana vem de encenar, em Recife. E está nesse caso "Honra ao Mérito" recentemente publicada. Em qualquer das duas, Waldemar de Oliveira não explora o teatro de situações, mas simplesmente o de emoção e pensamento. "Honra ao merito" defende uma tése a favor de uma perfeita honestidade profissional no exercicio do magistério e é um libelo contra a desmoralização do ensino e das profissões. Dentro dessa orientação puramente doutrinária (doutrinária, no bom sentido) a comédia está esplendidamente realizada. E deve-se citar, entre os grandes méritos do autor, a sobriedade dos traços emocionais, a justeza, elegancia e naturalidade dos diálogos, a realidade das situações. Tudo isso dentro de uma atmosfera de moderada teatralidade, em que tudo se sucede fluentemente, normalmente, e em que o ambiente moral atinge, por vezes, a um grau bem consolador de grandeza.

Comédia capaz de fazer pensar, de despertar discussão, "Honra ao Mérito" faz jús a um acolhimento entusiasmado de parte de quantos se interessem pelo bom teatro, no Brasil. Nela, apenas uma coisa não é boa: o titulo. — M. I.

C I N E M A

TRÊS CAMARADAS — Eis ai a maior emoção cinematográfica do ano. Não importa tenha sido desvirtuada, ás vezes, a obra de Remarque (provavelmente com consentimento seu, porque acompanhou a filmagem e algumas liberdades tenham sido tomadas em tôrno dela: o filme, como cinema, é uma realização da mais alta expressão emocional. Borzage, na direção, conseguiu inteiramente isto: um filme alma, totalmente alma, comoventemente alma. Tôda a vida interior dos personagens projetada com uma felicidade surpreendente; o máximo de emoção atingido com sobriedade e beleza. E tudo construido num clima de harmonia envolvente. Há momentos insuperáveis: as cenas de praia, o final, a conversa de Pat e Robby sob as estrêlas, o diálogo dos mesmos no quarto do Sanatório...

Margaret Sullavan, na Pat, é o mais belo momento do cinema americano — numa interpretação só comparável, em grandeza, a de Louise Rainer em "Terra dos Deuses", ou as de Greta Garbo e Katherine Hepburne em seus momentos maiores Trabalho todo interior, vindo á tona apenas pelos olhos, pelo sorriso e por uma voz rica de graduações.
Sua expressão de espanto, após a hemoptise, e qualquer coisa de profundamente impressionante, pela sua verdade. Mas não se póde destacar, propriamente, esta ou aquela cena sua, para citá-lo como melhor: poucas vezes se consegue, em cinema ou em teatro, tão perfeita harmonia e tão perfeito equilibrio na grandeza como os que Margaret Sullavan conseguiu, vivendo Patricia Hollmam.

Imediatamente depois vem Franchot Tone — este grande artista que nem sempre é tratado como merece. E' um dos melhores papeis de sua carreira. Robert Young, no Gotfried, teve o seu papel obscurecido, propositadamente, parece, para livre percurso do filme. Robert Taylor, ainda muito "yankee em Oxford", embora apagado, não comprometeu o conjunto. "Três Camaradas" é dêsses filmes que ficam gravados na sensibilidade de todos, pela sua dupla expressão: artistica e humana. Emociona e faz bem. — M. J.

SO' PARA MULHERES — Outro grande filme, embora marcado dos defeitos peculiares aos filmes europeus. Mas passivel de restrições. Os problemas criados, por exemplo, são forçados: nenhum deles é consequencia do regulamento do Abrigo. Uma vez lançados, porém, temos que reconhecer que foram magnificamente tratados. Jacques Deval impõe-se como diretor principalmente pela sutileza com que soube apresentar certos fatos e situações, até entao nunca mostrados, em cinema. De quando em quando um deslise, é verdade, no que diz respeito á lógica dos tipos criados. Nem mesmo o da médica, que avulta por todo o filme, como expressão de inteligencia e compreensão, escapa a esses deslises. Assim na cena com a jóvem mórbida e criminosa, onde é mais juiz do que médica — o que é inadmissivel em um romance de tão amplo sentido humano: para ela, uma médica, aquela jóvem deveria ser um caso clínico como outro qualquer.

Há tambem uma tendencia censurável para a caricatura, prejudicando, muitas vezes, a emoção do filme.

O episódio sentimental de Danielle Darrieux, por exemplo, sofre a consequencia dessa caricatura. O "travesti" imposto a seu galã, já por si próprio ridículo, torna-se um lamentável mau gôsto quando se atenta nas situações que vai viver.

Na interpretação sobresáem Valentine Tessier que é uma grande intérprete e a atriz encarregada de encarnar a Alice, cujo nome não precisamos por não ter vindo discriminado na distribuição.

Danielle Darrieux dá nome ao filme. Desde "Mayerling" e "Tarass Boulba" nada mais lhe tem sido dado a fazer de aproveitável. Insistem em mostrá-la em comédia, para o que é a negação. Felizmente em "Só para mulheres" está mais comedida do que em "Dupla do Barulho". As demais intérpretes conduziram-se bem. Com exceção da que fez a diretora, que carregou demais nos traços.

A platéia carioca tem gargalhado, no Palácio. E vá a gente defender a platéia carioca... — M. J

O FURACÃO — Pode-se dizer, sem nenhuma benevolencia, que, no seu gênero, é o "O Furacão" uma das maiores realizações do Cinema. Filme em que se procurou transportar para a tela toda a violencia da natureza em furia, todo o horror dantesco de um tufão destruindo impiedosamente uma ilha que, pouco antes, não conhecia do mau nada, a não ser a irredutibilidade do governador francês, duro até á crueldade no que julgava ser o cumprimento do seu dever, nem por isso despreza a realização de um enredo digno de ser visto.

O problema social encarado pelo filme, provando que as penas não podem ser iguais porque os criminosos são diferentes, faz o espectador refletir. Fotografias excelentes, efeitos sonoros muito bem realizados, fôrça de realismo absoluto, interpretado por um elenco que se saiu muito bem de sua tarefa, tem o filme momentos verdadeiramente inesqueciveis.

John Hall está muito bom, mantendo de principio a fim o seu ar de homem primitivamente ingênuo. Dorothy Lamour, como sempre se mantem discretamente no seu papel de beleza decorativa. Mas, especial referencia merecem as figuras secundárias do filme, magistralmente interpretadas. O governa-

R A D I O

Os programas de rádio andam sem maiores estreias. Podem ser assinalados uns bons cantores, algumas orquestras e os teatros que continuam com altos e baixos.

⁂

Depois das maravilhosas Marimbas que a PRA - 9 nos proporcionou, temos agora o conjunto feminino de Tina Vita na Rádio Tupy.

⁂

Os cantores em relevo são os mesmos: Candido Botelho, Paulo Serrano, Mauro de Oliveira, Dora Barbieri Gomes e outros.

⁂

Manuel Monteiro, o português de voz aveludada, está na Vera Cruz com um programa dominical. Foi uma boa ideia, resta conseguir elementos interessantes para manter certo equilibrio. Manuel Monteiro inspira confiança aos admiradores da canção lusitana.

⁂

Os teatros não têm, apresentado qualquer melhoria na seleção de repertorio. A Mairinck de quando em vez apresenta peças leves e agradaveis. Assim, depois de dramas tremendos e intoleráveis foi representada a 2.ª comedia de Cesar Ladeira — **Sessenta beijos por minuto.** E' trabalho que não tem grandes méritos mas que merece elogios. O enredo bem desenvolvido prende bastante a atenção do ouvinte e vale principalmente pela coêrencia de motivos. O **speaker** póde ser autor mais vezes; os radio-ouvintes terão os nervos em bom comportamento e os fatigados das lutas diárias trocando o rádio pelo sono.

⁂

A volta de Barbosa Junior foi es[illegible] e se realizou numa noite em que os admiradores de Luiz Barbosa sentiram vivas as saudades do inesquecivel cantor popular.

⁂

O Dr. Ortiz Tirado está mais uma vez cantando ao microfone da PRE3.

⁂

Silvinha Melo já voltou de São Paulo

---

dor, o padre e o médico são excelentes. Enfim, por sua direção, entrecho e movimento é "O Furacão" um filme que é cinema cem por cento e que indeniza o espectador do grande número de babozeiras com que as fábricas costumam inundar o mundo, com a única finalidade de obter lucros sempre maiores. — D. C.

AVES SEM RUMO — Podia ser um grande filme, porque tem material para isso. Mas teve apenas alguns momentos bons. Deficiente em qualquer sentido, sobretudo como emoção. Anne Shirley — a única grande ingênua do cinema americano — está encantadora como sempre. E faz seu papel com sinceridade e ternura. Ruby Keeler, de quem já nos julgávamos livres, voltou. Sem bailado — o que é pior. Porque ao menos dansando a gente não a via direito. Fay Bainter tem um grande papel. Os outros nada têm a fazer — com exceção do garoto que têve instantes deliciosos.

As cenas finais de assombração são horriveis: não têm a menor graça. Mesmo assim o filme deve ser visto. Anne Shirley merece ser prestigiada. —M. J.

PRECISA-SE DE TRÊS MARIDOS — Loretta Young, Joel Mac Crea, David Nivem e a inesquecivel Alegria de "Segunda lua de mel". Com um grupo assim não há filme mau. Sem pretensões a grande, mas espirituoso, leve, elegante, inteligente, realiza bem sua finalidade: o espectador, enquanto o vê, está convencido de que está diante de alguma coisa de novo, pelo encanto que emana de artistas e ambientes. E como depois ninguem mais se lembra do filme, êle continua a ser considerado encantador. —M. J.

A GRANDE ESTRELA — O filme alemão não merece ser visto. Com Martha Eggerth, porém, a gente procura fazer excessão. "A Grande Estrêla" aniquila, para sempre, essas boa vontade. E' a coisa mais vulgar dos u'ltimos tempos. Tem tudo quanto é ruim: enredo falso, situações ridiculas, graças grosseirissimas. Até Martha Eggerth dansando a Rumba. — M. J.

PEQUENO PETULANTE (LORD JEFF) — Nos tempos que atravessamos o cinema vai tendo um apreciavel valor educativo e está produzindo bastante nos países em que consegue se realisar de fato.

Freddie Bartholomew, Mickey Rooney e Terry Kilburn, interpretando magnificamente uma historia muita vida dão a este filme sentido emocional legitimo.

Depois de assistir a seção do Metro, fica uma sensação de desabafo a morar na gente, e a convicção de que o material humano nunca representa um fracasso definitivo faz bem.

O espectaculo da reabilitação do menino transviado mereceu com justiça a rubrica de "EDUCATIVO" O elenco se comportou de maneira satisfatoria e Sam Woord, o Diretor, proporcionou á Metro-Goldwyn-Mayer um trabalho edificante. — S.